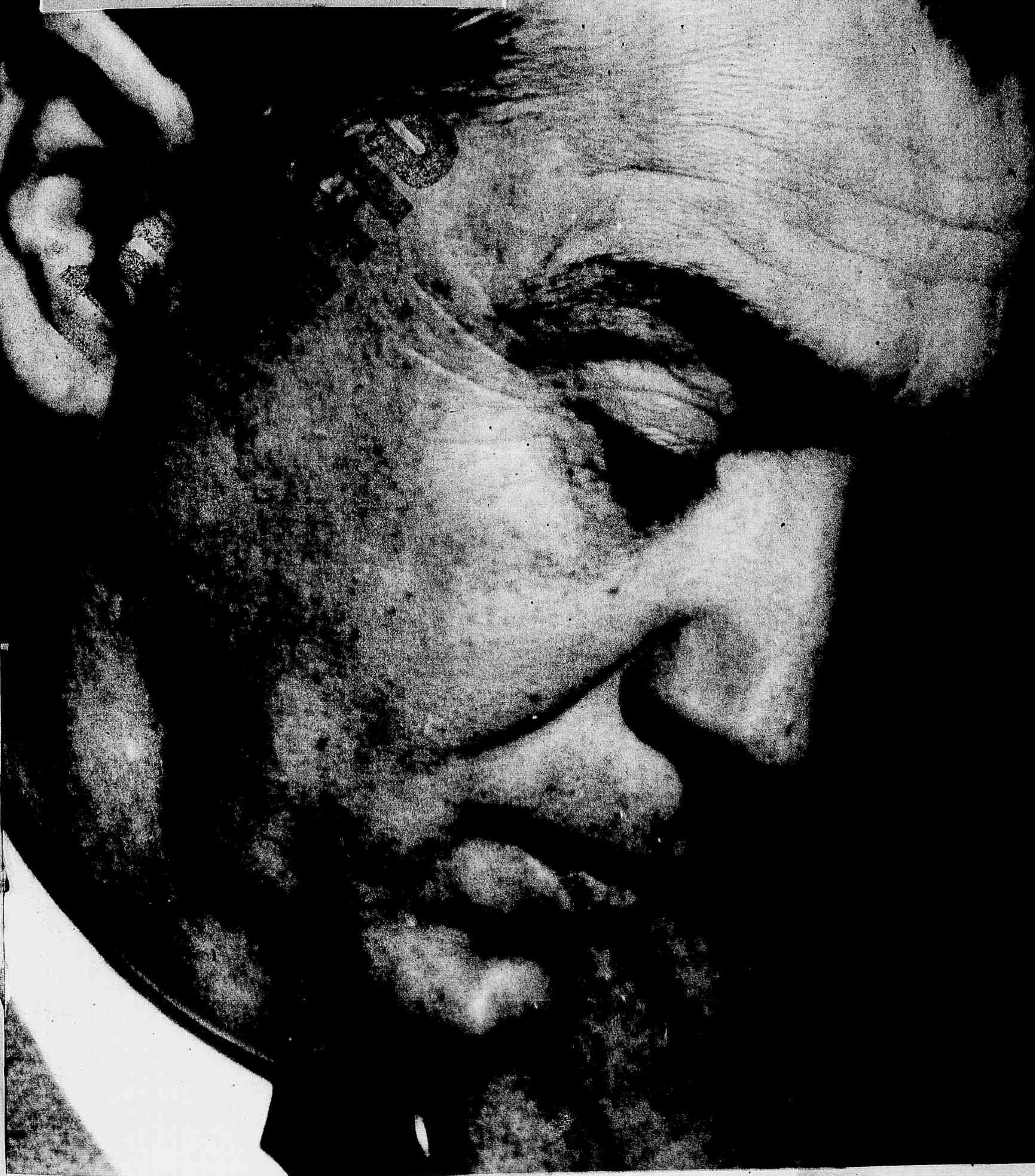


REVISTA DA SEMANA

N. 44 29-10-55 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil



A LUTA DE JUSCELINO NÃO ACABOU EM 3 DE OUTUBRO





LILIANE 40 GRAUS...

N

ASCIDA em Paris, filha de italianos, vivíssima, azougada, com a mania de escancarar a boca e de arregalar os olhos, dominada por uma vontade dêste tamanho de vencer em Hollywood. Liliane Montevecchi está, atirando as pernas bem feitas para todos os lados, tirando fotos e mais fotos em Culver City, e de quando em quando fazendo um pequeno papel, para apanhar prática.

Parece que depois de vir essa prática, a pequena aloucada, espalhando-se tôda fará sucesso. De vez em quando o cinema — mórmente Hollywood, que sabe dar destaque ao gênero — precisa de uma figura assim. Para começar, essas figuras são muito estimadas, geralmente, pelos paginadores de revistas e suplementos dominicais, pois geralmente fornecem «stills» movimentados. Vai-se ver, depois, essas criaturas podem fazer coisas boas, têm sensibilidade, chegam a ser artistas de certa categoria.

Liliane Montevecchi quer justamente isso. Por enquanto não se incomoda de fazer figura de taradinha, alucinada, de favorita de pai-de-santo. Espera para dia não distante a sua oportunidade. Vamos ver. Liliane fêz sua estréia em «O Sapatinho de Cristal» (The Glass Slipper), com Leslie Caron, e perturba um pouco a vida de Steward Granger em «O Tesouro do Barba Rubra». Espera fazer um papel dramático quando inspirar confiança ao estúdio que a tem sob contrato. Já andou pela África do Norte, pela Riviera e por New York. Quer ficar em Hollywood. E vencer. Bem, isso se não lhe der a louca antes do tempo... (Fotos M.G.M.)





O BEIJO DE "EL DIABLO"

BARBARA CARTLAND

(CAPÍTULO V)

Ilustração de RAMÓN

AQUELA mesma noite, um pouco mais tarde, estava Skye em seu quarto, sôzinha, quando um súbito barulho de passos apressados, na sala de estar ao lado, veio desviar-lhe a atenção. Skye encaminhou-se, nervosa, para o local de onde provinha o ruído. E ali deparou com o próprio El Diablo, cuja face, transtornada, chegou inclusive a amedrontá-la. Seus olhos brilhavam como tições, os lábios tremiam de fúria mal contida. O bandido caminhava de cá para lá, quando a surpreendeu à porta do aposento, estupefacta. Pegou-a violentamente pela cintura, e empurrou-a, por assim dizer, à sua frente, porta a fora:

— Para onde está me levando? Não estou sequer vestida — gritou Skye, súbitamente lembrada de que na pressa mal disfarçara sua nudez com uma combinação frágil e transparente.

El Diablo depositou-a afinal a um canto do galpão enorme. Ao fundo, um homem jazia ensanguentado, atado por cordas a um poste, carregado de cordas nos pés e nos braços. Era o indígena a quem Skye havia subornado.

O CHICOTE

O chicote fino e ágil de El Diablo cortou o ar e chocou-se, com um ruído seco e ríspido, contra a pele lisa do prisioneiro. Um gemido ecoou, enquanto o látigo erguia-se para mais um golpe, e mais outro, e outro mais. Ao todo, vinte bastonadas, que soaram como tiros de revólver na imensidão da noite.

Skye colocou o rosto entre as mãos, e, seguindo o rumo que lhe indicava o instinto, atravessou de um jato, toda a extensão do galpão, passando pelo salão e indo afinal parar no recesso de seu quarto. Apenas se detivera, horrorizada, ante a mesinha da penteadeira, diante de um espelho que lhe devolvia uma imagem trêmula e espantada, notou que El Diablo a acompanhara, quase imperceptivelmente. Lentamente aproximava-se dela, que não ousava sequer enfrentar novamente aqueles olhos terríveis, cheios de ódio e de indignação.

— Um servidor bom e leal, miseravelmente tentado e levado à ruína por deliberação de uma desconhecida, disse El Diablo, em tom ameaçador.

Skye estava por demais estupidificada e atemorizada pelo que havia visto, para imaginar o que poderia ainda fazer, em sua ira surda, o ultrajado El Diablo.

Num relance ela entreviu o brilho da prata no seu punho que se erguia no ar. Sentiu contra os ombros uma pressão dolorosa, como se uma adaga a atravessasse, e tombou sobre a cama, enquanto o punho erguia-se novamente pronto a desferir novo golpe. A sêda delgada de sua combinação não constituía proteção, e ouvia seus abaixados gemidos, até

que a dor tornou-se por demais intensa para ser suportada. Quando tombou o último golpe, estava já semi-inconsciente.

DE NOVO GUY TREMAYNE

Skye novamente remexera a gaveta em que encontrara havia alguns dias a carteira e o passaporte. O documento estava escrito em espanhol e Skye não conseguira traduzi-lo. Afinal, entendeu, por conclusões mais ou menos felizes, que se tratava da troca de cidadania de El Diablo. Guy Tremayne, cidadão britânico, tornara-se por ele Guido Tremayna, súdito de Mariposa. Impacientemente a moça olhou no fundo da gaveta, revirando-a para ver se ainda encontrava algo interessante. Ainda havia uma pequenina caixa. Skye a retirou, e ao descerrá-la, um pequenino papel, encardido pelo tempo, saltou a seus olhos. Ergueu-o com curiosidade. Não era senão um recorte de jornal, e dizia: «A Gazeta Londrina anunciou a condecoração, com a Grã Cruz de Mérito Aero-náutico, por atos de bravura na frente de guerra, do Chefe de Esquadilha Guido Tremayna, cidadão de Mariposa, servindo atualmente com a R.A.F. no Oriente Médio».

El Diablo, no presente, podia erguer a voz contra a Grã-Bretanha, mas estivera a ponto de dar sua vida por ela, quando se encontrou em perigo.

GRANDE RISCO

Aquela tarde, El Diablo falou-lhe que iria encontrar-se afinal com Alejo, ditador de Mariposa, em Jacara. Claro que aquele encontro poderia ser uma cilada; mas El Diablo estava disposto a tudo sofrer, até a tortura, para preservar a paz em Mariposa. Dirigir-se-ia a Jacara em companhia de quase duzentos homens, e mais de Skye. Não seria aconselhável deixá-la no reduto, caso ele não voltasse.

— No outro dia de madrugada, El Diablo, elegantemente vestido, colocou-se à frente de sua coluna. Skye caminhava a seu lado.

— Que aconteceria se Alejo o atraísse, não permitindo que voltasse em liberdade, tal como lhe prometeu? perguntou Skye.

— Eis a razão porque a trouxe comigo.

No momento em que a comitiva penetrou nas ruas estreitas da cidade, crianças acercaram-se curiosas do local. Mulheres apinhavam-se nas varandas e nos galpões, lançando flores sobre o chefe. Foi quando Skye ouviu um grito:

— Perigo! Perigo!

Era a voz de alguém alucinado de terror, que se elevava sobre a multidão.

— Perigo! Voltem! Voltem!



● **RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA** — Skye Standish, rica e aventureira jovem, foi em busca de aventuras à cidade de Jacara, capital de Mariposa, republiqueta sul-americana. Ali, entra em contacto com um famoso bandido, El Diablo, que termina por raptá-la, forçando-a a com êle casar-se. Tentativas baldadas de fuga, por parte de Skye, terminam por irritar o bandido, que chega inclusive a fustigá-la. Porém Alejo, ditador de Mariposa, convida El Diablo e seu bando a comparecer diante de si, a palácio, a fim de pôr termo à guerra civil. E quando El Diablo aquiesce, algo receioso, ao convite...

Skye podia agora enxergar o autor do aviso: um rapaz ainda bem moço, que corria resfolegante para o lugar em que se encontravam, bracejando com vigor. Então, ecoou o ruído áspero de um tiro, e o moço tombou arquejando. Quase imediatamente, começou a fuzilaria. Uma bala passou um palmo acima da cabeça de Skye, indo atingir um homem pouco atrás dela, que caiu com um gemido. Relinchando, o cavalo de El Diablo erguia-se sobre as patas dianteiras, habilmente manejado por seu dono, que se punha como escudo à frente da moça aterrorizada. Contudo, o animal, assustado demais com a fuzilaria cada vez mais intensa, terminou por lançar El Diablo longe, ferido. Skye ao voltar-se para trás, deparou com o corpo inanimado de El Diablo, tombado na calçada. Ao correr para socorrê-lo, porém, notou que o fiel Juan já se encontrava ali, ao pé do amo, e a olhava com desconfiança.

PARA O IATE

— Tragam-lhe uma maca, urgente!

Era Juan que gritava. Skye ouvia-o pedir socorro para os companheiros paralisados de susto, enquanto erguia nos possantes braços o corpo aparentemente sem vida de El Diablo e o depositava num recanto mais afastado do local de combate, a salvo das descargas mortíferas. Os olhos do chefe estavam fechados, e sangue escorria de sua ferida, na cabeça.

— Estará acaso morto? perguntou Skye, aflita.

Juan sacudiu a cabeça:

— Não, señorita. Mas precisamos de muito cuidado para que a morte não venha encontrá-lo. Se ao menos tivéssemos um lugar para onde carregá-lo e ali tratá-lo com mais cuidado...

— Para o meu iate! Levem-no para o meu iate!

EM SILENCIO

A batalha continuava intensa, com pesadas baixas de lado a lado. Mas os homens de El Diablo, pegados de surpresa numa emboscada, e ainda por cima privados de seu chefe, ferido logo no primeiro encontro, perdiam terreno a cada minuto que se passava. Os cadáveres de muitos juncavam as ruas estreitas e sujas de Jacara, por onde o sangue formava longos filetes que iam se perder nos boeiros e esgotos. O zunir das balas sobre suas cabeças não os intimidava, porém a vista do chefe ferido, tombado a um canto da calçada, cuidado por Juan e Skye, preocupava-os a ponto de lhes tirar toda e qualquer possibilidade de vitória. Por isso, resolveram retirar-se. Não adiantaria nada permanecer em grupo, no meio das avenidas, servindo de fácil alvo aos inúmeros atiradores, invisíveis, abrigados à sombra de prédios e em cima das árvores, vendo, e sem ser vistos.

(Cont. no próximo número)



A FIGURA EM FOCO



M. C.

Pode não ir à Vice-Presidência,
Mas o prêmio maior já o ganhou:
Tanta gente de bem nele votou.
Porque é limpo, tem honra e
[inteligência.]

Ano

REDA

ASSI

PAGI

COLA

tenes

Ferre

Milto

e Vin

ILUS

Fortu

FOTO

Arna

● R

Lilian

A lut

d

Aimé

Cães

Oswo

Quan

Um c

Alion

Quan

● S

Figur

Chan

Puxe

Flash

Músic

TV n

Por é

Femin

Sema

Palav

Literá

Sema

Revis

Fortu

● L

O be

u

Çasa

O Co

● C

Ano 56 — Nº 44 — Rio de Janeiro — 29-10-55

REDATOR-CHEFE Celestino Silveira

ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Menezes Júnior, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón. Fortuna, Jerônimo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Liliana 40 Graus	2/3
A luta de Juscelino não terminou a 3 de outubro	8/10
Aimée, a que melhor sabe	14/15
Cães e gatos, amigos sinceros	16/18
Oswaldo Goeldi	20/23
Quando a noite desce	26/31
Um claro enigma: Garbo	34/36
Aliomar Baleeiro	40/43
Quarenta graus à sombra	47/50

● SEÇÕES

Figura em foco	6
Champanhota	11
Puxe pelo cérebro	12
Flash paulista	13
Música	18
TV na Revista	19
Por esse mundo de Deus	24/25
Femininas	32/33
Semana Astrológica	37
Palavras Cruzadas	38
Literária	39
Semana em Revista	44/45
Revista há 50 anos	46
Fortuna	54/55

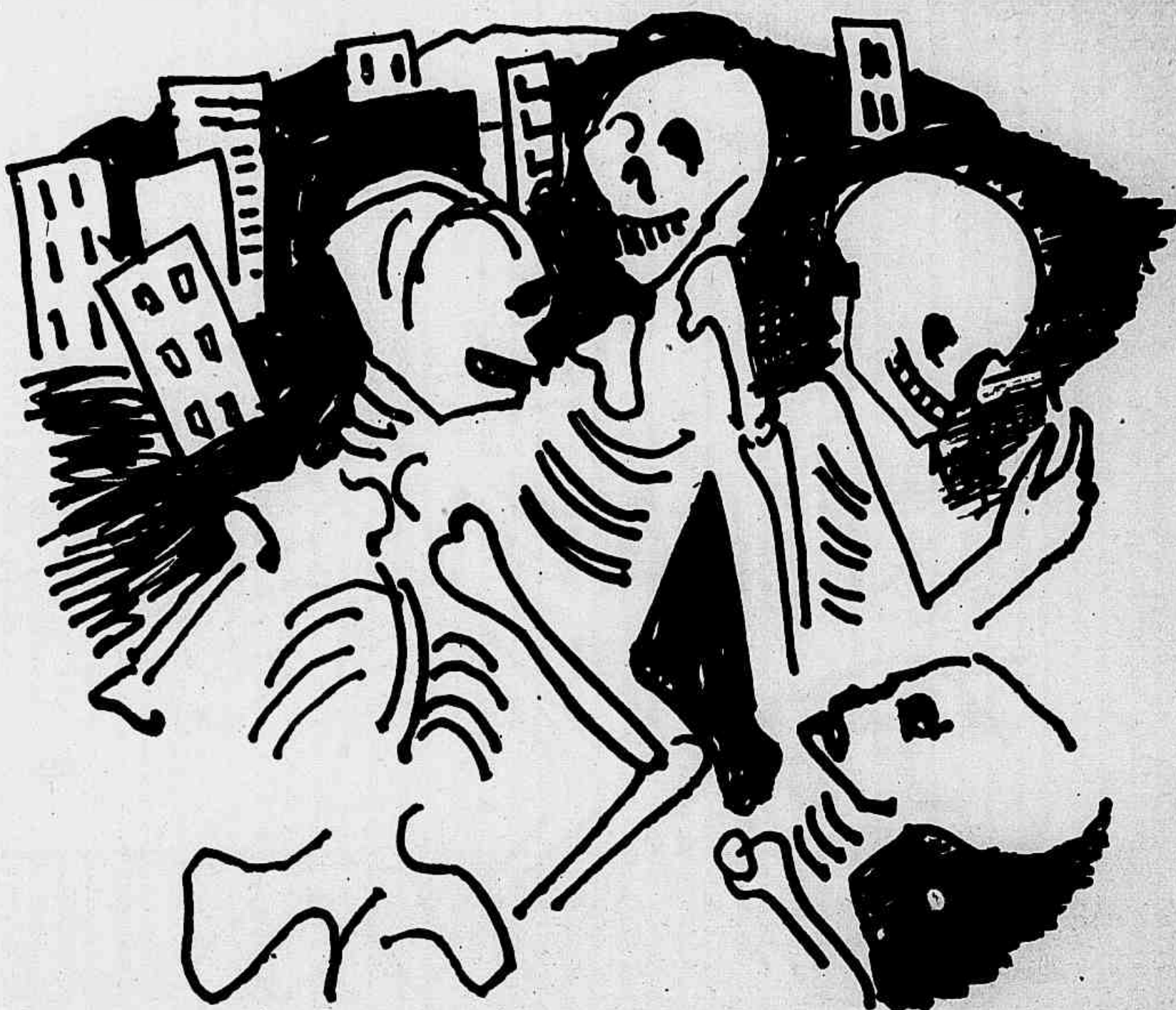
● LITERATURA

O beijo de El Diablo (Barbara Cartland)	4/5
Casa Popular dos Mortos (A. Nery)	7
O Contrabandista (S. Lopes Netto)	52/53

● CAPA

Juscelino Kubitschek
(Foto de Alberto Ferreira)

Este número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

CASA POPULAR DOS MORTOS

JÁ é um consólo para os vivos verificar que também os mortos andam atropelados com os proprietários das sepulturas! Os defuntos que não entraram numa incorporação, agora, diante da nota da Administração do Cemitério de S. Francisco Xavier, devem andar às tontas procurando um lugar para os seus ossos! Não temos descanso nesta vida nem na outra, e os que se suicidaram cuidando que passariam a gozar de paz e tranqüilidade devem estar muito arrependidos! O Conselho Administrativo do Cemitério S. Francisco Xavier baixou uma nota prevenindo aos interessados que, centenas de carneiros estão com os prazos terminados referentes aos cinco anos de sepultamento, renovações de contrato e alguns mesmo com o aluguel atrasado! Exatamente como fazem os proprietários de imóveis com os inquilinos vivos! Quem tiver ossos de parentes em nichos, catacumbas ou covas rasas e quiser conservá-los como bens particulares, necessitam, no espaço de um mês fazer o pagamento legal. Do contrário vai tudo para o incinerador virar poeira.

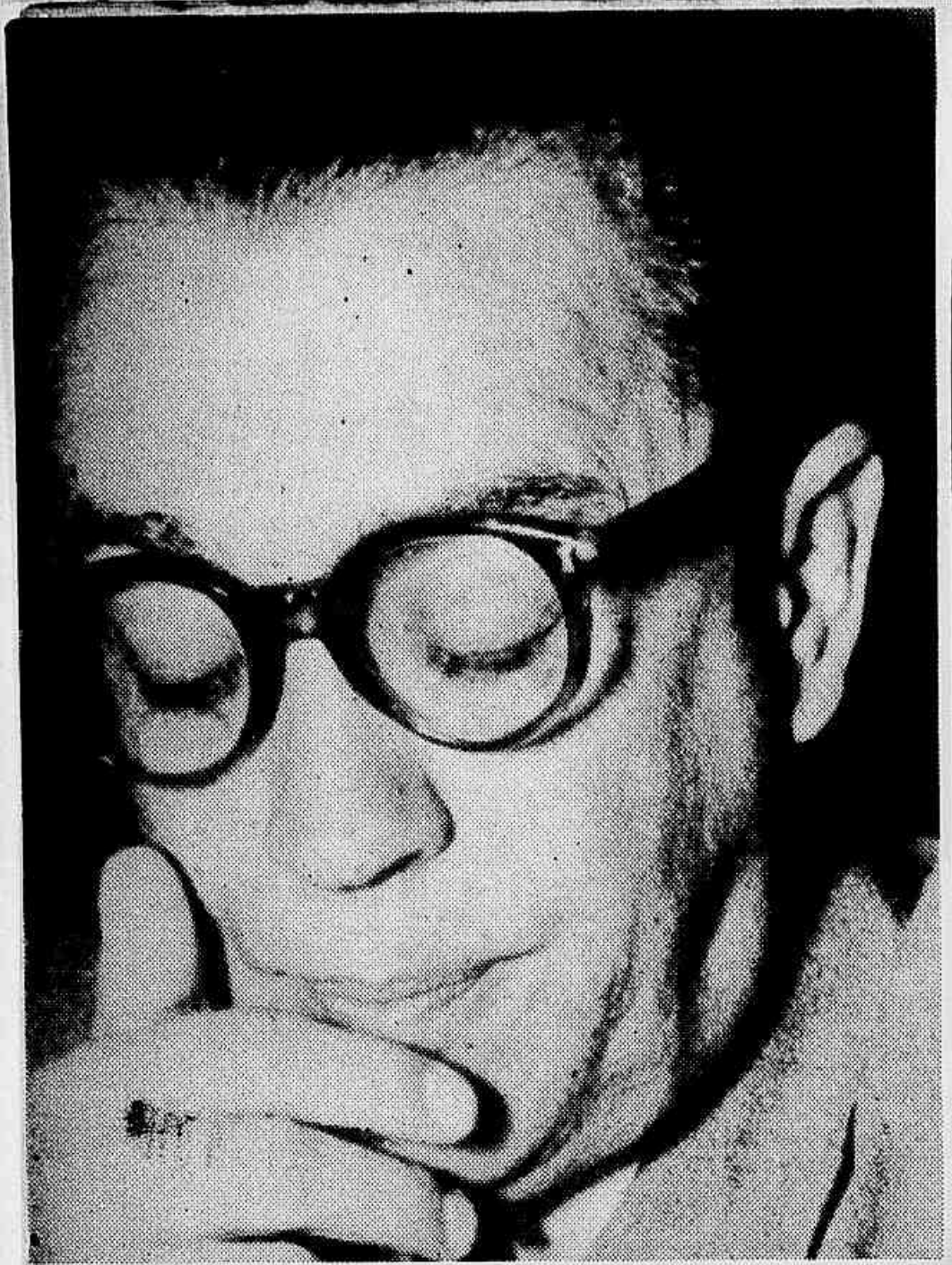
● Neste mundo de Deus vivemos esperando a paz da morte. Por qualquer aborrecimento ou contrariedade apelamos para os seus braços na convicção que ao seu terno carinho todos os desconfortos e perseguições se acabam. Diremos que após a morte não causamos transtornos a ninguém, nem transtorno algum nos ameaça. Puro engano! Se não tivermos o cui-

dado de comprar alguns palmos de terra, se não fizermos parte de um grupo de incorporadores de terreno, acabamos rolando de lá para cá, ameaçados de virar pó, ainda mais pó do que somos, além de darmos várias preocupações aos parentes que ficam por aqui neste mundo atrapalhado e cansativo!

● Isto seria tudo que resta de nós, se não fôsse uma coisa maior e indestrutível para ficar que é a alma! Se já não fôsse por convicção, diante desta nota da Administração do S. Francisco Xavier, eu me tornaria católica. Pensar que depois de longos e penosos anos de sofrimento, de angústia, de tédios e prantos, uma pessoa fica à mercê das dificuldades ou facilidades financeiras para continuar presente na lembrança dos vivos, é coisa que muito humilha e entristece! O problema de habitação pelo que vemos já atingiu o mundo dos mortos e passará a constituir um problema social! Quem foi pobre, não teve meios para assegurar o seu pedacinho de terra para dormir tranqüilo e respeitado na sua tumba, passa a ser objeto de preocupação da Lei. Quem foi rico, continua a residir como em vida entre mármore, bronzes em tumbas que mais parecem salões de palácios! E depois ainda dizem que não há diferenças diante da morte! O problema da casa popular já apareceu nos cemitérios. Leiam o aviso da Administração do S. Francisco Xavier e tomem suas providências caros leitores. Comecem a comprar pela tabela Price a sua residência futura!

ADALGISA NERY

Enquanto os candidatos vencidos descansam,
retazem forças e mudam de assunto



JUSCELINO KUBITSCHKEK, candidato eleito (mas não diplomado) é o que mais sofre com o processo Brandi e a crise ministerial. Seus problemas começaram antes de seu governo. Fechou-se em silêncio diante dos acontecimentos.

A LUTA DE JUSCELINO NÃO TERMINOU A 3 DE OUTUBRO

O DRAMA DO CANDIDATO QUE REUNIU MAIOR SOMA DE VOTOS CONTINUA, CADA DIA MAIS INTENSO: INQUÉRITO DA CARTA BRANDI — DEMISSÕES — MANIFESTOS — CONTROVÉRSIAS ★ JUAREZ, ADEMAR E PLÍNIO LONGE DAS CRISES

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA

● Paradoxalmente, o candidato ao Catete que maior soma de votos apurou, é o que mais está sofrendo até este momento. E, por certo, o continuará sendo. Nunca uma vitória política foi conquistada por tão alto preço — o do sacrifício, começado quatro meses antes da posse! Enquanto os demais candidatos, sem maiores preocupações, conscientes da sua derrota, procuram refazer-se física e espiritualmente, o sr. Juscelino Kubitschek, aparentemente em silêncio, de olhos postos nas personagens centrais do drama (do qual é o protagonista, mesmo «de camarote»). De coração nas mãos, levanta-se, cada manhã, na expectativa de novos e talvez decisivos acontecimentos. Para deitar-se, à noite, nem mais tranquilo, nem menos nervoso, dormindo (ou não dormindo) algumas horas, porque o drama continuará no dia imediato. E sempre, no pensamento, aquela idéia fixa: Que sucederá hoje? Que sucederá até 31 de janeiro?

Já com os seus companheiros de campanha, tudo é diferente: os srs. Juarez Távora, Ademar de Barros e Plínio Salgado, não têm com o que preocupar-se. Perderam, pronto, acabou-se. E' sair para outra, ou não sair. Neste instante, a recuperação física de cada um deles está processada ou a caminho final. Até do acidente de que foi vítima o sr. Plínio Salgado, os últimos vestígios desapareceram. Os dez quilos perdidos, na campanha, pelo general Juarez Távora, foram reduzidos a sete, em duas semanas de repouso numa fazenda misteriosa do interior. E quanto ao sr. Ademar de Barros, prepara uma volta ao mundo para acalmar os nervos. Só o sr. Juscelino vive o seu drama. Com ele, seu companheiro de chapa. Tudo quanto vai ocorrendo, no dia-a-dia político, desaba por sobre a cabeça de ambos. E, decididamente, a luta do ex-governador de Minas, que não terminou a 3 de outubro, parece ainda distante do epílogo.

Vejamos, então, os capítulos do drama do sr. Juscelino na semana última.

AINDA por toda a semana finda o «Caso Brandi» fez convergir sobre si as atenções da Nação, assumindo, por véses, aspectos sensacionais e imprevisíveis. Desembarcado da Argentina, o general Maurell Filho pediu um prazo de dez dias para manifestar-se sobre a carta. Surpreendentemente, antes mesmo de setenta e duas horas de corridas, convocou a imprensa para uma reunião no Ministério da Guerra e declarou falsa a assinatura do comprometedor documento atribuído ao deputado argentino Antonio Brandi. Baseou-se o militar no exame grafotécnico efetuado pelo D.F.S.P., desprezando o laudo pericial argentino por considerar o nosso mais completo. Segundo os peritos da polícia argentina, seria autêntica a assinatura de Brandi. Afirmando já terem sido efetuadas várias prisões de implicados na «intriga internacional movida contra o dr. Goulart», disse mais o general Maurell:

— Tenho elementos que me levam a mais firme conclusão de que a carta falsa (o grifo é nosso) foi escrita nos últimos quatro meses e não em agosto de 1953, e que o deputado Carlos Lacerda foi ludibriado...

Insatisfeito com a afirmativa do general e com os resultados do inquérito por ele presidido, o jornalista-deputado da U.D.N. saiu à campo manifestando sua estranheza pelo modo como vem tramitando a a peça, ao mesmo tempo que lançava ao ar balões de ensaio sob a forma de perguntas que embaraçavam visivelmente o militar e não foram contestadas: — Por que a carta Brandi seria obra de falsários? — Por que constitui uma «intriga internacional» e quais os mandantes da falsificação, além de outros esclarecimentos correlatos sobre pontos obscuros (para ele, Carlos Lacerda).

Sustentando ter sido o general «um precipitado», pelo fato de ter divulgado antes do prazo o resultado da perícia, o deputado Lacerda insistiu — como era esperado — em taxar o resultado grafotécnico de parcial, visto que fôra realizado por uma secção da Polícia Técnica, à qual, no seu entender, faltava competência para tanto — a secção de Física e Química. Apegou-se o deputado, de unhas e dentes, a um cabograma enviado de Buenos Aires pelo general Maurell ao ministro Lott, afirmando responsabilizar-se pela validade da perícia argentina. Isso ocorreu no momento em que era confirmada a autenticidade da assinatura. Firmando-se nesse ponto foi que o sr. Carlos Lacerda optou por uma terceira prova pericial. Seria o desempate.

Outra incógnita para o sr. Lacerda foi o fato de ter o general prendido o indivíduo Malfussi no Rio Grande do Sul e dado acolhida às acusações contra

sua pessoa e contra o coronel-aviador Adil de Oliveira (que está sendo investigado), de que ambos seriam os mandantes da carta.

— Por que o general não prendeu Malfussi no Rio, quando estiveram juntos? — Por que aceitou suas declarações contra o aviador, quando foi o próprio Adil quem os apresentou? — Para que todo o aparato das algemas, soldados, etc., à chegada do prisioneiro?

Estranhando o fato de ainda não ter sido ouvido no inquérito onde é denunciante (o general justifica afirmando que terá muito prazer em ouvir o deputado, mas que ainda não chegou a hora!), o sr. Carlos Lacerda insistiu na mesma tecla:

— A Carta Brandi ainda é um ponto de partida, e no dia em que eu estiver convencido, por provas legais, de sua falsidade, serei o primeiro a reconhecê-lo! Exaltando-se:

— Não preciso de documentos falsos para provar que Jango é um agente peronista!

O inquérito entrava em sua segunda fase no momento em que encerrávamos esta edição. A luta Maurell-Lacerda prosseguia, cada vez mais acesa, ambos buscando e prometendo verdades estarrecedoras que deverão vir à luz, ao que tudo indica, já nos primeiros dias da próxima semana.

● DEMISSÕES, CAFÉ, MINISTROS & JUSCELINO

Enquanto tudo acontecia, o Presidente Café Filho, elogiavelmente imparcial e honesto, proclamava:

— Não há crise militar...

Manifestava-se S. Excia. à propósito das demissões havidas no Exército, que deixaram o país em «suspense». Posteriormente as exonerações propostas pelo ministro Lott e homologadas pelo Presidente Café foram explicadas: Zenóbio fôra demitido da Inspetoria Geral do Exército por uma questão de disciplina, pois segundo Lott não lhe cabia, como fêz, lançar proclamação política e incitar soldados, envolvendo a Marinha e a Aeronáutica.

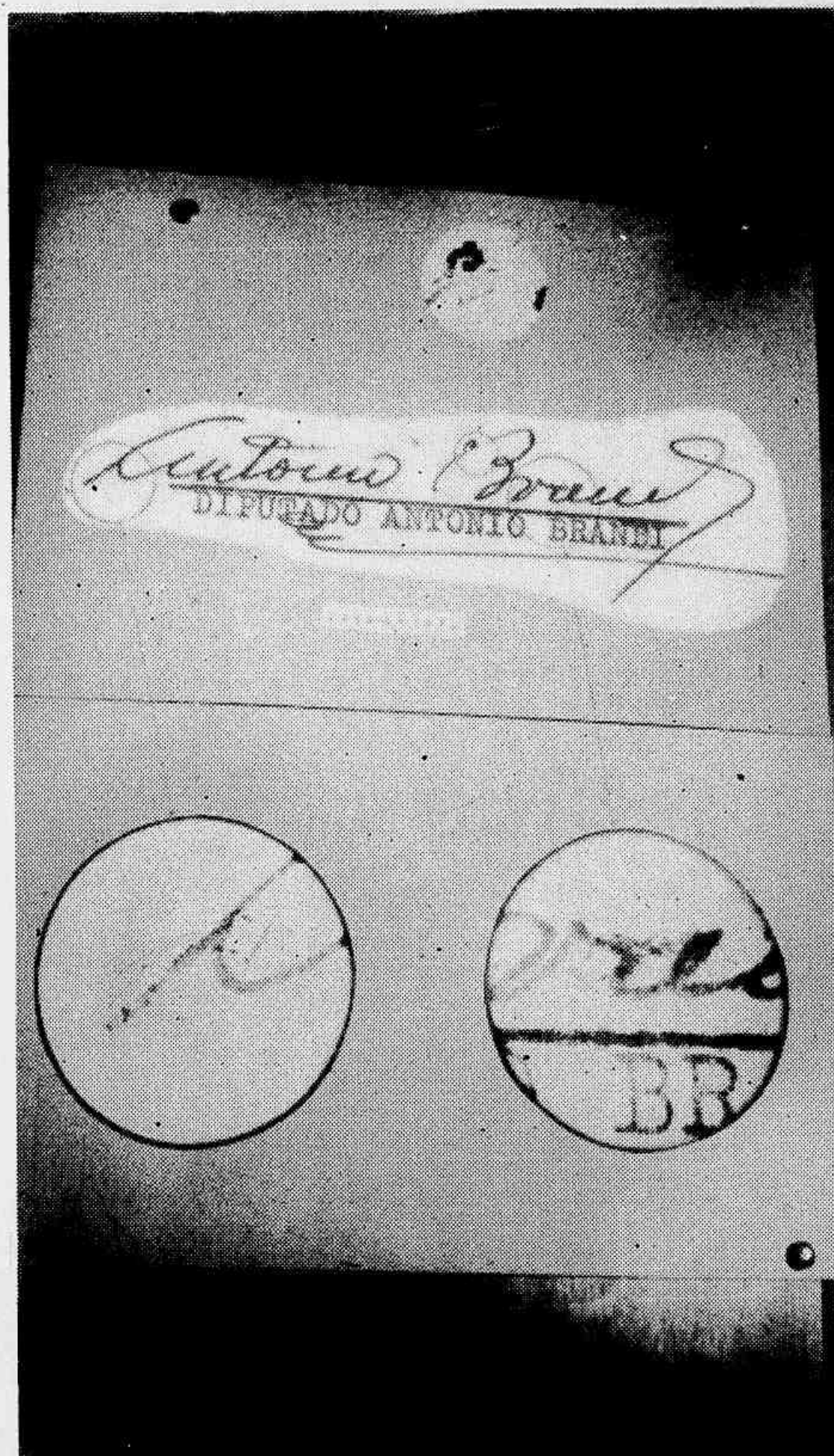
Visivelmente chocado com a medida disciplinar o ex-comandante da Infantaria da F.E.B. fêz uma declaração aos jornalistas que vale por uma advertência:

— Não sou mais Inspetor Geral do Exército mais ainda sou General!

O general Alcides Etchegoyen, também afastado do posto de Inspetor de Artilharia de Costa e Anti-Aérea, excusou-se de falar... no momento. Surpreendeu-o o fato que, segundo apuramos, faz parte do plano do governo manter afastados dos postos-chave das forças armadas elementos comprometidos politicamente ou reconhecidamente simpatizantes de qualquer corrente partidária. Solidários com seu comandante, demitiram-se vários oficiais superiores do gabinete Etchegoyen. Também outras altas patentes foram atingidas pela determinação governamental: os generais João Valdetaro de Amorim e Melo, Adalberto Rodrigues de Albuquerque, Ilídio Rômulo Colônia, este sub-chefe do Estado Maior, bem como o coronel Alberto Bitencourt, chefe do Estado Maior da Inspetoria Geral do Exército. Falou-se na exoneração do coronel Chefe de Polícia, Menezes Côrtes e do general Azambuja Brilhante, comandante dos Carros de Combate, que não chegaram a concretizar-se. No auge das demissões, quando a apreensão se generalizara, correu o boato (logo desmentido) de que o próprio ministro Henrique Teixeira Lott teria seguido o mesmo caminho...

Posteriormente, o general Zenóbio da Costa esteve no gabinete do ministro Lott. Já refeito das emoções anteriores, assim se manifestou aos repórteres, à saída:

— Foi um ato justo e de todo procedente esse que me exonerou, motivo pelo qual recomendo aos meus amigos e camaradas que prestigiem o general Teixeira Lott.



Eis a assinatura que está causando agitação, de Antonio Brandi. Assinalados, os pontos que serviram para confronto. Na República Argentina dizem ser original. No Brasil, falsa. O deputado Lacerda é por um terceiro exame pericial.



ALCIDES ETCHEGOYEN, um dos generais demitidos, sobre a possibilidade de agitações que levem as forças armadas a um pronunciamento, repetiu o que dissera o governador Jânio Quadros: — «Yo no creio en brujas, pero...»



CAFÉ FILHO manteve e homologou as demissões sugeridas pelo ministro da Guerra. Repreendeu o almirante Pena Botto e deixou-o sob a responsabilidade do ministro da Marinha. Depois explicou ao povo: — Não há crise militar!



GENERAL ZENÓBIO DA COSTA, autor do manifesto que ocasionou a crise, passados os primeiros instantes resolveu prestigiar o ministro da Guerra, Teixeira Lott, reconhecendo justiça no seu ato e pedindo que todos o apoiem.



MAURELL FILHO, regressando de Buenos Aires, pediu dez dias para manifestar-se sobre a autenticidade da carta e acabou fazendo-o em 72 horas. Carlos Lacerda chamou-o de precipitado e pediu para ser ouvido...



CARLOS LACERDA: — Não preciso de documentos falsos para provar que Jango é agente peronista... Não concordando com o laudo pericial, o deputado udenista ainda aponta uma série de fatos que julga irregulares no andamento do processo.

TEIXEIRA LOTT, ministro da Guerra, explica as demissões como não tendo origem política e tranqüiliza a Nação. Explica: — É uma questão de disciplina, nada mais...

A LUTA DE JUSCELINO NÃO TERMINOU...

Por sua vez o general Alcides Etchegoyen, bem humorado, declarou a imprensa não conhecer os motivos determinantes da sua demissão, mas terminou por comentar:

— Estive, realmente, por duas vezes, com o ministro da Guerra, expondo, com clareza, os meus pontos de vista sobre a situação política. Não proferi qualquer inconveniência como andam sussurrando por aí. Apenas lhe falei com franqueza e lealdade, revelando o que pensava.

Inquirido sobre a possibilidade de agitações que levem as forças armadas a um pronunciamento, foi claro:

— A situação é realmente grave. Quanto às agitações e suas repercussões, li-mito-me a repetir os castelhanos: «Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay...»

Também na Marinha houve a mesma atmosfera de inquietude, com a quase demissão do almirante Pena Botto. O ambiente foi serenado com a interferência do ministro Amorim do Vale afirmando ao Presidente que o referido almirante não pretende, como se divulgou, adotar qualquer atitude subversiva. Foi nomeado o vice-almirante Maurício Eugênio Xavier do Prado para o cargo de vice-chefe do Estado Maior da Armada, em virtude da exoneração do vice-almirante Benjamim Sodré; nomeado o contra-almirante Hugo de Moraes Pontes para o cargo de diretor geral de Portos e Costas. Após ser advertido pelo sr. Café Filho, o almirante Pena Botto cruzou a barra, a bordo do «Barroso», em demanda ao mar alto onde estará agora realizando exercícios de tiro real. Simples manobras...

Em seguida as inesperadas alterações nos altos comandos militares, os três ministros foram procurados pela imprensa, para esclarecimentos maiores.

General Teixeira Lott:

— Nada tenho a declarar.

Almirante Amorim do Vale:

— Não há nada de novo.

O brigadeiro Eduardo Gomes também furtou-se a qualquer esclarecimento.

JUSCELINO EMUDECEU

Durante toda a agitação evidentemente relacionada com a sua eleição, o sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira emudeceu. Parece que o candidato vitorioso limitou-se a tomar conhecimento dos fatos através da imprensa, sem deles participar. Assim, somente assim, teria sabido da demissão, entre outros, do general Etchegoyen, que com discrição comparecera ao comício de encerramento da campanha juarezista trajado civilmente; do comício feito pelo sr. Carlos Lacerda a saída da igreja onde fôra assistir a missa celebrada pelo restabelecimento do general Canrobert e do telegrama enviado a esse militar que se encontra convalescendo nos Estados Unidos.

Enquanto tudo isso acontecia, o P.S.D. preparava um manifesto «pela legalidade», que pretende lançar apoiado pelos seus próprios dirigentes, pelo P.T.B. e pelos senhores Ademar de Barros e Plínio Salgado. O P.S.B. e o P.D.C. ficaram de estudar o documento e a U.D.N. nem foi consultada.

Chegou a causar espécie a absoluta ausência de ressonância da falação do sr. Juscelino Kubitschek, candidato eleito à Presidência da República.



A SEMANA FECHOU ELEGANTE E HARMÔNICAMENTE — O LA- GOINHA DEU UMA FESTA QUE ESTÊVE MUITO ACIMA DO MAR.

A SEMANA fechou com chave de ouro, com a «Noite Experimental de Música», que contou com o concurso de Eleazar de Carvalho e Jacques Klein e professores membros da Orquestra Sinfônica Brasileira, no «Golden Room» do Copacabana Palace. O resultado financeiro do acontecimento reverteu em favor da fundação da Universidade Internacional de Música da Juventude Musical Brasileira, que pretende reeditar no Brasil o empreendimento de Sergie Koussevitzky que conseguiu tornar «realidade o seu sonho de dar os Estados Unidos e ao mundo o maior Centro de Cultura Musical de todos os tempos: o Berkshire Music Center. Em Tanglewood, situado no vale, entre as cidades de Lenox e Stockbridge, no sopé das montanhas de Berkshire, está situado o monumental Templo de Arte, onde 400 jovens dos mais diferentes países vão travar conhecimento com os mais eminentes mestres, de todas as nacionalidades, e um público de 500 mil pessoas assiste às maravilhosas execuções da Orquestra Sinfônica de Boston».

Mas, voltando à nossa noite, é preciso acrescentar que foi organizada pelos srs. Jorge Guinle e Ibrahim Sued, sob o patrocínio de honra da sra. Café Filho e dos srs. Alim Pedro e marechal Eurico Gaspar Dutra. Foram patronesses as sras. ministro Raul Fernandes, princesa dona Fátima de Orleans e Bragança, embaixatriz dos Estados Unidos, embaixatriz da França, embaixatriz de Portugal, Carlos Guinle, baronesa de Saavedra, Otávio Guinle, Antônio Larragoiti, dona Laura de Barros Moreira, Guilherme da Silveira Filho, Aires da Fonseca Costa, Joa-

quim Guilherme da Silveira, marquesa de Segur, Joaquim Monteiro de Carvalho, Paulo Sampaio, Celso Rocha Miranda, Otacílio Gualberto, Antenor Mayrink Veiga, John Garner Williams, Vicente Galliez, Bob Winnans, José Willemsens Jr., Vítor Lage, marquesa de Belmont, Osvaldo Riso, Henrique Pongetti, Jorge Guinle, Álvaro Catão, Carlos Helborn, Carlos Eduardo de Souza Campos, Mário Osvard, Robert Singery, Homero Souza e Silva, Adolfo Cláudio Graça Couto, Bento Luís Soares Sampaio, Fernando De Lamare, Gerard Gois, Vinício Fontes, Joel Monteiro, Eleazar de Carvalho, condessa de Larisch e senhoritas Ilde Garavaglia, Rosinha Sezerdelo Machado e Doris Junqueira.

A noite, repetimos, esteve elegante e o mais curioso foi o fato do maestro Eleazar de Carvalho ter regido e cantado a um mesmo tempo. Esta foi a última apresentação de Jacques Klein que partiu para uma temporada de seis meses na Europa.

O sr. Everardo Magalhães de Castro, com a gentileza de sempre, pronto para auxiliar movimentos culturais de fins filantrópicos, concorreu com os programas. Após o último acorde, algumas pessoas dirigiram-se à Segunda Feira de Decoradores que foi, assim visitada à noite por pessoas a rigor. O sr. Barcinski, sorridente, fazia as honras de dono da casa. Agradou-nos muito os trabalhos dos srs. Hênio Moreira e João Henrique Vieira, este segundo com restrições — se encararmos de um ponto de vista prático — quanto ao nosso clima.

Mais tarde, Amália Rodrigues.

Teve início o Festival de Filmes sobre Arte.

Durará de vinte a vinte e cinco dias, em sessões de hora e meia, três a quatro vezes por semana, de acordo com o programa estabelecido e anunciado pela imprensa. O auditório da Mesbla será palco de mais esta realização do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Participam do certame vinte países. A pintura abrange um panorama que vai dos tempos pré-históricos às modernas escolas. Igual tratamento receberão a arquitetura, escultura, música, dança e folclore. Qualquer pessoa, mediante um ingresso que deverá ser adquirido no Museu, poderá assistir ao Festival que merece e deve ser visto por todos.

★

Movimentando a noite social carioca, os clubes (Country, Hípica e Lagoinha) estão programando seus jantares semanais. Nesta linha, o Lagoinha Country Club promoveu na semana passada um jantar que contou com Bené Nunes ao piano e Black Out ao microfone. Malgrado a chuva que caiu sem cessar, para alegria de todos nós que estávamos ameaçados de ficar no escuro, a noite marcou sucesso e foi até alta madrugada.

★

Uma Escola Profissional de Goiás escolheu, por eleição, o senador Dario Cardoso para paraninfo. Mais tarde, por curiosidade, o eleito procurou saber com quem havia concorrido. Para seu espanto e surpresa, soube que sua concorrente (derrotada) havia sido Marta Rocha.



A senhora Jandira Café, patronesse de honra, ouve a Orquestra Sinfônica Brasileira.

Amália Rodrigues tem passado a expectativa. Na sua primeira noite de apresentação no Copacabana, a cantora portuguesa teve a satisfação de ver um numeroso público que exigiu sua volta ao palco, por diversas vezes. Os fatos lhe são favoráveis.

★

O fato é que o Paraná, com a última geada, encontra-se na iminência de uma crise que não será fatal, pois é um estado de enormes recursos, mas será bastante para abalar a economia. Pois bem: o sr. Moisés Lupion, recém-eleito, prepara-se para levar uma bonita caravana para a sua posse. Vê-se cada uma!!!

★

Por duas vezes, o Caiçaras teve o título de «Miss Bangu». Dentro de alguns dias, a mesma agremiação escolherá a sua representante. Está havendo uma verdadeira batalha. Cada qual «torce» tremendamente pela sua candidatura. E há fortíssimas.

★

Está sendo apreciada pelo Congresso a indicação presidencial, propondo o nome do sr. João Luís Guimarães Gomes para chefe da nossa representação diplomática em Assunção. A indicação presidencial deverá ser aceita.

★

Na semana que passou, a Embaixada de Espanha condecorou as sras. Roberto Marinho e Celso Rocha Miranda, no dia do Descobrimento da América.

★

Ainda com a data da América foi a do sr. Pepe Caraballo que comemorou o acontecimento no Copacabana. Estavam presentes o sr. e sra. Ministro Alencastro Guimarães, sr. e sra. Aloísio Muniz Freire, sr. João Vítor de Alencastro Guimarães e a sra. Mimi Caraballo (nascida Alencastro Guimarães) que se prepara para lhes dar o melhor de todos os presentes.

★

O sr. e sra. Giorgio Misraqui são dois milionários italianos que todos os anos, em janeiro, oferecem uma grande festa na residência de Roma, ao qual comparecem todos os elementos do «Café Society» internacional. Por ocasião



Na mesma ocasião, os Condes de Larisch e a Senhora Robert Singery.

da estada do casal no Brasil, foram homenageados com um almoço pela sra. Célia Leite Garcia, na Samambaia. Na mesma semana, a Embaixada de Itália e a sra. Bob Winnans abriram as portas para receber o simpático casal que tem tantos amigos brasileiros.

Na recepção da sra. Naná Winnans estiveram presentes o Embaixador da Itália e sra. Lanza D'Ajeta, S.A.I. Príncipe Dom João e Dona Fátima, sr. e sra. Vítor Lage, sr. e sra. Robert Singery, sra. Ivone Monteiro, sr. Luís Bastian Pinto e sra. Carlo Enrico Giglioli.

Os visitantes partiram no «Giulio Cesare».

★

Estiveram em Vitória, convidadas pelo governador do Espírito Santo, como convidadas especiais de uma festa de caridade, as senhoritas Elvira Wilberg e Gilda Joppert.

★

A notícia internacional que tem dividido e apaixonado a opinião pública do Império Britânico tem sido a do provável (agora quase certo) casamento da Princesa Margaret com o aviador Peter Townsend. Enquanto todos discutem e os jornais, segundo a orientação, fazem os mais disparatados prognósticos, Margaret tem conversado com pessoas do governo, enquanto Townsend tem conferências seguidas e secretas com pessoas da família real.

**EU SEI
TUDO
NOVEMBRO**



**Atenção atletas!
TODOS OS
"RECORDS"
SÃO FALSOS!**

**UM EXTRAORDINÁRIO
CASO DE AMNÉSIA**

**OS INGLESES ADORAM
OS FANTASMAS...**

E mais

**2 ROMANCES — CONTOS — HISTÓRIA
CIÊNCIA — LITERATURA — ECONOMIA
DOMÉSTICA — QUEBRA-CABEÇAS, ETC.**



Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Escreveu «Orlando»:
 - Virginia Woolf?
 - Emily Dickinson?
 - Emily Bronte?
- 2—Chamaram-no «O Tigre»:
 - Clemenceau?
 - Foch?
 - Joffe?
- 3—«O Trilo do Diabo», de Tartini, é:
 - Sonata para violino e piano?
 - Sonata para piano?
 - Sonata para viola e piano?
- 4—Símbolo da pureza foi:
 - Hécuba?
 - Édipo?
 - Hipólito?
- 5—Ao que dizem, São João escreveu o Apocalipse na ilha de:
 - Patmos?
 - Creta?
 - Samos?
- 6—O nônio foi inventado por:
 - português?
 - francês?
 - grego?
- 7—«Cogito, ergo sum» — primeira certeza na filosofia de:
 - Spinoza?
 - Bacon?
 - Descartes?
- 8—O «banho-maria» teve sua origem:
 - na Grécia?
 - na França?
 - no Egito?
- 9—O que é «taroco»:
 - uma raça de cães?
 - um tambor militar?
 - um jogo de cartas?
- 10—Escreveu a «História dos Heterodoxos Espanhóis»:
 - Menendez y Pelayo?
 - Menendez y Pidal?
 - Damaso Alonso?
- 11—O marinheiro João Cândido, que chefiou a Revolta da Armada em 1910, morreu:
 - naquele mesmo ano?
 - em 1945?
 - ou ainda vive?
- 12—E' o inventor dos «mobiles»:
 - Calder?
 - Leger?
 - Shapiro?
- 13—Um desses homens é um grande poeta:
 - Martin du Gard?
 - Emile Verhaeren?
 - Louis Marcoussis?
- 14—Fundou uma religião de vida efêmera:
 - Timurleng?
 - Bab?
 - De Reszke?
- 15—Foi chamado o «Cisne de Pesaro»:
 - Bellini?
 - Spontini?
 - Rossini?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Virginia Woolf; 2 — Clemenceau; 3 — Sonata para violino e piano; 4 — Hipólito; 5 — Patmos; 6 — Português; 7 — Descartes; 8 — Egito; 9 — Jogo de cartas; 10 — Menendez y Pelayo; 11 — Ainda vive; 12 — Calder; 13 — Verhaeren; 14 — Bab; 15 — Rossini.

CAMALEÕES

UM dos fatos mais deprimentes, de quando em quando observado nos arraiais da política nacional, é o desprimor, a falta de cerimônia com que os aliados de ontem, ao se desentenderem hoje, trazem a público as mazelas dos seus anteriores ajustes e confabulações. Estão nesse caso alguns políticos que, coniventes ou participantes ativos de uma série de maroteiras, guardam-nas sob tumular segredo até quando as conveniências do momento venham a exigir a inumação da verdade.

Chegada a hora, sempre e coincidentemente às vésperas de eleições, vêm, esses elementos, formalizados e caracterizados como autênticos arautos do puritanismo, denunciar à Nação estarrecida, toda uma série de irregularidades, das quais, pelo visto, tinham pleno conhecimento, mas que, por inconfessáveis razões, até então deixaram de apontar. Falando com entusiasmo, esquecidos de que o simples lidar com a lama também suja as mãos, esses desmoralizadores do regime enfrentam a opinião pública e, clinicamente, relatam os fatos comprovadores das suas assertivas como se fossem acontecimentos naturais.

Fazendo-se desentendidos, discorrem, com estudada revolta, sobre falcatruas e subornos, entram em minúcias e, num desprimoroso conceito à perspicácia e à inteligência alheias, olvidam-se de explicar o pequenino detalhe da evidente co-participação... O povo, porém, já está alerta contra essa espécie de gente, simbiose cromosômica do camaleão, e contra ela se previne, acatando a sabedoria filosófica que, através dos séculos, aconselha: «Procurai conhecê-los, pois é certo que não os conheceis!»

★ DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS

Maria Della Costa e sua companhia não irão mais a Portugal. Fracassaram, totalmente, as demarches visando a concessão do auxílio oficial. O sr. Café Filho encaminhou o assunto ao Ministério da Educação, e o sr. Cândido Mota, malgrado toda a boa vontade, nada pôde fazer, em virtude de falta de verba. Tendo o Governo, com toda a justiça, auxiliado, recentemente, a Cia. Valter Pinto em sua excursão à Argentina com o seu teatro de revista, esperava-se idêntico proceder em relação à magistral intérprete de «O Canto da Cotovia».

Lamentavelmente, tal não aconteceu, perdendo o Brasil uma oportunidade de demonstrar uma faceta luminosa da sua cultura e, mais que isso, o ensejo de levar aos nossos irmãos de além-mar, através do nosso teatro, a expressão do nosso abraço carinhoso e amigável.

★ PAULISTAS DE MINAS GERAIS

Há cerca de um ano, respondendo a uma pergunta de Viegas Neto, na TV-Record, o sr. Juscelino Kubitschek, esclarecia o motivo pelo qual daria início à sua campanha política pela cidade paulista de Espírito Santo do Pinhal:

— «Sinto-me, em São Paulo, perfeitamente à vontade, como se estivesse em minha casa. Mais

que isso, como se estivesse na casa de um antepassado, revendo velhos lugares, com respeito e com saudades. Na verdade, a História nos ensina que o Estado de Minas Gerais é o filho mais velho de São Paulo, uma vez que, passado o ciclo aventuroso das Bandeiras, linda a febre do ouro e das pedras, os paulistas se estabeleceram nas Gerais, fundando inúmeras cidades, organizando fazendas, dando início, assim, à formação da primeira sociedade regular em terras do Brasil. Dessa forma, os mineiros, descendentes diretos dos primitivos colonizadores das Gerais, são legítimos paulistas de quatrocentos anos».

Este comentário, vem a propósito da recente entrevista do sr. Juscelino Kubitschek ao Ribeiro Pena, das «Fôlhas», onde o Presidente-eleito da República, falando sobre São Paulo, reafirmou aqueles conceitos, resumindo-os numa frase: «Sou um paulista nascido em Minas Gerais».

O homem é de palavra. Não era propaganda, não.

★ SOCIOLOGIA

Constituiu um verdadeiro sucesso a conferência realizada pelo Ministro Cândido Mota Filho, em fins de setembro, no Instituto de Sociologia e Política da Confederação do Comércio do Estado de São Paulo.



“SE POR VINTE ANOS NESTA FURNA ESCURA...”

O sr. Alexandre Marcondes Filho, deputado do PSP, falando em Campinas, no comício do sr. Ademar de Barros, assim se referiu ao Gal. Juarez Távora:

“A sinceridade e a convicção com que o sr. Juarez Távora apregoa os seus princípios e advoga a causa do respeito constitucional é algo que comove e convence. Entretanto, seja-nos permitido lembrar-lhe que, há vinte e três anos passados, nós, os paulistas, de armas na mão, em defesa do Brasil, lutávamos sozinho pela supressão do absolutismo ditatorialista e pela restauração do princípio da Ordem e da Lei. Tivéssemos tido, naquela ocasião — concluiu o sr. Marcondes Filho — aliados do prestígio e da ténpera do sr. Gal. Juarez, talvez a história houvesse sido outra. Infelizmente, para nós, naquela ocasião, o sr. Juarez Távora estava do lado de lá...”

«Euclides da Cunha como precursor da Sociologia no Brasil» foi o palpitante tema escolhido pelo eminente homem de letras, que o desenvolveu em linguagem esmerada, encarando sob diversos ângulos a discutida personalidade do autor de «Os Sertões», para, afinal, glorificá-lo, numa apologia justa, equânime, consagradora do seu indiscutível valor.

APARECE CADA UM...

● O deputado federal Mário Eugênio, juscelinista de “papo amarelo” e de quatro costados, depois de um comício em Presidente Prudente, foi procurado por um cidadão, seu conhecido, que lhe propôs:

— Mário: aposto vinte mil cruzeiros como o Juscelino vai perder.

— Feito!

Passaram-se os dias, veio a data do pleito e, depois, a vitória insofismável de Juscelino.

Um dia destes, em seu escritório em São Paulo, conversava Mário Eugênio com alguns amigos, quando o apostador prudentino apareceu, sorridente e de cheque à mão.

— Vim trazer os seus cobres. Trato é trato. Você ganhou. — E passando-lhe o cheque — Aqui está o dinheiro.

— Muito bem! Recebo — disse-lhe o Mário — porque aposta é aposta. De outra vez, peça o meu conselho antes... Você não entende de política. Se entendesse...

— Não entendo de política, mas entendo de finanças. Ao contrário do que você está imaginando, não perdi nas apostas.

— Nas “apostas?” Então, a minha não foi a única?

— Não! — E, maliciosamente, piscando o olho — apostei, também, a mesma importância com um juarezista, com um ademarista roxo e com um integralista, este na proporção de dois por um. Resultado: Você ganhou e recebe 20 mil cruzeiros, mas os outros três perderam e me pagaram 60 mil. Como você vê, ganhei 40 mil cruzeiros no mole...”



ABADE MOR Rozén Takashima, Cardeal Taio Sassaki e Bispo Zenkai Kokuzo, durante a visita ao prefeito de São Paulo.

AIMÉE — A QUE MELHOR SABE DESPIR-SE (no palco)

«AINDA NÃO FUI COMPREENDIDA E CENSURAM-ME SÓ PORQUE FAÇO O «VAUDEVILLE»
★ DEIXOU O DRAMA A CONSELHO MÉDICO

★ UM CIDADÃO DE IDADE AVANÇADA PENSOU EM VOZ ALTA E FÊZ UM CONVITE A «ESTRÉLA» ★ O PÚBLICO É QUEM MANDA...

Reportagem de MILTON SALLES

— Sou uma grande sentimental, capaz de emocionar-me com facilidade até às lágrimas (confessou Aimée). Por isso, escolhi o «vaudeville», já que sinto indizível satisfação em ver o público sair alegre do teatro.

A atriz que melhor se despe em cena, segundo o consenso geral, não deu oportunidade ao repórter de fazer-lhe outra pergunta. Depois de breve pausa, em que ralhara brandamente com sua filhinha, foi logo dizendo:

— Mas, para que você compreenda como cheguei até o «vaudeville», ouça minha história do começo. Quando Dulcina e Odilon lançaram o concurso «A procura de uma atriz», sugestio-

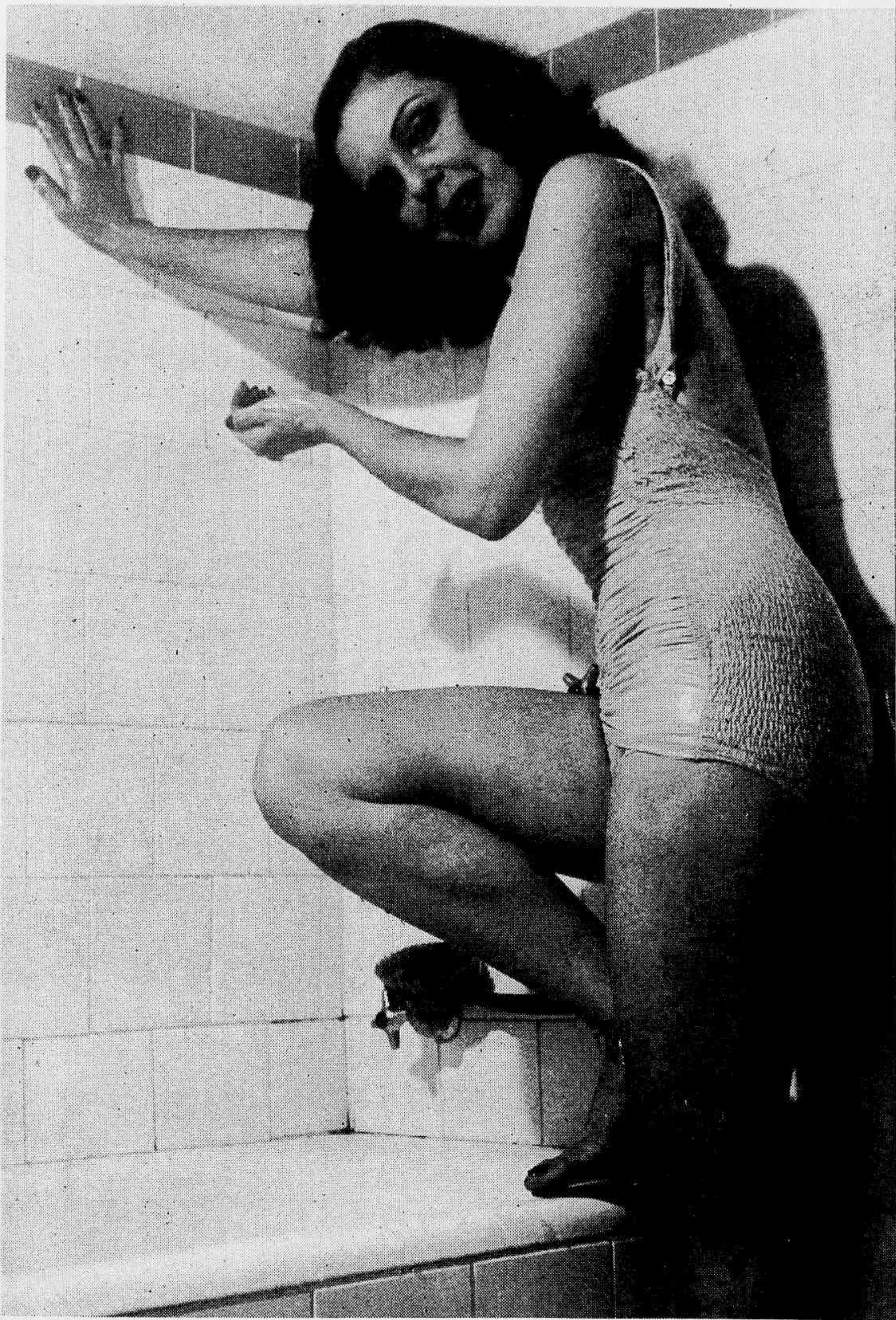
nada por colega de trabalho, funcionária como eu da Hollerith, resolvi inscrever-me. Antes, porém, devo revelar que sou muito vaidosa e que só pela vaidade de entrar para o teatro participei do certame. Eu não tinha nenhuma experiência teatral e contava, ainda, com a oposição da família, pois o meu noivo não queria nem sonhar que eu, algum dia, pudesse ser atriz. Assim, inscrevi-me com o pseudônimo de Aimée.

Conseguindo despistar a família, a moça Haidée Lemos passou por todas as duras provas do concurso, até obter o prêmio: um contrato de 3 meses com 1.500 cruzeiros. Vitoriosa, a dactilógrafa da Hollerith trocou a máquina de escre-

ver pelo palco e foi de vento em pôpa. Começou fazendo simples ingênuas, até o dia em que teve de viver forte papel em «Um aventureiro diante da porta», de Milan Begovitz. Nessa ocasião empolgou-se demais pelo desempenho e teve de afastar-se do palco a conselho médico.

— Quando me aconselhou a fazer uma interrupção em minhas atividades para que retemperasse as energias (revelou Aimée), o doutor recomendou que eu não devia entregar-me tanto aos papéis, como tinha acontecido. Pensei bastante no assunto, vi como me comportava quando assistia a qualquer drama, por mais





DOIS TEMPOS DE AIMÉE — Bem diferentes entre si são a atriz Aimée e a mãe de família Haydée Lemos, casada com o ator Carlos Frias. Ei-la no palco, com os trajes sumariíssimos em que comumente aparece, e em casa, em trajes domésticos, tendo a filha, Rosa Aimée, nos braços.

banal, e cheguei a uma conclusão: tinha nascido para alegrar os outros e não para fazer os outros chorarem comigo...

Tirou os óculos, pôs os óculos, ajeitou-se gostosamente no macio sofá e prosseguiu:

— Só havia um caminho a seguir: tentar o gênero alegre, picaresco, que faz rir sem compromisso. E estreei com o pé direito, lançando no Teatrinho Íntimo do Leme (quero abrir um parêntesis para esclarecer que fui a criadora do teatro de bôlso), com o «vaudeville» intitulado «O perfume de minha mulher». Graças a Deus, foi um sucesso de crítica e de bilheteria.

O repórter arriscou: não teria o belo corpo da atriz influído no seu sucesso? Aimée protestou:

— Não, senhor! O meu corpo não teve a mínima influência. O que interessa no «vaudeville», antes de mais nada, é a arte de saber comportar-se dentro das situações. As peças desse gênero exigem uma arte finíssima no «deshabillé». Não é a Aimée, mãe da Rosa Aimée e esposa do Carlos Frias, que quer se despir à vista do público. É o texto que exige. E o texto pede que se faça tudo isso com muita

naturalidade, para que as situações engraçadas sejam realmente engraçadas.

Nova pausa e a atriz fica séria. Quer desabafar:

— Entretanto, infelizmente há pessoas que não compreendem essas coisas. Talvez pensem que eu não seja tão boa esposa quanto a melhor nem tão boa mãe quanto a melhor mãe. Assim é que muitas dessas pessoas, de quando em vez, me aconselham a mudar de gênero. Como se eu estivesse fazendo alguma coisa indigna. Há outras criaturas, durante os espetáculos, que pensam em voz alta. Como um cidadão de idade avançada que, uma vez, durante a representação de «Que mulher!» dirigiu pesado galanteio aos meus dotes físicos. A platéia, entretanto, reagiu e ele teve que calar-se. Há pouco, também, quando eu disse a alguém que iria aparecer apenas de combinação numa das cenas de «Uma esposa em circulação», esta pessoa perguntou: «Mas sem nada por baixo?»

Pausinha para atender aos reclamos de Rosa Aimée que pergunta pelo papai Frias, após o que a estrêla pergunta:

— Não dá raiva ouvir-se uma coisa destas? Mas, há, também, o lado bom da coisa. Im-

gine que, recentemente, pouco depois da estréia de «Uma esposa em circulação», diversas senhoras foram à bilheteria reclamar contra o fato de Fregolente e do Cilo Costa mudarem de roupa em pleno palco, cumprindo as exigências da peça. Protestaram com veemência, alegando que aceitavam tudo de mim, menos os dois homens se despirem. Para atender às reclamantes e não prejudicar o «vaudeville», tirei o Cilo da cena. Hoje quem se despe é apenas o Fregolente.

Quisemos saber por que Aimée apenas encenava peças de autores estrangeiros:

— Infelizmente, no Brasil, não há autores para o meu gênero (respondeu a Rainha do «Vaudeville»). Quando recebo originais de autores brasileiros para mim, são peças imorais. Eles começam logo por me apresentar despida, como se eu apenas quisesse me despir. Tristemente devo confessar que ainda não fui inteiramente compreendida, ao interpretar esse gênero.

Surge, então, o caso das subvenções do Serviço Nacional do Teatro. Aimée diz que prefere ficar calada. Mostra uma ponta de ressentimento contra a direção desse órgão. O repórter insiste e ela abre o livro:

— Veja você que injustiça: minha folha de pagamento é a mais cara do teatro de comédia nesta capital. Muito bem. Sabe qual a subvenção que recebi?

O repórter não sabia.

— Trinta e cinco mil cruzeiros menos vinte por cento. Sinto-me envergonhada da subvenção que recebi. E por essas e outras que sou obrigada a confessar: o teatro, financeiramente, não compensa o esforço e a dedicação que o artista brasileiro emprega na sua tarefa. Nós, artistas, sacrificamos tudo pelo ideal e quase nada recebemos em troca. O artista brasileiro só ganhará dinheiro para viver sem preocupações no dia em que tiver o seu próprio teatro. Meu maior sonho, aliás, sempre foi comprar uma casa de espetáculos. Um teatro assim como o Rival. Mas isso é tão difícil!

Parece sonhar por momentos, com os olhos semicerrados, perdidos na extensão da Praia do Flamengo. Depois faz nova revelação:

— Aliás, quando o Frias era vereador, quase realizei o meu maior desejo. Tinha projetado um negócio junto a um banco para adquirir um teatro. Mas cheguei à triste conclusão de que desejavam passar-me para trás, pois o objetivo dos cidadãos que se arvoraram em meus colaboradores era transformar a casa de espetáculos em cinema, tão logo conseguissem licença da Prefeitura para o teatro funcionar.

Já de pé, pronta para iniciar as tarefas do dia, Aimée encerra a entrevista:

— Assim vai o artista brasileiro vivendo a golpes de sacrifício e de estoicismo. Cercado da sede de lucros de alguns e da incompreensão de muitos. O que vale, porém, é que temos ânimo forte e muita força de vontade para arrostar os obstáculos que se antepõem à nossa carreira.





D. PALMIRA GOBBI DIAS ALIMENTANDO ALGUNS DE SEUS CÃES. NÃO HÁ INCOMPATIBILIDADE DE GÊNIOS QUE SUA BONDADÉ NÃO DOME.

Até os bichos se entendem. E os homens?

AMIGOS SINCEROS O CÃO E O GATO

D. PALMIRA GOBBI DIAS, atualmente com 45 anos de idade, era, até dezembro de 1940, uma dama de sociedade, de vida «bem» e algo ociosa. Sua maior preocupação era, até então, as recepções que costumava proporcionar aos amigos, quando não viajava pela Europa ou pelos E.E.U.U. Casada com homem de recursos, a bela senhora ia vivendo de maneira fútil, sem finalidade, o que lhe causava certo desgosto íntimo, porque sentia a necessidade de fazer alguma coisa de útil, assim como d. Eunice Weaver ou d. Darcy Vargas, cujas atividades sempre admirou.

Eram 14 horas do dia 4 de janeiro de 1941. D. Palmira acabara de almoçar e estava sentada na cama, atacada de uma daquelas crises de nostalgia que já a torturavam haviam anos. Foi quando lhe aconteceu algo, que deixaremos ela própria contar aos leitores:

— «Desse dia em diante minha vida mudou completamente. Eu estava chorando sobre a cama. Sôzinha, chorava e rezava. Rezava com fé e com uma tal convicção que senti que algo iria me acontecer. De repente surgiu diante de meus olhos a figura de um homem alto, de batina e de rosto que era todo bondade. Pensei: é São Francisco de Assis, mas olhando para as suas mãos vi as chagas características. Foi quando êle falou... Minhas pernas tremem. Eu queria erguer-me e não podia! — Não chores,

TREZENTOS GATOS, DUZENTOS "VIRALATAS" E UM PERIQUITO DÃO À ESPÉCIE HUMANA UM EXEMPLO DE CONFRATERNIZAÇÃO SEM O PERIGO DA BOMBA ATÔMICA ★ MAS PELAS DÚVIDAS, À NOITE, O PERIQUITO TOMA SUAS PRECAUÇÕES. TODOS OS GATOS SÃO PARDOS . . .

Texto e fotos de VINÍCIUS LIMA

minha filha. Hoje acontecerá algo que irá mudar o curso de tua vida, e serás muito feliz cuidando dos animais». Dito isso, o santo sacudiu a batina saindo da mesma um pó reluzente, que pensei inicialmente ser areia. O dito pó caiu sobre o guarda-vestidos. Aí a visão desapareceu, deixando-me aturdida. Imediatamente coloquei em um vidrinho o pó que à visão me deixou, e que tem feito curas verdadeiramente milagrosas».

COINCIDÊNCIA OU MILAGRE?

E' ainda d. Palmira Gobbi quem fala:
— «Quis dar a notícia ao meu marido, e, sem

lembrar-me, vesti-me às pressas e ganhei a rua. Estava num carro quando vi a certa distância um carroceiro que espancava impiedosamente a um pobre burro. O pobre animal, deitara-se sob o peso da canga. Não sei o que houve realmente. Lembro-me de que senti pena do animal e revoltada contra aquele indivíduo tão mau. Mandeí parar o carro e avancei para o bruto, tirando-lhe a chibata das mãos.

O sr. imagina, uma mulher como eu era até então, ter que brigar com um homem em plena rua. Mas tudo acabou na polícia, pois consegui levar o perverso até à delegacia mais próxima, onde, não sei como, havia um exemplar do decreto n. 24.645, de 10 de julho de 1934, ou seja, a Lei de Proteção aos Animais. E baseada nessa lei, processei o carroceiro que jurou vingar-se.»

— E seu espôso, d. Palmira, como recebeu a notícia da transformação de sua vida?

— Êle é compreensivo, e nem quando comecei a levar dezenas de gatos e cães para casa se incomodou. Hoje, dá com o maior gosto dinheiro para a minha Associação. Já casamos duas moças por nós criadas e um rapaz. Dois mais estão cursando o ginásio e além de três meninas que aí estão, espero mais um casal por êstes dias. Isso, e mais 14 «viralatas» e outros tantos meia-raça; gatos, nem sei quantos...»



«NÓS, OS GATOS, AMAMOS OS TELHADOS DE ZINCO E A COMIDA ALI DEIXADA PARA NÓS POR DONA PALMIRA, NOSSA BOA PROTETORA».

UMA VIDA DE LUTAS

Antes da visita que fizemos à d. Palmira Gobbi (Rua Itororó, 131, bairro de Petrópolis-Pôrto Alegre), estivemos na Associação Protetora dos Animais, localizada na sala 23 do Mercado Municipal da capital gaúcha. Ali fomos informados de que a vida da chefe daquela instituição é demasiado agitada, porque o povo de Pôrto Alegre já se habituou a telefonar para d. Palmira, que vai pessoalmente resolver todo e qualquer assunto que se relacione com animais. Além disso, pagos do seu próprio bolso, d. Palmira mantém dois veterinários para o servido de pronto socorro da Associação e ela

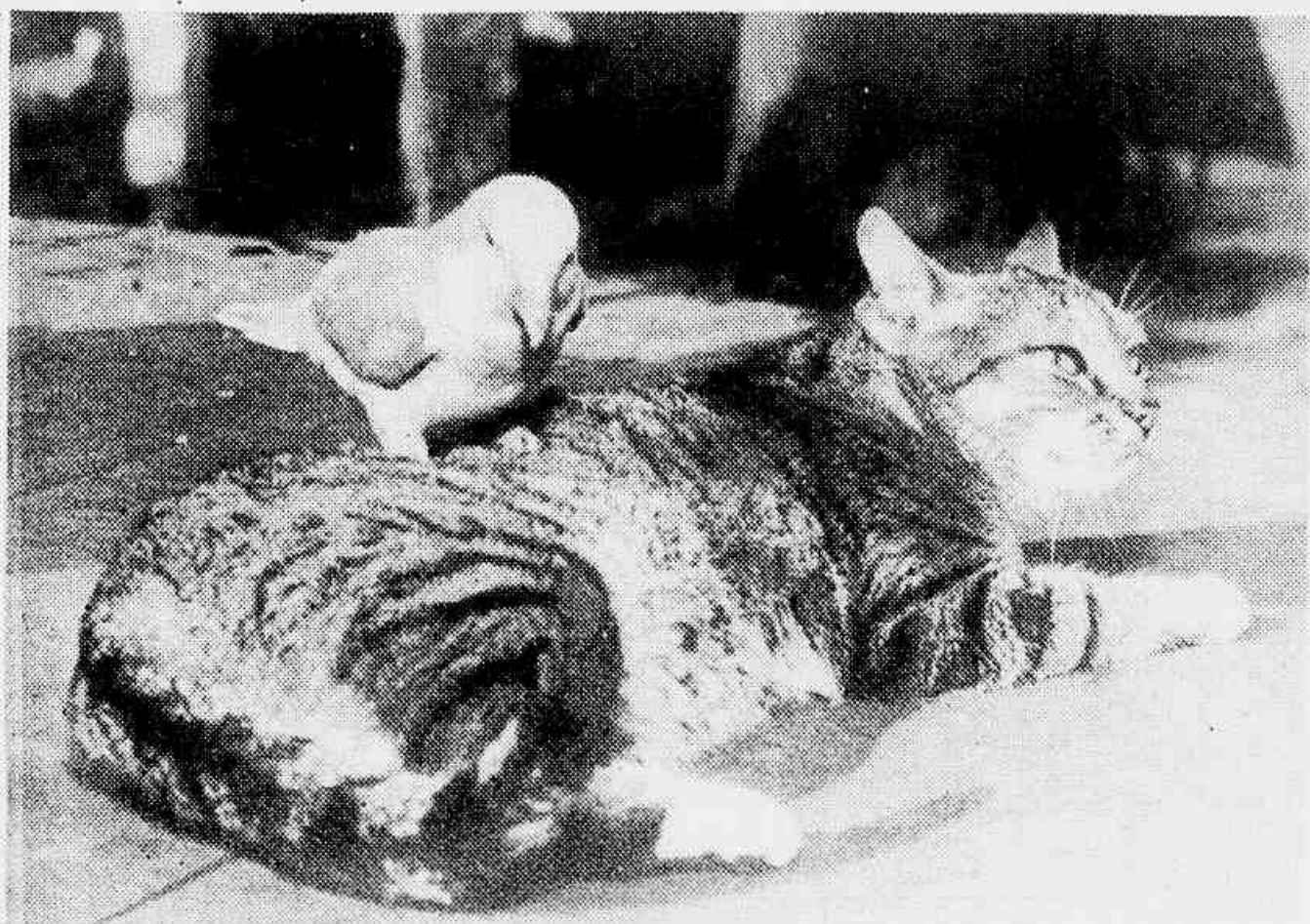
é também quem fornece medicamentos e vacinas aos cães atacados de qualquer moléstia. Foram os empregados de d. Palmira e senhoras da sociedade gaúcha que a assistem, que nos relataram as suas façanhas nas ruas da cidade, onde a personagem central desta reportagem já levou até uma facada, ao reclamar contra os maus tratos aplicados a um muar.

Mas d. Palmira não desanima. Ajudada pela polícia prende espancadores de animais, processando-os e exige o cumprimento da lei. Incluída nos quadros da polícia da terra de Borges de Medeiros, d. Palmira também prende, e os recalcitrantes sabem que é impossível subornar aquela senhora decidida e capaz de tu-

do, que tem mais de 10.000 chibatadas tomadas das mãos de carroceiros impiedosos.

OS GATOS DA ASSOCIAÇÃO E OS «VIRALATAS» DE D. PALMIRA

D. Palmira abriga no próprio Mercado Municipal, — e uma senhora que não quis declinar o nome alimenta — mais de 300 gatos. Mas, na residência de nossa entrevistada há também algumas dezenas deles, na melhor coexistência, e se divertem com um periquito muito bonito, que não tem medo nenhum. Curioso é que se encontra em todos os recantos da casa, gatos mamando nas cadelas, e cães fazendo o mesmo nos gatos, numa inusitada camaradagem.



NÃO HÁ NADA MAIS MACIO DO QUE UM GATO. PENSA O PIRIQUITO.

SOLIDARIEDADE. ESSA CADELINHA AMAMENTA UM JOVEM ÓRFÃO.

REVISTA DA SEMANA — 17

SCHUMANN E A POESIA

De todos os compositores românticos, o único que previu o destino da música moderna, foi talvez Robert Schumann. Quer pela obra pianística, quer pela forma maravilhosa em que estruturou os «lieder», ou ainda, pelo caráter estritamente pessoal da inspiração, Schumann é uma das mais poderosas personalidades da história da música. Ninguém pode negar a grandeza das formas «pré-impressionistas» de suas composições para piano escritas entre 1830 e 1840, assim como das «lieder», onde, para cada estrofe, criou uma melodia diferente, relacionando o canto com o verso de maneira realmente admirável.

A sua angústia perene, fator sempre conjugado às suas tendências para a loucura, o tornou um «músico confessional». Por outro lado, os «lieder» serviram-lhe de meio para a expansão dos seus mais íntimos sentimentos, onde sente-se que a ingênua sinceridade desconhecia os próprios limites do ridículo. A alma pura, porém abismal de Schumann, encontrou no cerne mesmo da grande poesia germânica, o natural ambiente para a relação integral do seu doentio subjetivismo. Daí o fato de toda essa rica intimidade sincronizar perfeitamente com o tesouro da poesia de uma época, cujo caráter também marcadamente «confessional», corroborava sófregamente com o elemento sonoro.

É verdade que Schumann adotou o subjetivismo como um sistema, chegando mesmo às últimas consequências no tocante à alienação emocional. Entretanto, deve-se compreender que tão extremado subjetivismo resulta necessariamente das próprias condições psico-somáticas do compositor. Por isso podemos afirmar que a escolha dos poemas para os «lieder» schumanianos foi realizada em função da sua adaptabilidade à evolução espiritual de Schumann, que buscava os textos dos poetas de sua geração, cuja arte mais se aproximasse da sua. A interpretação de Heine por Schumann é

um perfeito exemplo de identidade psicológica. Os dois gênios se completaram num dos mais indissolúveis conúbios artísticos que a história registra. Constituíram o corpo e a alma de uma forma que se fixou como um dos principais relevos do romantismo musical.

E ninguém poderia esquecer injustamente a maravilhosa série dos «lieder» schumanianos baseados em obras de Heine: «Os Dois Granadeiros», o ciclo «Os Amores do Poeta», «A Hora do Mistério», «A Bruxa» e o famoso «Ich Grolle Nicht» comumente traduzido por «Perdô».

Além das inúmeras poesias de Heine (trinta e cinco ao todo) e de vários «lieder» de Goethe, podemos lembrar os poemas de Ruckert, Uhland, Lenau, Keerner, Eichendorff e Eduardo Moerike, todos selecionados por Schumann, e mais alguns versos de Schiller e dos ingleses Burns e Byron. Dentre os «lieder» desses últimos podemos salientar «A Criada Abandonada» de Moerike, obra exótica e que revela uma certa afinidade com a poesia de Verlaine; «Ao Longe», «Crepúsculo» e «Na Selva» de Eichendorff, todas profundamente sentimentais e impregnadas com aquela agitação reificada tão natural à essência da inspiração schumaniana. Contudo, as relações de Schumann com os poetas nem sempre se mantiveram à altura da sua força criadora. É assim que, da maneira mais inexplicável possível, o compositor aceita algumas mediocridades rimadas por Geibel, Falersleben, Plarrus ou Wilfrido von der Neun, e lhes dá a sonoridade salvadora. Segundo os historiadores, Schumann não era dotado de espírito seletivo; não obstante a preferência que mantinha pela magnífica colaboração de um Heine, não se recusava a enriquecer os paupérrimos versos rapsódicos de um Mauricio Horn. Agora perguntamos, a que atribuir tal indiferença? Certamente confiava na sua capacidade de transfigurar, de converter tudo o que lhe vinha de fora na expressão de sua própria angústia.

NOTICIÁRIO

★ O Prêmio Sibelius, cujo valor é de oito milhões e meio marcos, foi entregue ao compositor alemão Paul Hindemith, em cerimônia realizada na Universidade de Helsinque, na Finlândia.

Este prêmio, concedido pela Fundação Finlandesa Winuri, recompensa cada dois anos um compositor de renome internacional. Foi atribuído pela primeira vez, há dois anos, ao célebre compositor finlandês Jean Sibelius, do qual, desde então, teve o nome.

★ O famoso barítono italiano Riccardo Stracciari, faleceu em Roma, vítima de um derrame cerebral. O outrora festejado cantor lírico — o maior «Figaro» de todos os tempos — contava 80 anos de idade e havia atuado nos teatros de ópera de todo o mundo, inclusive no Rio.

★ Realizou-se no dia 14 do corrente, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, um concerto de música de Câmara a cargo do violinista Otfried Nies, trompista Michael Leverett e pianista Albert Unirichsen, com o seguinte programa: «Sonata em Sol menor para violino e piano» de Purcell; «Sonata em Fá maior para trompa e piano» de Paul Hindemith; «Trio em Mi bemol para violino, trompa e piano» de Brahms.

★ A Orquestra Sinfônica Brasileira realizou no dia 15 deste, no Teatro Municipal seu décimo quinto concerto da temporada, para o quadro social. A regência estava a cargo do maestro Souza Lima, participando ainda como solistas o «Trio Pasquier», num programa dedicado a obras de Mozart e Brahms, assim organizado: Mozart — Sinfonia Nº 1 e Sinfonia Concertante para violino e viola; Brahms — Variações sobre um tema de Haydn e Concerto Duplo para violino e violoncelo.

AMIGOS SINCEROS



SÃO CERCA DE 200 «VIRALATAS», DE TÓDAS AS IDADES E FEITIÇOS.

Todos os animais têm nome, não obstante sua quantidade. D. Palmira conhece a personalidade de cada um, e o mais interessante é que, em se tratando de cães abandonados, a maioria deles foi levada com pernas ou costelas quebradas para a casa de d. Palmira, que os tratou pessoalmente, educando-os também. Hoje, àqueles cães que perambulavam pelas ruas, apesar de viverem dentro de uma casa toda atapetada, nada sujam, nada quebram e em nada tocam. Há no entanto um caso muito curioso, que d. Palmira narra com tristeza. «Conde», um mestiço, é uma espécie de vilão da história. Mau e muito manhoso, passa o dia todo de foinheira, porque ataca aos demais, que por sua vez, quando apanham d. Palmira distraída, atacam-no em grupo.

Mas é a única exceção, já que os demais vivem em paz, dormindo junto com os gatos num quarto especial, localizado nos fundos da casa, local em que o periquito também passa a noite.

«JERRY» E «MIMOSA»

D. Palmira contou ao repórter, que por sua vez testemunhou e documentou alguns casos singulares de afeição entre animais de espécies diferentes. Um desses é a amizade entre a gata «Mimosa» — encontrada na rua com as pernas quebradas — e o cão «Jerry». Os dois estão sempre juntos na sala, geralmente longe das vistas dos demais. Como em certas ocasiões a casa fica demasiado cheia de animais, d. Palmira dá a pessoas que

(Continua na pág. 46)



OS 4 GRANDES EM HARMONIA POUSAM PARA A POSTERIDADE.



«E' proibido falar», programa animado por Lídia Matos em uma de suas apresentações, quando foram convidados Anselmo Duarte e Eliana. À direita: Carmen Déa e «girls» em um número exibido num «show» da TV-Tupi

OS "SHOWS" NA TV

EMBORA não pareça, a apresentação de um «show» em TV, é tarefa bastante difícil. Cada número deve ter um cenário apropriado e isto acarreta, não só grandes despesas, como também a necessidade de um palco amplo, onde os artistas possam ser exibidos consecutivamente, sendo de importância que tudo já esteja pronto, quando a câmara os focalize.

Uma perfeita coordenação entre os artistas, operadores e cenaristas é elemento primordial para a boa apresentação de um programa. Quando isso não é conseguido, surgem os clássicos senões: a câmara focaliza antes do exato momento os artistas, que ainda não estão preparados; quando um número está sendo televisionado sobrepõe-se a ele a imagem de outro que deverá seguir-se e, como esses, tantos outros incidentes que os telespectadores presenciam freqüentemente.

O bom gosto na execução do guarda-roupa e composição dos cenários também são fatores primordiais para o êxito dos programas mas, infelizmente, nem sempre isso é levado em conta. Os nossos produtores de TV, com raras exceções, não compreendem que não havendo muitos recursos de que dispor, é preferível apresentar um espetáculo simples do que uma sucessão de números de terrível mau gosto, como os que muitas vezes assistimos, onde há profusão de cenários colocados em pequenos espaços, de tal maneira que os artistas ficam impossibilitados de movimentar-se.

As audições de Dóris Monteiro, às sextas-feiras, na TV Tupi, são das mais interessantes. Naturalmente os programas são valorizados pela presença e belas interpretações da cantora mas, deve-se ressaltar o bom gosto na composição dos cenários; geralmente os efeitos são tirados de algumas cortinas que se abrem e fecham e de uma ou outra coluna na qual Dóris se recosta, enquanto canta; tudo é feito com simplicidade e muito ao natural.

Em uma das últimas apresentações de «Tele-Semana Garson», Nely Martins que interpreta principalmente canções francesas, cantou «Une cabana au Canadá» e, naturalmente, os cenaristas resolveram dar à canção um ambiente de acordo com o tema de que trata. Nely apareceu então aos telespectadores, vestida com uma grossa roupa de peles, à janela de uma cabana emoldurada pelo gelo, cantando, enquanto fora, a neve continuava a cair. A idéia não foi má, mas, a execução foi péssima. A pobre cantora parecia um urso polar e, os espectadores não puderam conter o riso ao reparar na neve que caía, isto é, pedaços de papel recortados em todos os tamanhos... Quando a montagem de um número não puder ser feita de maneira conveniente, é preferível que o cantor o interprete sem caracterizações que, por vezes, só o tornam ridículo.

VAMOS MELHORAR?

★ Não se pode compreender o porquê da continuação das apresentações de «Alô Doçura», na TV-Tupi. Cada vez que o programa é anunciado, sentamo-nos frente ao aparelho, esperando, imaginando se por fim será apresentada alguma história de maior interesse. Mas qual, não há maneira. O tema é sempre o mesmo: a moça que a princípio se mostra esquivada ou em constantes brigas com o rapaz com quem finalmente vem a casar. O autor do «script» já deve ter esgotado todas as idéias e só resta aos telespectadores lamentar, ao fim de cada programa, que Haydée Miranda e Paulo Maurício, artistas de valor, sejam desperdiçados em

um programa que chega ao fim sem que nem sequer se tenha entendido a história.

★ O «Nome do Dia», sorteio feito diariamente na TV-Tupi, antes apresentado por Nívio Macedo, agora é realizado por Marlené Santos. A pequena é bonita e interessante, mas, ri em demasia quando está ante as câmaras, e acaba sempre por se confundir na leitura dos nomes dos sorteados. Naturalmente, em televisão é preciso aparentar constante alegria, mas em tudo deve haver controle...

★ As mãos que aparecem ante às câmaras

bem como sombras e vultos que passam rapidamente, são senões que têm sido evitados pelas nossas emissoras de TV e que, agora, raramente ocorrem. O mesmo não acontece porém com as ordens dadas nos estúdios a altas vozes, fragmentos de conversas que são captadas pelos microfones, bem como ruídos, por vezes ensurdecedores, de objetos que caem.

A tal ponto esses ruídos são notados e prejudicam as apresentações que se fazem no momento que Al Neto, em uma de suas entrevistas feitas aos domingos, foi obrigado a avisar à sua convidada, com quem conversava no momento, que não se assustasse com os «trovões» que se ouviam constantemente nos estúdios.

Um pouco de cuidado evitaria esses senões que parecem sem importância mas, na verdade, prejudicam bastante as apresentações, causando péssima impressão aos telespectadores.

GRAU DEZ

...Para «Forró do Jackson», programa da TV-Tupi, às sextas-feiras. Jackson do Pandeiro, com muita vivacidade, canta e dança baiões e músicas do norte e agrada bastante.

...Para as apresentações de Dóris Monteiro. A cantora interpreta os números com aquela maneira simples que lhe é peculiar. Embora sejamos dos que preferem ver e ouvir Dóris cantando o nosso samba-canção, agradam-nos, dê um modo geral, todas as suas interpretações.

...Para a exibição feita pelo conjunto Brasileira, na TV-Tupi. O grupo tem comprovado entre nós, nas exibições feitas, ser merecedor de todos os aplausos recebidos na Europa.

OSWALDO GOELDI



● A 31 de outubro corrente, Oswaldo Goeldi completará sessenta anos de uma existência inteiramente dedicada à arte. Como homenagem ao grande artista — o mais importante gravador brasileiro, na opinião unânime de críticos e estudiosos — REVISTA DA SEMANA apresenta, nessas páginas, um pouco de sua vida e obra, bem como uma seleção de suas inteligentes observações sobre a Arte e os Artistas. É, essa, a primeira de uma série de reportagens a serem efetuadas com grandes artistas do Brasil, em que serão focalizados, com o máximo de nitidez aspectos marcantes de sua existência e algumas de suas produções.

«OSWALDO GRAVAS, grava qualquer solidão...» — Assim começa o poema de Murilo Mendes dedicado ao grande gravador brasileiro. Goeldi, homem só, tirou do mar muitos de seus temas, que fixou indelevelmente num mundo de luz e sombras.

**A VIDA E A OBRA DO MAIOR GRAVADOR DO BRASIL ★ SUAS
OPINIÕES SOBRE A ARTE E OS ARTISTAS ★ PICASSO, UM
CAMALEÃO DAS ARTES PLÁSTICAS ★ AS BRINCADEIRAS DE
PAUL KLEE ★ CONTRA O ABSTRACIONISMO E O CONCRETISMO**

Reportagem de JOSÉ ROBERTO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

ESBOÇO BIOGRÁFICO

O WALDO GOELDI nasceu no Rio de Janeiro, a 31 de outubro de 1895, filho do naturalista Emílio Augusto Goeldi, fundador do Museu Goeldi, da capital paraense. Com seis anos, partiu em companhia do pai para a Suíça, onde viria a terminar os estudos secundários. Em 1917, abandonando o curso de Química Agrícola, que já então cursava na Universidade de Zurich, passa a freqüentar a Escola de Artes e Ofícios de Genebra, bem como o atelier livre de Serge Pahnke e Henry Van Muyden. A primeira exposição será na Galeria Wyss, de Berna — uma série de desenhos. Em 1919, retorna ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro. Só dois anos mais tarde, no Liceu de Artes e Ofícios, exporá seus trabalhos ao público carioca. A Semana de Arte Moderna ainda não descerrara aos brasileiros as portas maravilhosas da arte moderna, e bem podemos fazer idéia de como foram recebidas as fortes obras de Goeldi.

● Em 1930, nova viagem à Europa. Ali, trava relações pessoais com Alfred Kubin (a quem, certa ocasião, enviara seus trabalhos para que sobre eles opinasse o grande artista; o elogio deste foi fator preponderante na obra de Goeldi, que, no dizer de Aníbal Machado, «parecia ter condicionado seu próprio destino, e o de sua arte, à resposta do famoso mestre austríaco»). Kubin descobre nos desenhos e gravuras do brasileiro algo «de surpreendente e louco», e propõe à Galeria Wertheim, de Berlim, que se organize uma exposição dos trabalhos do artista sul-americano. Assim, ao lado de obras de Utrillo, Matisse e outros, pela primeira vez aparece o nome de Oswaldo Goeldi numa grande galeria européia.

Voltando ao Brasil, inicia-se na ilustração de livros, como «Cobra Norato», de Raul Bopp, inúmeras obras de Dostoiewsky, o «Martim Cererê», de Cassiano Ricardo, etc., etc.

● A xilogravura o seduz, e Goeldi grava agora peça sobre peça. As madeiras do Brasil parecem enfeitiçá-lo e o artista mais e mais penetra nos meandros de uma técnica que, aliada à uma rara sensibilidade, fizeram dele o maior gravador do Brasil. Em 1951, conquistando o Primeiro Prêmio de Gravura da Bienal Paulista, conquistava igualmente Goeldi a maior láurea de sua vida artística. Professor da Escolinha de Arte e da Escola Nacional de Belas Artes, membro da Comissão Nacional de Belas Artes, Oswaldo Goeldi é, atualmente, no Brasil, a mais forte afirmação da Gravura, entre nós, e seu mais puro representante.

ESTUDO SOBRE GOELDI — Goeldi — Por Aníbal M. Machado. Texto português, francês e inglês. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. Coleção Artistas do Brasil. Rio, 1955.





GATOS

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES

- 1917—Galeria Wyss (Berna, Suíça)
- 1921—Liceu de Artes e Ofícios (Rio)
- 1930-1931—Exposição em Berna, e, por recomendação de Kubin, na Galeria Wertheim (Berlim)
- 1941—Instituto Arquitetos (Rio)
- 1950—Salão Baiano de Arte (Salvador)
- 1950—Bienal de Veneza (Itália)
- 1951—Bienal de São Paulo (Primeiro Prêmio de Gravura)
- 1951—Galeria Domus (São Paulo)
- 1952—Bienal de Veneza (Itália)
- 1952—Galeria Tenreiro (Rio)
- 1953—Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro (Montevideu, Uruguai).
- 1954—Kunstmuseum de Berna (Suíça), com «Gravadores Brasileiros».
- 1954—Bienal Paulista.



COMILÃO, CUIDADO COM A SOBREMESA



GOELDI ENTRE OS ALUNOS, na Escola Nacional de Belas-Artes, iniciando na arte de que é entre nós máximo expoente.

OPINIÕES DE GOELDI

● O ABSTRACIONISMO

— «O Abstracionismo, considerado por alguns críticos como a mais avançada das artes, em análise melhor, e na minha opinião, é somente a mais afastada da natureza. Como tal, não encontra mais saída. A cabeça resolve tudo. Desligada e autônoma, sem compromissos, funda-se num mundo de formas e conceitos, teorias da composição, quadrados e triângulos, cores, linhas, dimensões e espaços. Tudo é tratado e estudado de modo impressionante. Erros constantes de interpretação e dedução aumentam o caos. Como a linguagem só serve para os escolhidos, querem os abstratos dar uma finalidade prática e palpável ao público. Há então incursão no terreno do artesanato artístico, jóias, tecidos, decorações, etc. Aliviam assim a questão pecuniária, tão problemática para todos os artistas, único lado positivo alcançado pelos ambiciosos abstracionistas. Vivem nas sombras do **Bauhaus**, falam das brincadeiras de Klee com seriedade, sonham com filiais onde possam espalhar em tom doutoral suas grandes sabedorias. O horror e a vergonha de tudo que lhes recorda a natureza é sinal da dúvida e da insegurança que sentem».

● ACADEMISMO, PERIGO DE NOVO

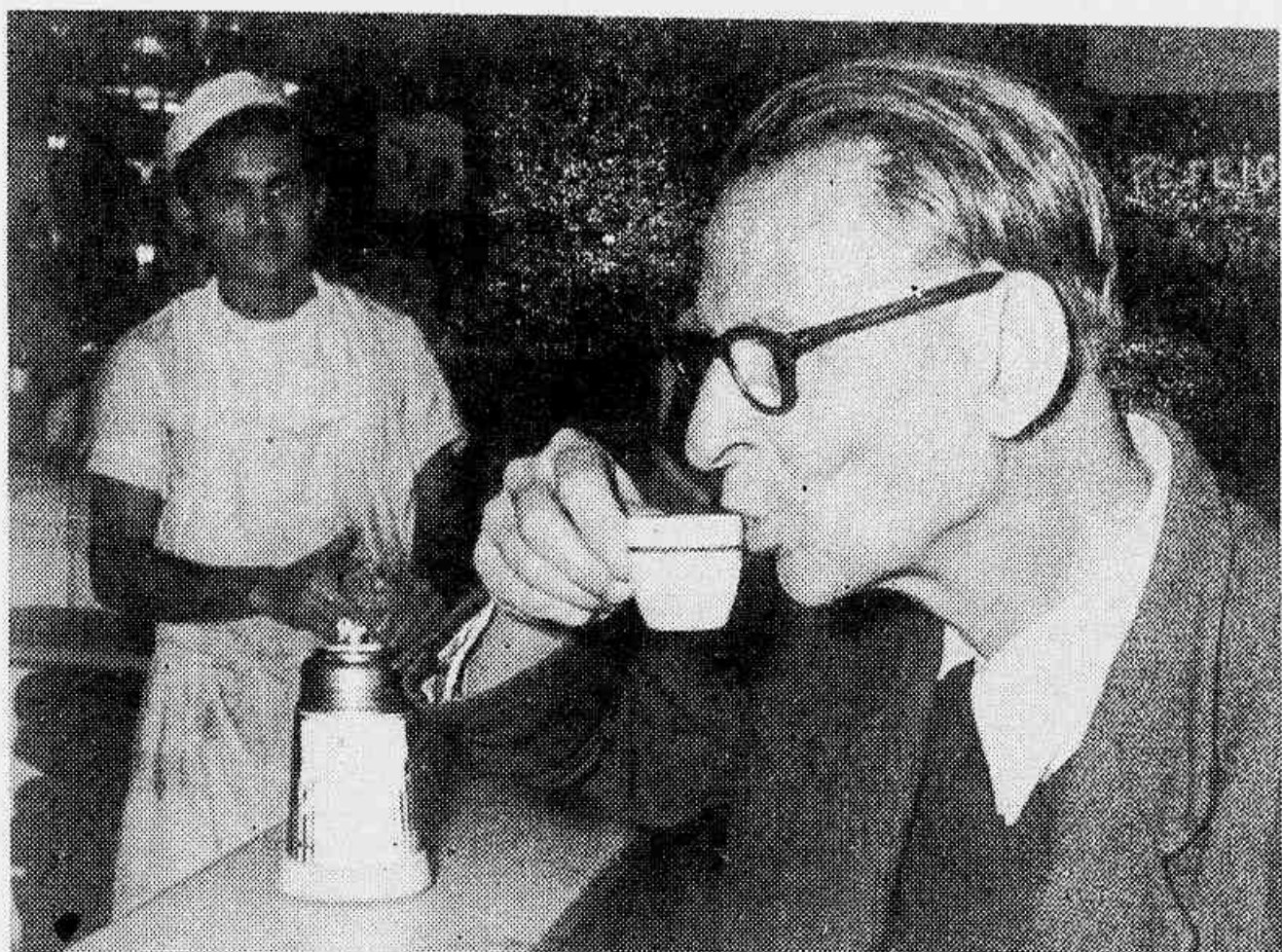
— «Em 1941, a gravura brasileira, em mostra coletiva com gravadores de toda a América Latina, fez boa impressão. Era tempo de guerra, e a arte menor, sem ligação com a Europa, foi considerada autônoma e bastante interessante. Dez anos após, na Primeira Bienal de São Paulo, quando declarada vencedora, começou a corrida pelas palmas. Observações de críticos estrangeiros, que sonham apenas com «planos internacionais» — expressão sem maior significação, pois visa somente os meios — viram a cabeça de muitos. Os Hayters, os Friedländer, espalham fórmulas e receitas válidas em todos os cantos: Brasil, América, Japão, Suíça... Foi para ver os moços avançados entrarem num novo academismo, que os priva da liberdade e independência, que combatemos o velho academismo?»

● DECADÊNCIA

— Conhecemos na história da Gravura várias fases de decadência. Toulouse-Lautrec salvou a litografia, elevando-a à dignidade artística. A xilografia emprestaram Gauguin e Munch sua colaboração, restituindo-lhe a perdida liberdade. Estamos agora numa nova decadência. Sairemos dela? Sim. Acreditamos numa gravura de profundidade, livre, com técnica própria e originalidade. Querem um digno exemplo? Jacques Villon. A outra gravura a **tão avançada**, fica só na superfície. Morrerá quando todos se sentirem cansados da grande festa. Haverá sempre do lado de fora alguns homens firmes e calmos, sem pressa, que conhecendo uma verdade, ficam com ela, mesmo sôzinhos, porque ela lhes dá forças.

● DESENHISTAS, SOBRE ALGUNS

— «O que marca o estilo do desenho de um Beckmann é o rancor. Também esse rancor está presente na obra de vários expressionistas, como Meidner, Masereel e Grosz. E é ele que provoca o salto relâmpago da pena de aço sobre o papel de um Kubin. Forain é cruel, Suzanne Valadon (no dizer de Degas) desenhava *avec une scie*».



HOMEM SEM VAIDADE. simples e sincero é Goeldi — como o foram em tôdas as épocas, os verdadeiros artistas.

● GRAVURA

— «Gravura é uma transposição do desenho, uma vez superadas as dificuldades técnicas. Guarda ainda o específico de cada temperamento. Daí sua variedade e riqueza. Um gravador, um pintor e um escultor encaram de modo diverso a gravura. Para os pintores e escultores, a gravura é um aumento de seu campo de expressão. O gravador apenas gravador não raro se perde nos meandros da técnica, trocando os meios pela finalidade. A própria história da gravura ensina que pintores foram quase todos os inovadores da técnica, os Rembrandt, os Goya, os Daumier e os Munch, até aos Gauguin, Redon e Toulouse-Leutrec, já mais próximos de nós».

● ISOLADOS, SOBRE OS

— «Os que não vêem solução alguma no domínio do abstracionismo, encontram-se numa situação crucial. Porque existem os isoladores, os que saíram de uma academia, quebrando as pontes de ligação, e não acreditam nem desejam novas academias; que sabem que o afastamento total da natureza não é senão um hábil contornar da questão, por falta de força e de coragem; que a arte brota de um manancial misterioso e inesgotável, dentro do qual não há fórmulas, mas somente leis. É preciso convir que se pode perfeitamente pintar o visual sem cair no banal — com o olhar tornado para o próprio íntimo. Daumier e Constantin Guys desenharam de memória. Redon materializou sonhos em desenhos, gravuras e pinturas. É claro que há abstratos sinceros: por exemplo, Feininger, a quem admiro, porque seu abstracionismo é música interior de um artista».

● PICASSO

— «Não posso gostar de Matisse ou de Picasso! Este, desejando ridicularizar Van Gogh, não soube encontrar outro desabafo senão esse: «Van Gogh était un vagabond sentimental». O mordaz e linguarudo Picasso confundiu a hipersensibilidade de Vincent, carregada de tensão nervosa, e que é justamente o seu lado forte, com seu próprio sentimentalismo, tão visível nas fases azul e rosa. Foi nestes períodos de sua carreira que pela última vez ousou mostrar-se ao mundo em sua verdadeira fisionomia. Até hoje luta para encobrir esse seu lado fraco, autenticamente sentimental, falseando seu íntimo, querendo impor-se como bárbaro. Nasce assim um falso barbarismo, de um hipercivilizado dos grandes centros cheios de falsos profetas. Bárbaros legítimos são Gauguin, Roualt, Orozco, para só citar alguns. Desenharam, gravaram, pintaram, com crueldade e sangue. A grafologia trai tudo. E' assinatura reconhecida. E' só saber ler um desenho para tudo ver e compreender. Masereel, com a sinceridade que ressalta de sua obra, pode ser mais generoso: «De todos os artistas, tanto dos vivos como dos mortos, Van Gogh é para mim um dos mais queridos, como homem e como pintor». Há desenhos de modernos vazados num estilo tão íntimo e pessoal que não podem ser desligados jamais de seu criador. E' o caso de um Barlach. Ora, vi um álbum de Picasso «à la manière» de Barlach, outro «à la manière» de Matisse e de Masereel. Isso é um golpe-baixo vibrado no espírito moderno, no que ele ainda tem de respeitável e de nobre, por esse camaleão das artes plásticas que é Picasso».

● VAN GOGH

— «Dizem os entendidos em grafologia, que as primeiras manifestações da escritura podem ser encontradas já numa criança de dois anos, porém com sinais diferentes, que são do domínio do desenho. A criança tenta identificar-se com o mundo que a rodeia. Há em Van Gogh idêntica posição primária quanto ao desenho, escritura desenhada, um modo direto e espontâneo de grafar seu próprio mundo. Em sua espécie de taquigrafia apaixonadamente traçada, cada traço é um pedaço de nervo com a veemência de um coração bárbaro. O bico de pena torna-se qua-

se um estilete. Van Gogh nunca fez xilografia — o que representa perda máxima para a história da gravura em madeira. Os brancos e pretos ter-se-iam alastrado pela madeira com dinamismo inaudito de força dramática. Para este século, é ainda Van Gogh o grande criador de um novo estilo moderno de desenho. Uma figura que suporta o confronto com Dürer. E' assim que entendo o desenho».

● TEÓRICOS E TEORIAS

— «Há mais de 50 anos sofremos com tantas teorias. Desde Seurat e Cezanne. Imitadores, comentadores e discípulos especularam demais com as regras desses artistas, dos quais se aproveitam hoje, sem lhes respeitar a obra. A marcha num caminho errado foi tão longe, levou a um ponto tão distanciado, que é impossível voltar ao ponto de partida para uma nova e severa revisão crítica. A simbiose entre crítica e artes plásticas continua aumentando o número de vítimas, e a marcha com passo acertado dos cosme e damião é fúnebre».

Osw. Goeldi



OS PEIXES EXERCEM sobre Goeldi, estranha atração. Ei-lo no Mercado Municipal, examinando alguns cações.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



A LEVIANDADE de Maria Weininger fêz com que seu atual marido, o sargento inglês Emmett Dunne, matasse seu amigo Reginald Watters, primeiro marido de Maria. Ambos serviam nas tropas de ocupação britânicas na Alemanha, e Maria desposou Dunne sem saber do assassinato. Agora, descoberto o crime, Emmett está prêso, e aguarda o júri.

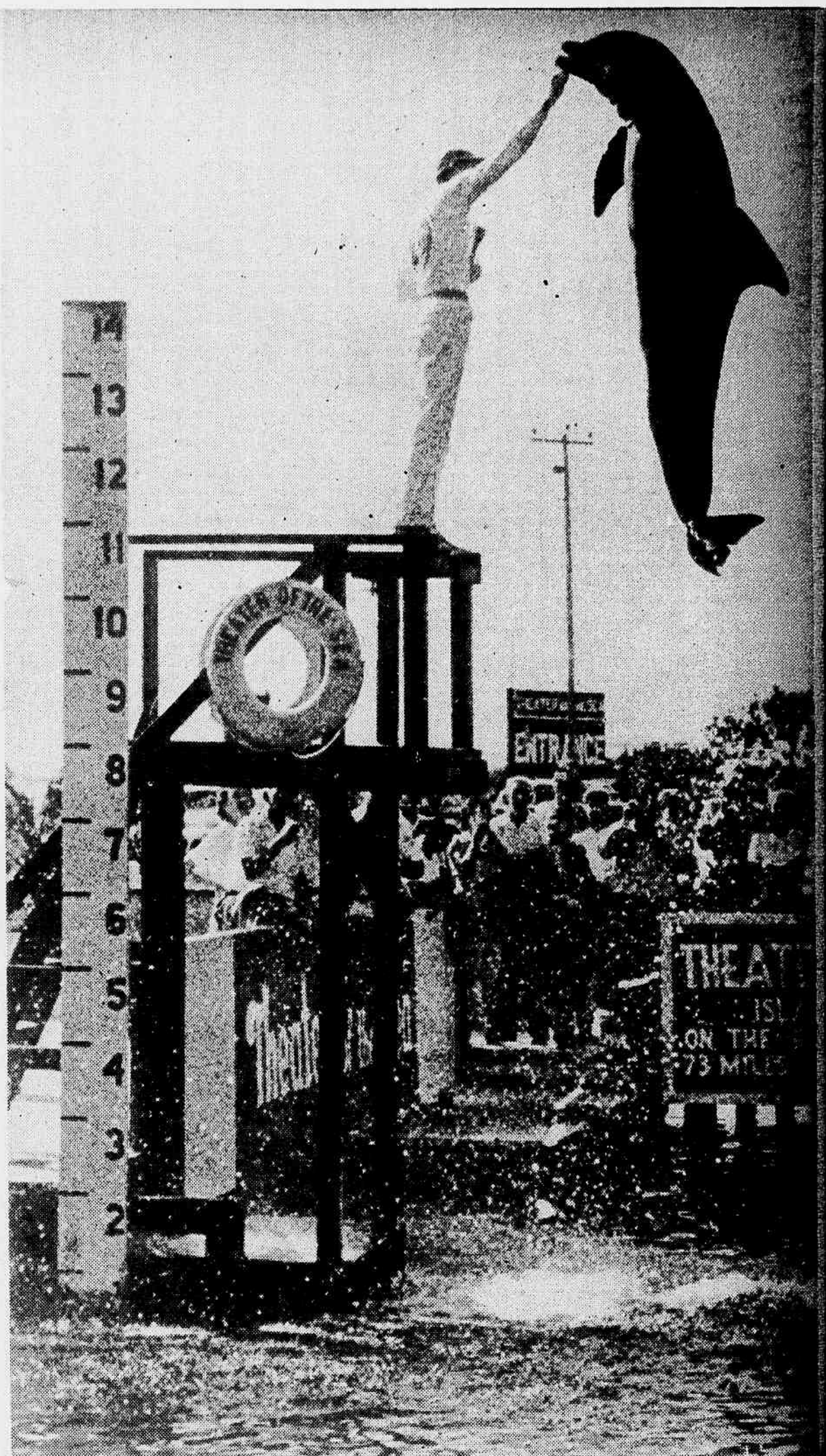
NO LIDO DE VENEZA, os Duques de Windsor dão vazas à sua alegria. E' muito raro um fotógrafo, por hábil que seja, conseguir bisbilhotar a vida íntima de ambos, que parecem tão felizes hoje como no dia do casamento.

NA PRAIA DE MALIBU, Rita Hayworth, Dick Haymes e família exercitam-se. Rita acaba de solicitar divórcio do astro argentino. E partiu para Paris, a fim de encontrar-se com... Ali Khan.





MUITO EMBORA NÃO SEJA pròpriamente aquilo que se denomina uma grande prima-dona, ninguém poderá negar a Marylin Monroe algumas qualidades canoras, que exhibe quando pode. Não a acham uma BOA cantora?



PARA OBTTER um pedaço de pão das mãos de seu treinador, êsse enorme delfim, hóspede de um aquário na Flórida, é obrigado a dar verdadeiros vôos fora da água.

CLAIRE BOOTH, LUCE, Embaixador dos Estados Unidos na Itália, na Praia do Lido, em Veneza, pouco após haver proibido a exibição de «Sementes do Ódio» nos cinemas do território italiano.

MARINA VLADY, a quem tornaremos a ver no principal papel de «A Feiticeira», casar-se-á dentro de algum tempo com Robert Hossein, que aqui aparece a seu lado.



A OUTRA FACE DO RIO



A LUZ ARTIFICIAL toma o lugar da solar. Nesse mundo de penumbra, só as estátuas parecem viver, em sua imobilidade pétrea. O centro da cidade está deserto, os bairros estão desertos, a Avenida Rio Branco está deserta. Uns poucos retardatários compram os jornais, recém-saídos das incansáveis rotativas. É madrugada. A cidade prepara-se para enfrentar mais um dia de árdua luta. O silêncio tomou conta de ruas e edifícios.

QUANDO A NOITE DESCE

DEPOIS DA MEIA-NOITE, A CIDADE ADQUIRE UMA APARÊNCIA TOTALMENTE DIFERENTE DAQUELA QUE APRESENTOU DURANTE O DIA. — O AMOR, O CRIME, O DESESPERO, A POESIA, A SOLIDÃO E A MORTE DE MÃOS DADAS NO "BALLET" ALUCINADO DE UMA MADRUGADA CARIOCA.

texto de VINICIUS LIMA

fotos de VICTOR TAPAJÓS e VINICIUS LIMA

UMA grande cidade é como o corpo humano: sente a necessidade imperiosa de repouso para continuar vivendo. Necessita recuperar, no sono, as forças dispendidas durante o dia, para recomeçar, com ímpeto maior, na manhã seguinte. É como um organismo humano, e por isso, dorme geralmente após a meia-noite, permanecendo inalterados somente os ritmos tênues que partem das «boites» e «dancings». Tal qual o

corpo humano, porém, há sempre uma coisa que, como o sangue correndo de veia em veia e de artéria em artéria, não permite jamais que a vida cesse de todo no coração da cidade adormecida: corre pelos fios elétricos, pelos encanamentos, traduz-se em cada uma das centenas de luzes que iluminam as grandes redações, os enormes estabelecimentos bancários, ou o simples apartamento onde um homem, no

silêncio da noite, combate contra a máquina de escrever a falta de inspiração e a fadiga.

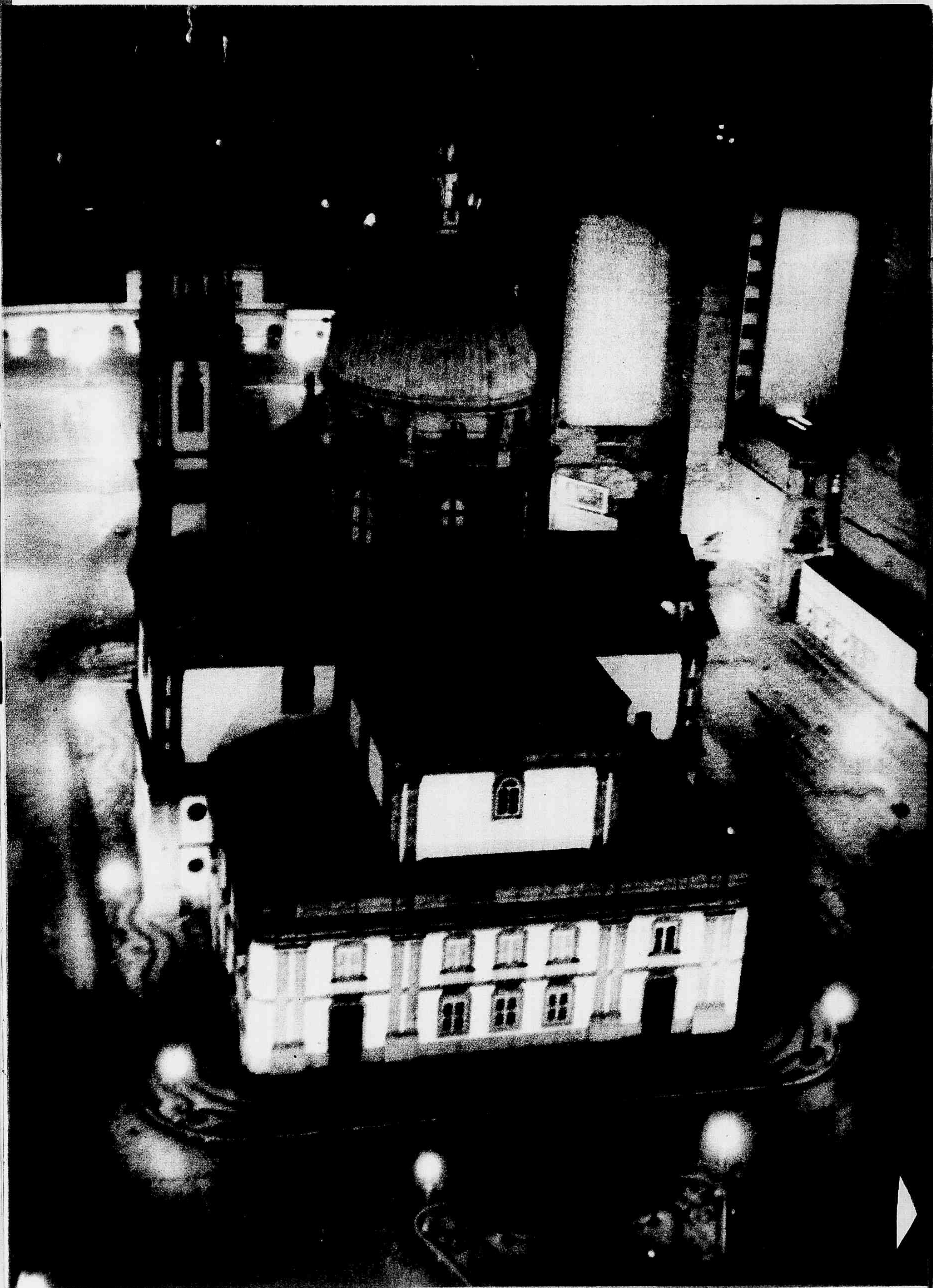
O Rio de Janeiro, como grande cidade que é, possui duas faces: a face que todos conhecemos, que se desenrola sob o signo do sol, movimentando-se através da espinha dorsal do Enorme Corpo, que é a Avenida Presidente Vargas, agitando o longo braço direito incessantemente — o braço direito que se chama Ave-

ci-
las
os.

MA

a de

ne é,
nece-
mo-
l do
Var-
ssan-
Ave-



A OUTRA FACE DO RIO



DURANTE A NOITE, somente as estátuas velam, por inst...
um mar de luzes (que o racionamento terminará por es...
dão. Enquanto isso, os matutinos começam a pôr a...
bana é uma grande boca eternamente aberta" devor

nida Rio Branco —, até quando a noite desce, e a cidade repousa, exausta das filas intermináveis, dos milhares de veículos e dos milhões de pedestres, deserta dos últimos apreciadores de cinema e de teatro, que já se recolheram às suas residências, mastigando discretamente os primeiros bocejos. Aí, começa a aparecer a face número dois, a misteriosa, a desconhecida. E a cidade adquire uma nova aparência, uma fauna diferente cruza em surdina suas ruas vazias, esgueira-se pelas vielas, posta-se à luz dos postes de iluminação. De mistura com os trabalhadores que reparam trilhos e fios telefônicos, ou dão a última vassourada nos cafés, já limpos para o dia seguinte, as decaídas e os boêmios de todas as espécies vão pouco a pouco deixando os seus esconderijos, parasitas gigantescos a corroerem o organismo da cidade.

RIO — DE MEIA-NOITE ÀS SEIS DA MANHÃ

Até às onze da noite, filas de passageiros acotovelam-se à espera de lotações; mas, depois daquela hora, as posições se invertem, e os lotações, em filas, disputam os raríssimos retardatários.

Quando não há festas ou chuva, os carros-

pipa
ruas
rosos
mas
dos
nico
dos
«circu
junta
véze
trize
No
«Ca
cias
«cab
amô
Lá f
rada
lará
gad

O
sabe
cois



velam, por instantes escapes ao seu pétreo mutismo. Em
minar por estancar), são impressionantes em sua soli-
a a pôr a banca dos jornais. E o túnel de Copaca-
aberta" devorar os primeiros clarões da madrugada.

esce,
ermi-
hões
lores
n das
e os
er a
cida.
uma
ruas
à luz
n os
tele-
afés,
as e
co a
sitas
dade.
ANHA
eiros
t, de-
em, e
simos
artos-

pipa da Prefeitura incumbem-se de limpar as
ruas da cidade, molhando-as com seus pode-
rosos jatos d'água. Surgem após, empunhando
massaricos, os trabalhadores da Light, incum-
bidos de consertar trilhos e remendar fios telefô-
nicos. Outras turmas, essas com grandes cuida-
dos par evitar o ruído, encarregam-se de fazer
«cirurgia» no asfalto — operações executadas
junto a trilhos de bonde, e que deixam muitas
vêzes, nos mais diferentes pontos do Rio, cic-
trizes indeléveis.

No interior das «boites», os componentes do
«Café Society» esmeram-se em fornecer noti-
cias aos colunistas sociais; nos «dancings» e
«cabarets», ao compasso do bolero ou do blue,
amores ilegais e passageiros são concertados.
Lá fora, os Cosme e Damião desgrudam namo-
rados mais afoitos, ou tentam interceptar os
larápios que elegem a penumbra da madru-
gada para palco de sua «profissão».

RIO DAS ALMAS PERDIDAS

Obrigado pela profissão, um repórter tem de
saber certas coisas. Durante a madrugada,
coisas incríveis acontecem, do crime escabroso



A OUTRA FACE DO RIO



GALERIA CRUZEIRO. O velho lampião (que vultos não se detiveram à seus pés, nesses 50 anos?) é o único habitante do pátio, povoado de sombras.

à nota de ternura, da poesia ao sacrilégio. As três da madrugada, ao passar pela frente do «Praia Bar» (que era o favorito do bandido Arlindo Pimenta, morto em 1954 pela Polícia), ouvimos de boca de um malandro a seguinte frase:

— Só quero ver o que vou contar para minha mulher.

Mais adiante, um boêmio despedia-se de um amigo:

— Preciso ir para casa, para acordar cedo: tenho um encontro amanhã às quatro da tarde...

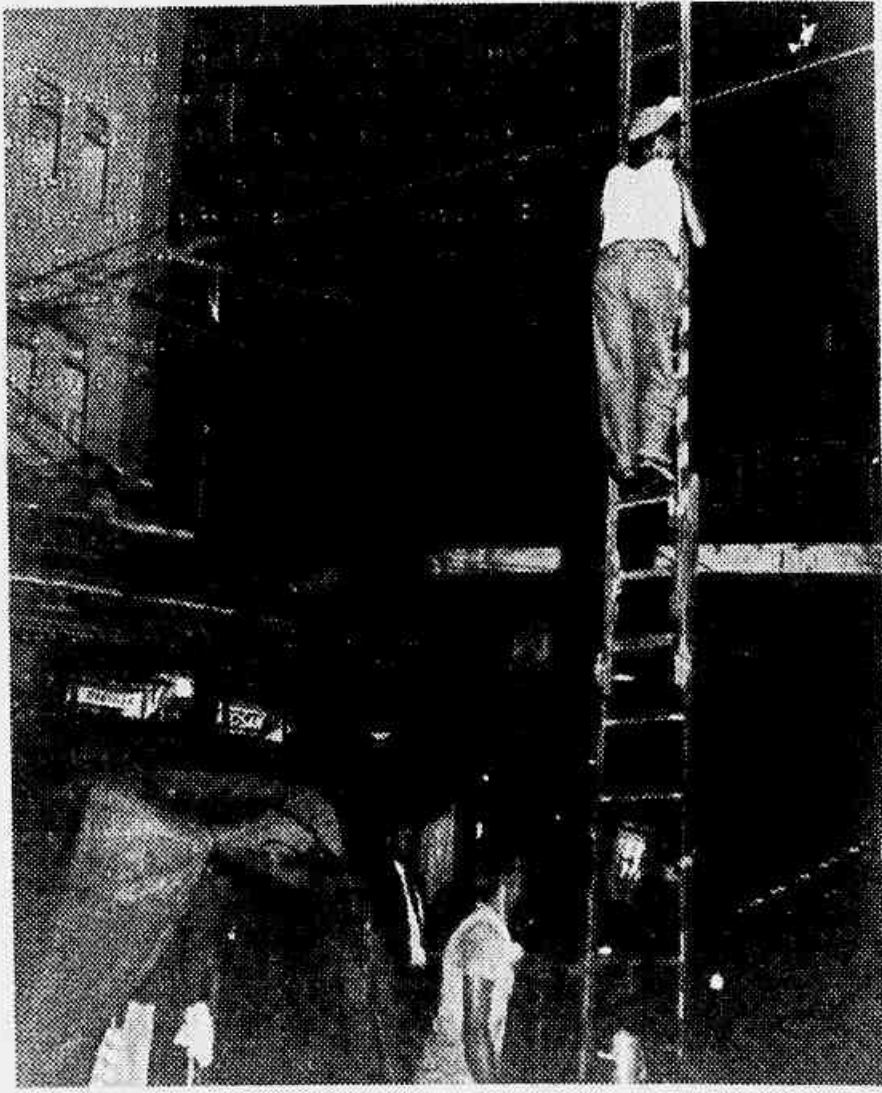
Na Cinelândia, tudo deserto. Nem um transeunte ou automóvel na Avenida Rio Branco e raros na Presidente Vargas e adjacências. De posse das necessárias permissões, de cima dos terraços de alguns grandes edifícios, fotografamos as ruas desertas. Aqui e acolá, uma

carrocinha de leiteiro, ou carroças de lixo, ainda puxadas a burro.

O Tabuleiro da Baiana, uma hora e pouco depois, se tinha transformado num grande albergue, onde marginais em quantidade buscavam escapar aos rigores da noite.

PRAÇA TIRADENTES, MAUÁ

Na Praça Tiradentes está situado o maior



AS CASAS COMERCIAIS foram lavadas para mais um dia de luta, trabalhadores consertam os fios. E a miséria esconde-se nos desvãos das escadas.

agrupamento de teatros do Rio — teatro ligeiro, de revistas; já a Praça Mauá é o local preferido pelos contrabandistas de «whisky» e de cigarros americanos, por encontrarem no proprietário do «Flórida Bar», o famoso Zica, o freguês ideal. À meia-noite, a Praça Mauá regorgita de mulheres de vida irregular, abraçadas a marinheiros americanos, ingleses, noruegueses e até japoneses. Algumas, pela longa prática, proferem frases inteiras nesses idiomas. São em geral obscenidades, que despertam longas gargalhadas naqueles homens rudes e dispostos a tudo por um pouco de amor. As menos experientes, por meio de mímica, conversam com os homens.

As duas da manhã a Praça Tiradentes gira a todo vapor seu caleidoscópio de vícios. As «gafieiras» estão repletas (cinto ao todo), e nelas se reúne, em macabro arremêdo do que nas grandes «boites» acontece, a alta sociedade do crime, o «Café Society» da perversão e dos invertidos. Malandros conhecidíssimos através do noticiário policial, preparam, entre uma contradança e um trago de cachaça, os últimos detalhes do próximo assalto.

OS LOTAÇÕES

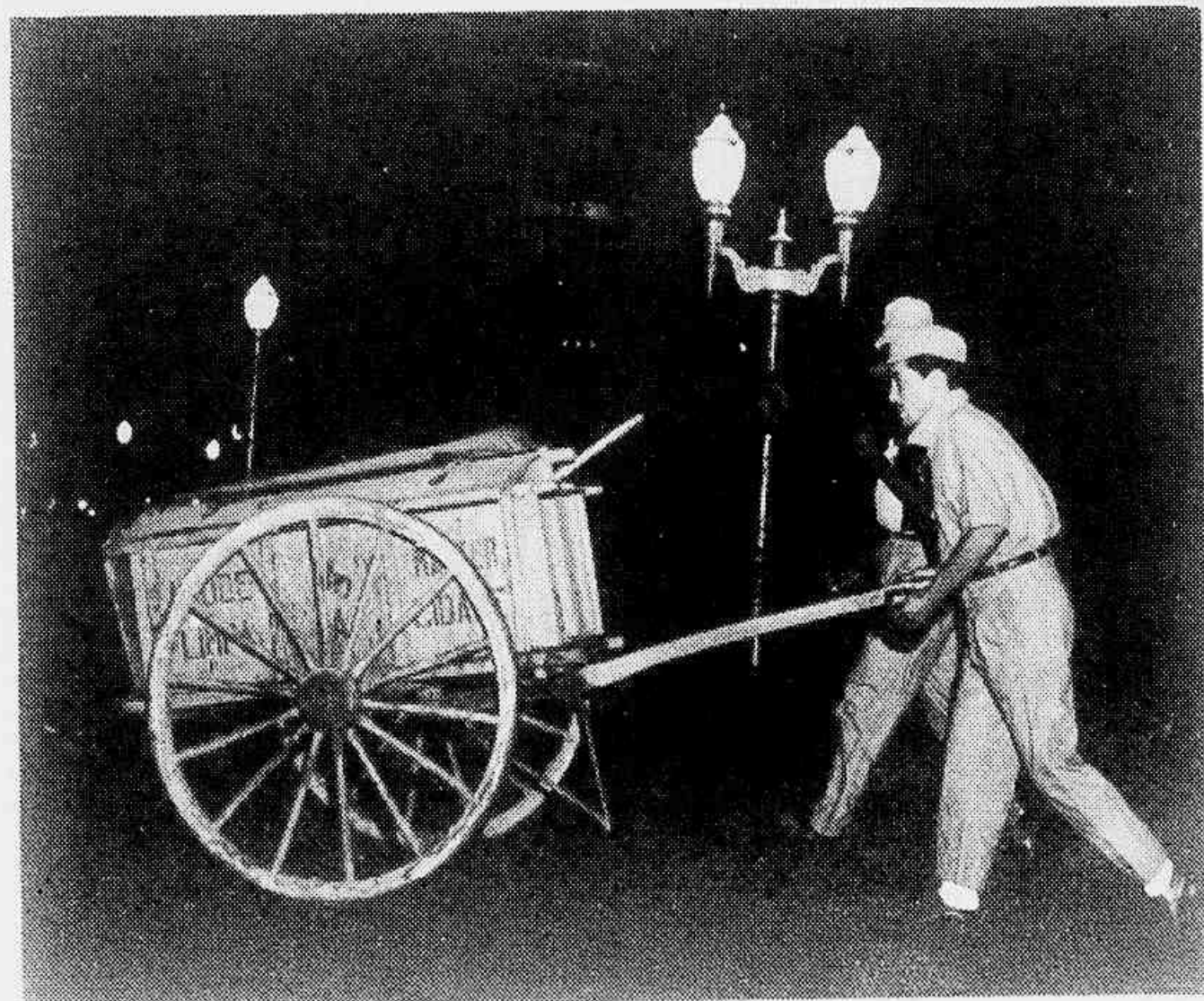
De madrugada, todo «chauffeur» de lotação é capaz de vencer os Fangio e os Von Stuck do mundo inteiro. Nas horas tardias da noite, as pistas que conduzem aos elegantes bairros da zona sul chamam raivosamente, ao passar das rodas velozes dos veículos alucinados. Ai de quem tenta, então, atravessar, por ligeiro que seja, as grandes pistas de corrida que vão beirando o mar até ao Arpoador! Um cadáver contrastando tristemente com a beleza inextinguível do Rio, é quase sempre o saldo fúnebre do incidente.

COPACABANA

Enquanto as praias da zona sul transformam-se em locais de encontro entre namorados mais ou menos suspeitos, a «boite» «Balalaika» é uma orgia de música, e atrai muitos jovens mal despontados para a vida, e já imersos em lama. Os edificios dormem. Dentro de algumas horas, a vida recomeçará intensa e frenética, exigindo o máximo de cada um, comprimindo-se nos bondes e nas conduções, no interior das lojas e pelas ruas e avenidas.



AVENIDA RIO BRANCO de madrugada. Um risco de luz na boca da noite. Ninguém pelas calçadas.



OS JORNAIS partirão em breve para os pontos mais afastados do país. E os garis terminam a ronda noturna, que amanhã recomeçará, infalivelmente.

CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

● FASCÍNIO

Quando se diz que uma mulher é fascinante, que se pretende exatamente significar? Que coisa é o fascínio feminino, essa qualidade que não é nem beleza, nem elegância, nem propriamente "sex-appeal", porém atrai mais que cada um desses predicados femininos? Examinando a resposta dada a essa pergunta por várias personalidades (masculinas e femininas) chega-se à conclusão que... bem, não se chega à conclusão nenhuma, pois as definições de "fascínio" são as mais desconstruídas possíveis.

Para o produtor cinematográfico Howard Hughes, acostumado à convivência com as belezas reputadas as "mais fascinantes da tela" o fascínio de uma mulher está na exuberância de seu corpo; para Samuel Goldwyn, no entanto, o poder de fascinação está todo ele nos olhos e para Alexander Korda, na voz.

Zsa Zsa Gabor diz: "O fascínio nasce do prazer que uma mulher sente quando percebe que agradou a alguém".

Já a artista inglesa Margaret Lockwood tem outra definição: "O fascínio nasce, provavelmente da beleza, mas alimenta-se e perdura pelo temperamento feminino. Os homens não são tão tolos e superficiais como pensam muitas mulheres".

E, finalmente, a opinião de Ava Gardner: "O fascínio não aumenta com o tempo, mas deve ser cultivado para persistir. É uma arte".

● RAINHAS DE BELEZA

Num congresso de cosméticos realizado em Baden Baden, na Alemanha, foi divulgada uma original estatística: que nesses últimos 30 anos já foram eleitas cerca de 800.000 rainhas de beleza em todo o mundo. Os Estados Unidos entram nessa cifra com 180.000 eleitas, sendo que somente em Hollywood 75.000.

Cinco por cento das eleitas tentou ingressar no cinema...

SUGESTÃO PARA O LAR

● AQUELE canto morto do «hall» de entrada de seu apartamento pode ser transformado, sem dúvida, num útil armário para copas, casacos e chapéus, senhora Rosália, de Copacabana. Basta chamar um carpinteiro para techá-lo com uma porta e fazer as prateleiras, que poderão, ser simples ou recurvadas graciosamente em estilo de «pagode chinês», como na ilustração. Nesse caso, serão laqueadas em negro ou grená muito escuro. Também chinês é o motivo do estampado que forra inteiramente as paredes do armário. Os cabides anatômicos foram recobertos de tecido granité e debruados na cor das prateleiras. Também foram torrados os porta-chapéus e a caixa, que é enfeitada com vistosos alomares de seda. Estão muito em moda os motivos do Extremo Oriente na decoração.

WEEK-END NA COZINHA

Você já experimentou fazer torta de palmito? Não é difícil, é saborosa, e, sem dúvida, será muito apreciada pelos seus.

● 1 — Prepare primeiro a massa: 1 1/2 xícara de farinha de trigo, peneirada com uma pitadinha de sal; 1/2 xícara de banha de côco, 3 colheres das de sopa de água fria. Misture tudo com um garfo, depois continue a amassar com as mãos. Forme uma bola e deixe descansar.

● 2 — Numa frigideira grande derreta 1/4 de xícara de manteiga, tempere com sal e pimenta, e misture com 2 colheres das de sopa de suco de limão. Refogue aí o palmito de uma lata (de 1 quilo) cortado em pedacinhos. Cubra e cozinhe por 10 minutos, mais ou menos, em fogo brando, mexendo de vez em quando para não pegar na frigideira. Escorra o líquido que estiver na frigideira, e conserve-o para depois.

● 3 — Numa forma de vidro ou cerâmica refratária arrume o palmito cozido. Prepare, então um molho com: o líquido reservado acima, 2 colheres das de sopa de manteiga, 4 colheres das de sopa de farinha de trigo, 1 1/2 xícara de caldo de carne (ou apenas água), 1/2 xícara de vinho do Porto ou Moscatel. Quando o molho engrossar, tire do fogo e junte 1/2 xícara de creme de leite, misturando bem. Espalhe esse molho sobre os palmitos.

● 4 — Abra a massa não muito fina (côrca de 1/2 cm) e cubra a torta apertando as bordas para não abrir e fazendo uma pequena abertura na parte de cima para sair o vapor e não quebrar a crosta. Deve ser assada cerca de meia hora, até que a massa esteja ligeiramente tostada.



A mais antiga Miss Universo que ainda esteja viva é a Sra. Gertrude Dopieralski, de Hamburgo, "Miss 1909". Entrevistada sobre os atuais concursos e desfiles, essa rainha de beleza de há quase meio século mostrou-se escandalizadíssima: "Se no nosso tempo tivéssemos usado para o desfile roupas tão suscintas teríamos ido direitinho para a prisão" — declarou.

NOTINHAS ÚTEIS

QUANDO FIZER tarinha de rósca, passando o pão torrado pela máquina de moer carne, amarre na boca desta um saquinho de papel para receber a farinha. Evitará que os fragmentos de pão torrado se espalhem por toda a cozinha, poupando o trabalho de limpá-la depois.



ANTES DE ENCHER a carretilha da máquina de costura, marque os primeiros 10 ou 15 cm da linha com giz de côr. Assim você saberá quando a linha tiver acabado, evitando costurar um pedaço grande sem linha em baixo, como acontece freqüentemente e é muito aborrecido.



LIMPE AS SUAS poltronas de couro vez por outra, esfregando-as com sabão próprio para couro. A proporção que fôr limpando, porém, vá enxugando imediatamente para que não fique muito úmida, pois do contrário o couro endurecerá. Depois de limpa, e bem seca, passe uma camada de cera incolor, que a conservará por mais tempo. Dê lustro com uma flanela limpa e macia.



PARA OS SAPATOS e as bolsas de camurça faça um saquinho de tecido barato. Assim os guardará muito bem protegidos contra o mofa e a poeira, os piores inimigos da beleza dos objetos de camurça. Durarão mais com esse pequeno cuidado.



UM POUCO DE BELEZA

PERNAS E... VERÃO

● Vem chegando o verão e nunca é demais insistir sobre o tratamento de beleza que se deve dar às pernas. Antes de mais nada precisam ser bem depiladas. Mesmo quando se usam meias os pelos podem ser vistos e isso prejudica extremamente a beleza das pernas que precisam ser lisas, claras, macias, quase tanto quanto a pele do rosto.

Procure conhecer algumas boas marcas de depilatórios e escolha a que mais lhe agrada e melhores resultados apresentarem para as suas pernas. Use-o e não tenha preguiça de repetir a aplicação com bastante freqüência.

A maneira mais fácil de depilar é com a gilete. Porém, como por esse processo o pêlo cresce mais «espetado», muitas preferem a aplicação de um depilatório cremoso ou em loção. Esses preparados são fáceis de ser aplicados, de resultados muito satisfatórios e podem ser usados com freqüência sem prejudicar a pele.

No entanto, obtém-se uma depilação muito melhor com a cera depilatória, ainda que seja, à primeira vista, mais difícil o seu uso. A cera depilatória é adquirida sólida; deve ser esquentada numa panelinha para derreter e aplicada ainda quente nas pernas. Depois é arrancada, e com ela os pelos. Esse método torna menos rápido o crescimento de novos pêlos, pois atua também sobre a raiz dos mesmos. Também pode-se usar o método de friccionar as pernas com uma lixa apropriada ou pedra pomes, para remover os pêlos, e torná-las mais macias. Há muitas jovens que preferem esse processo.

Qualquer que seja o método o essencial é que você cuide de suas pernas, não apenas agora no verão mas durante todo o ano. Uma massagem com óleo desses usados para os bebês contribui para a não formação de rugas e asperezas. Pode ser feita antes ou depois do banho, como preferir. (Essa massagem é também boa para amaciar as calosidades dos calcanhares e joelhos.) O uso de escova e pedra pomes durante o banho de imersão completa o tratamento das pernas, que serão depois douradas pelo gostoso sol de nossas praias.



UM CLARO ENIGMA



GRETA EM 1938 ERA ESSA BELEZA MISTERIOSA QUE TANTO FASCINAVA OS HOMENS, CHAMAVAM-NÁ «A DIVINA».

G A R B O

● **HÁ MUITOS ANOS** que o público de cinemas não presencia, nas telas, o trabalho de Greta Garbo. Desde 1945, quando foi a protagonista de «Ninotchka», ao lado de Melvin Douglas, que «A Divina» está afastada dos estúdios, abandonando a Ingrid Bergman — essa outra sueca fantástica — o lugar que por tantos anos manteve Hollywood, qual seja, o de maior atriz dramática do cinema americano. Vez por outra, nos jornais, lê-se a notícia da passagem, breve como a de um meteoro, de Greta Garbo por um Festival de Cinema ou por uma vila balneária europeia. Escasseiam as fotografias da famosa atriz, suas entrevistas desaparecem totalmente dos jornais e revistas. Sobre Greta Garbo, desce

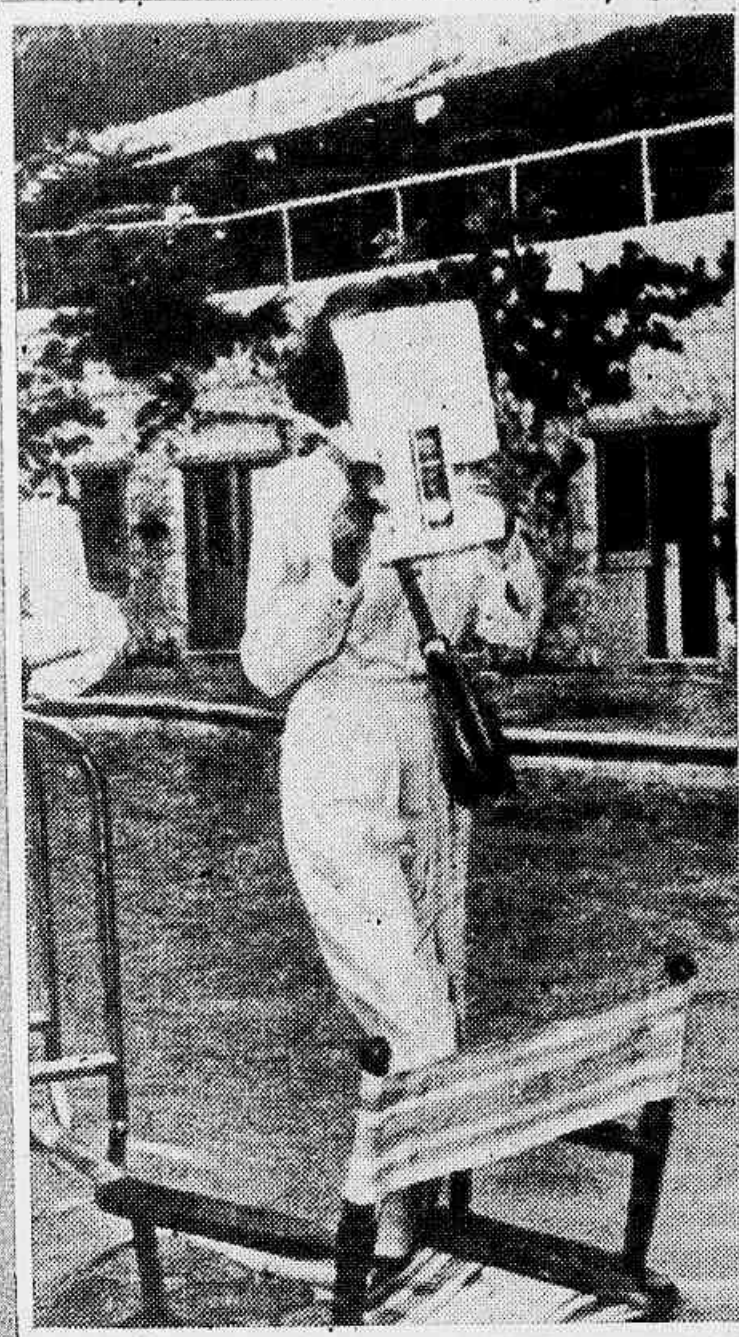
lentamente o véu do silêncio e do esquecimento. Apenas as exibições de seus grandiosos filmes — «A Carne e o Diabo», «Anna Karenina», «Dama das Camélias», etc. — em reprises que se repetem de tempos em tempos, mantêm no presente a fama inextinguível da artista de outrora. Recentemente, La Garbo visitou a costa tirrena, em companhia do milionário Onassis, da esposa deste, Attina, e de vários outros convidados, que efetuavam um cruzeiro pelas velhas cidades gregas e italianas. Com a sua personalidade marcante, Greta conseguiu «valorizar o cruzeiro», conseguindo destarte o que os economistas nacionais há tanto tempo buscam, vendo baldadas tôdas as soluções.

A FAMOSA ATRIZ OBSTINA-SE A UM RETRAIMENTO TOTAL, OCULTANDO-SE DO PÚBLICO E DOS JORNALISTAS. — UM CRUZEIRO PELO MAR TIRRÊNIO. — ONDE APARECE O NOME DE AXEL MUNTHE.

ARISTÓTELES SÓCRATES ONASSIS é um arquimilionário armador grego, dono de uma das maiores frotas particulares do mundo. Nada possui de aristotélico, e, à cicutu de Sócrates prefere o bom vinho grego, ou o uísque escocês — no que aliás não está errado. De seus navios, um destaca-se sobremodo dos demais: é o grande iate «Christinne», de linhas sóbrias e harmoniosas como a estátua de uma deusa helênica, no qual, faz um mês apenas, com um grupo de convidados efetuou um cruzeiro pelo Mar Tirrênio. Até aí nada fora do comum. Os cruzeiros a bordo de iates estão em moda — haja vista o organizado por Elsa Maxwell — e não ficaremos espantados se aqui, mesmo entre nós qualquer Ibrahim Sued vier a patrociná-los — claro que com dinheiro alheio. O que fugia, naquele, à trivialidade, era a categoria invulgar de uma convidada, outrora famosa estrêla de cinema, é hoje misteriosa sombra a percorrer os diversos países europeus incógnita, e conseqüentemente, desaparecida; era a personalidade de Greta Garbo, a primeira das famosas suecas de Hollywood, que, abandonando por momentos a terra natal, vinha rever o sol na costa dourada da Itália.

A amizade entre Garbo e Aristóteles Sócrates Onassis, parece ser platônica, a despeito do que as más línguas do mundo inteiro possam falar. Em todos os casos, a mulher que colecionou, faz muitos anos, fotografos como George Schlee, bem pode dar-se ao luxo de hoje com

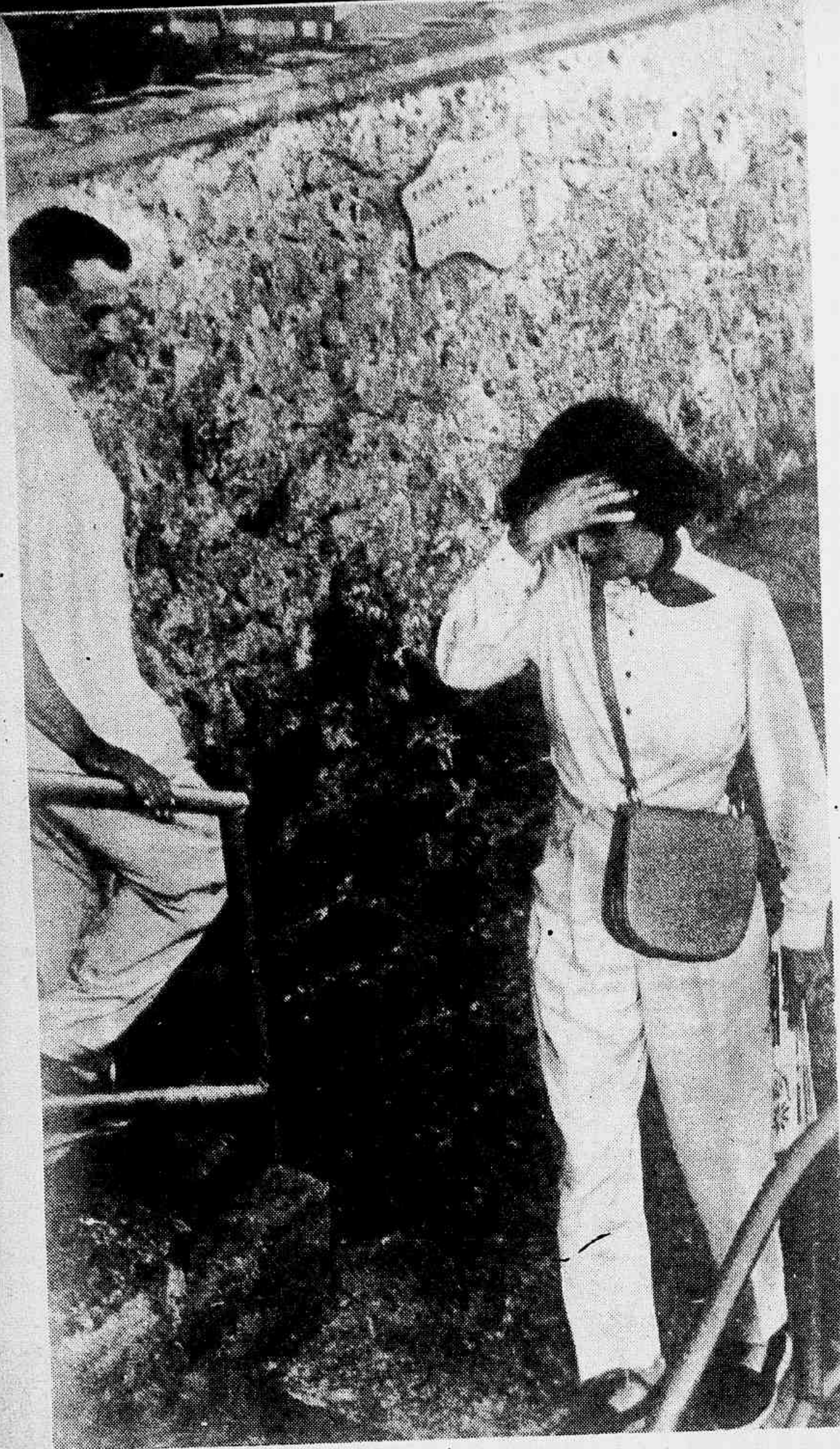
a inflação, colecionar armadores. E por falar em George Schlee, esse senhor, que é até hoje o confidente e principal conselheiro da «Divina», acompanhou-a no cruzeiro, evitando, com o fardo profissional que ainda conserva, as proximidades de fotógrafos e repórteres — aos quais Madame Garbo dedica particular aversão. Em Capri, porém, após o tradicional passeio pelo Corso Vittorio Emanuele e o almoço no «La Canzone del Mare», não houve jeito de a famosa escandinava (que viaja sob o nome de Miss Harriet Brown) esquivar-se à curiosidade de um fotógrafo italiano, o qual imiscuindo-se no «Christinne» disfarçado em costureiro, conseguiu fotografá-la de rosto descoberto, sem os naturais objetos, que podem ser guarda-chuvas, bolsas ou meras revistas, que a atriz costuma interpor entre sua face e as câmaras. E o que vemos, nessas fotografias? Um rosto descarnado e sêco, encimado por cabelos desalinhados (os pescadores de Capri apelidaram-na «A Despenteada»), e um par de óculos escuros com o qual busca a intérprete de «Ninotchka» escapar às multidões. Greta Garbo, que nunca foi bela, diga-se de passagem, com o correr dos anos adquiriu ao que parece certo complexo por isso, e porfia em esconder-se por todos os meios de uma publicidade que poderia vir provar ao mundo simplesmente o que ele, mundo, já sabe. Numa época de glorificação das Lollobrigidas e das Sophias Loren, das Marylins Monroe e Silva-



EM CAPRI, onde esteve há pouco, em companhia do milionário Onassis, Greta Garbo esconde o rosto, numa praxe seguida aonde quer que se encontre. Vão longe os tempos de «Anja Karenina».



GARBO EM 1955. No «La Canzone del Mare», brindando a beleza e a juventude passadas.



GARBO

GRETA GARBO enca-minha-se para a es-cada do «Christinne», escondendo o rosto do indiscreto fotógrafo. A-parece na foto tam-bém George Schlee, o conselheiro da atriz.

COM JOHN GILBERT, Greta Garbo formou um dos maiores pares amorosos da história do cinema. Ei-los, numa cena de «A Carne e o Diabo», um dos maiores sucessos artísticos do grande par.



nas Pampanini, Greta sentiu-se de mais. Atriz dramática de força vulcânica, viu o gosto do público mudar a pouco e pouco, a beleza sobrepondo-se ao talento até quase suprimi-lo. Retirou-se. Também a idade aconselhava-a a tal. Preferiu as constantes peregrinações pelo mundo, sob um pseudônimo inexpressivo, que não atraia, como o verdadeiro nome, a curiosidade tantas vezes ferina do público. É uma mulher simples, que gosta de passear com pés descalços pelas areias cálidas do Mediterrâneo, e que fez questão de visitar, na presente excursão, a casa onde viveu durante o tempo em que escrevia o «Livro de San Michel», o famoso escritor Axel Munthe, em conversa com seus pássaros e cães. O iate «Christinne» já voltou ao porto de origem. Garbo seguiu para novas excursões. Onassis preocupa-se com a sorte do Principado de Mônaco, cujo Banco anda em crise, e do qual é uma espécie de sócio. E o mundo busca entender, sem resultados o enigma da fabulosa sueca.

EIS NOVA FOTO de Garbo, quando, de costas, com a bolsa a tiracolo, cumprimenta algumas convidadas do milionário Aristóteles Onassis, também presente no pequenino cais de Capri.



Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 29 DE OUTUBRO E 4 DE NOVEMBRO DE 1955 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O clima astral predisporá o leitor a uma atividade maior. Não saia, porém, do habitual, das ocupações ordinárias. Não faça e evite, como possível, visitas em casa. Os piores dias, neste particular, serão 31 de outubro, 2 e 3 de novembro.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Estude, demorada e atentamente, as propostas que lhe forem feitas no curso da semana. Não resolva nada sem um detido exame da matéria, pois estará sujeito a conclusões errôneas e a prejuízos de monta.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A semana não lhe proporcionará grandes coisas. O ambiente, nos próximos sete dias, no caso do leitor, será muito fraco. Não haverá destavorabilidades, é certo, mas as possibilidades serão mínimas.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — O novo período será altamente favorável aos negócios em andamento e às questões judiciais. O leitor poderá, igualmente, solicitar favores, crédito e concessões oficiais, mediante requerimento.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — A nova semana favorecerá o leitor, tanto nas suas atividades normais como nas relações sociais. Sua vida sentimental, como a doméstica, estará, igualmente, sob os melhores influxos. Haverá uma exceção, apenas: o dia 31 de outubro será desfavorável.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não tente qualquer negócio com parentes, irmãos, consanguíneos ou assemelhados. Fuja dos íntimos nos casos em que houver interesse em jogo. Os dias 1 e 3 de novembro serão funestos, a esse respeito.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Os astros beneficiarão extraordinariamente os seus negócios, facilitando e assegurando, mesmo, operações de vulto. Se atuar com inteligência poderá auferir, nas suas atividades, pingues lucros.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A semana em pauta será favorável aos noivados e às uniões conjugais, à constituição de sociedades comerciais e à formação de grupos econômicos ou financeiros. Os dias mais indicados serão 30 de outubro e 2 e 3 de novembro.
- ★ SAGITÁRIO (21/6 — 23/6) — O leitor estará sujeito a prejuízos morais e materiais, no curso da semana em pauta. É preciso agir com a máxima prudência nos negócios e com toda discrição na vida social.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Seus negócios terão, durante a semana, um bom desenvolvimento. Uma boa clientela lhe será encaminhada, o que aumentará as possibilidades de lucros compensadores muito além das suas previsões.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Sua vida sentimental estará ameaçada de sérias perturbações, podendo, mesmo, verificar-se violentas cenas de ciúme seguidas de um rompimento formal. Acautele-se nos dias 31 de outubro, 2 e 3 de novembro.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O leitor vai atravessar um período de hesitações e de desconfiança nos próprios méritos. Será uma pena, pois o novo período lhe oferecerá uma excelente oportunidade para o alargamento dos seus negócios.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro, 29	Leônio	—	Leontina.
" 30	Eduardo	—	Virgínia.
" 31	Américo	—	Clementina.
Novembro, 1	Válter	—	Eugênia.
" 2	Fabício	—	Ismênia.
" 3	Onaudo	—	Estela.
" 4	Jacinto	—	Margarida.

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol, ao meio-dia de Greenwich

Outubro, 29	5° 17' 20"	(Signo do Escorpião)
" 30	6° 17' 16"	(" " ")
" 31	7° 17' 14"	(" " ")
Novembro, 1	8° 17' 14"	(" " ")
" 2	9° 17' 16"	(" " ")
" 3	10° 17' 19"	(" " ")
" 4	11° 17' 25"	(" " ")

Uns viajam a **UBERABA**

outros a

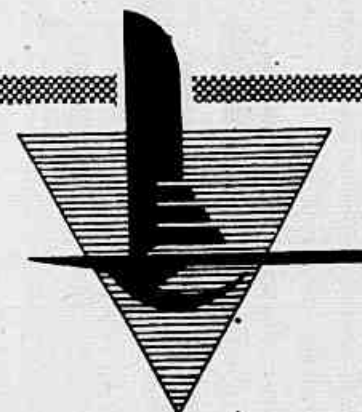
BELO HORIZONTE

mas todos
seguem
o mesmo
caminho:

CIDADES SERVIDAS EM MINAS GERAIS:

Alfenas	Lambari
Aimorés	Lavras
Almenara	Machado
Araçuaí	M. Carmelo
Araguari	M. Claros
Araxá	Nanuque
B. Horizonte	Passos
Bocaiúva	Patos
Cambugira	Patrocínio
Campanha	Pedra Azul
Caratinga	Pirapóla
Caxambú	Piumhi
Curvelo	P. de Caldas
Diamantina	Salinas
Formiga	São Lourenço
G. Valadares	Teófilo Otoni
Guaxupé	Três Corações
Ituiutaba	Uberaba
Januária	Uberlândia
Jequitinhonha	Varginha

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS



Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119 - Rio

'Mil' lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES
ESTOJOS SOQUETES
CATRACAS ESTRIAS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

Só na
Mil

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

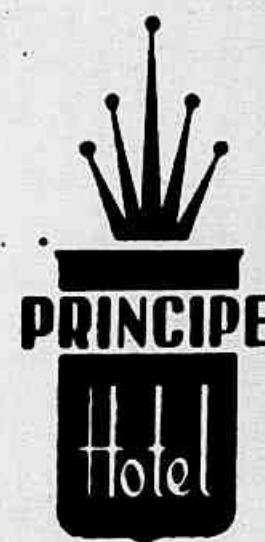
BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna).

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»





LIVRO

aberto é cérebro que fala; fechado, amigo que espera; destruído, coração que chora. (Provérbio indú).

A FAMÍLIA NO DIREITO CIVIL BRASILEIRO

pelo Ministro Eduardo Espínola

Casamento. Relações entre os cônjuges. Filiação e parentesco: Regime de bens. Tutela e curatela. Encadernado 300,00

DOS CONTRATOS NOMINADOS NO DIREITO CIVIL BRASILEIRO

pelo Ministro Eduardo Espínola

Da compra e venda. Da troca ou permuta. Da doação. Da locação de coisas. Do empréstimo: a) do comodato; b) do mútuo. Da locação de serviços. Do contrato de trabalho. Da empreitada. Do depósito. Do mandato e da gestão de negócios. Da edição. Da representação dramática. Da sociedade. Da parceria rural: a) da parceria agrícola; b) da parceria pecuária. Da fiança. Do jogo e da aposta. Do seguro. Da constituição de renda. Encadernado 300,00

JURISPRUDÊNCIA DO CONTRATO DE TRABALHO

pelo Dr. B. Calheiros Bomfim

Os artigos 442 a 510, da Consolidação das Leis do Trabalho, vistos pelos Tribunais Superiores. Indispensável a advogados, juizes, sindicatos, empregadores e empregados. Brochado — Cr\$ 200,00. Encadernado 250,00

DO MONTEPIO E PENSÕES MILITARES

pelo Dr. Álvaro Moreira da Silva

Teoria e prática. Direitos dos contribuintes do Montepio Militar em serviço ativo, na reserva ou reformados. Legislação, comentários e aplicações. Brochado — 150,00. Encadernado 180,00

DA DRA. IVETE CAMARGOS

DIREITO ADMINISTRATIVO — Resumo didático para concursos do DASP, Autarquias, estudantes de Direito, etc. Parte expositiva e testes na segunda parte, acompanhados das respostas 40,00

DIREITO CIVIL — Resumo didático para concursos do DASP, Autarquias, estudantes de Direito, etc. Parte expositiva e testes na segunda parte, acompanhados das respostas 30,00

DIREITO CONSTITUCIONAL — Resumo didático para concursos do DASP, Autarquias, estudantes de Direito, etc. Parte expositiva e testes na segunda parte, acompanhados das respostas 30,00

DIREITO PENAL — Resumo didático para concursos do DASP, Autarquias, estudantes de Direito, etc. Parte expositiva e testes na segunda parte, acompanhados das respostas 30,00

ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS CIVIS DA UNIÃO — Lei 1711, de 28 de outubro de 1952. Contém toda a legislação posterior complementar e mais um índice alfabético-remissivo 30,00

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO

Ilustrações de RENATO SILVA — Textos de SÉRGIO MACEDO

As mais sensacionais aventuras vividas por heróis autênticos cujas proezas a História guardou para conhecimento das novas gerações. Excelente divulgação de fatos de nossa terra e de outros povos, tudo magnificamente documentado e ilustrado.



«Conforta saber que essa publicação vai obtendo crescente procura nas bancas de jornais e nas livrarias; e aqui a recomendamos aos que ainda não a manusearam. Ela representa um esforço digno do mais decidido amparo, nesta hora em que a polícia se vê na necessidade de apreender revistas obscenas, cujos editores colocam a preocupação do lucro acima do dever de resguardar a formação moral da infância e da adolescência» — Diário de Notícias — Rio.
Sai mensalmente. Para ler e guardar. Cinco números já publicados. Cada volume 10,00, nas bancas de jornais, nas livrarias e na editora.

Atende-se pelo Reembolso Postal

CONQUISTA

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

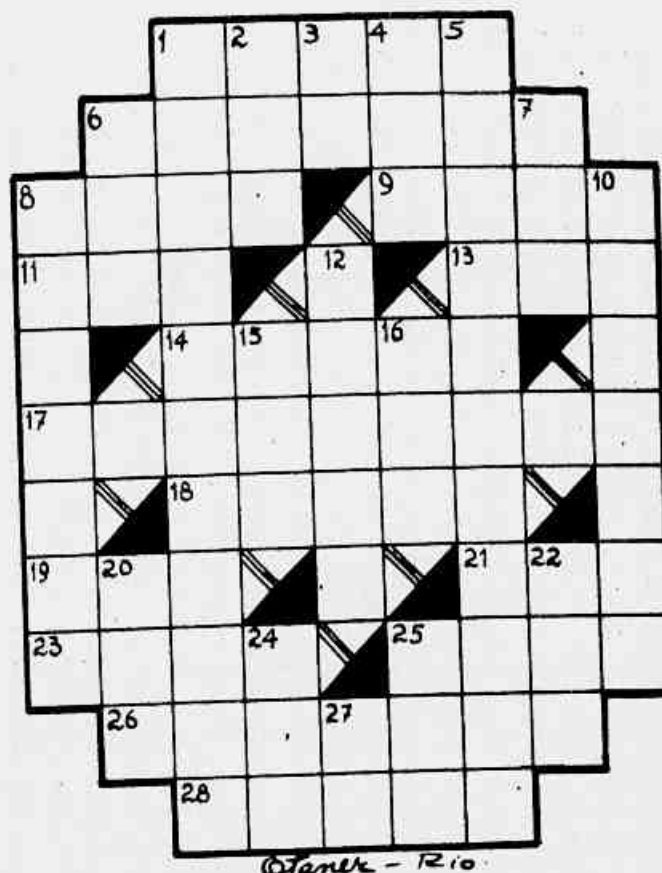
Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 90

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Carregadeira — 6. Rendimento aplicado ao culto de uma igreja — 8. Larva de um grande carapanã — 9. Guindar — 11. «Filho», na língua celta — 13. Espécie de castanha — 14. Chumbo — 17. Fizera esquecer — 18. Pesam para abater a tara — 19. Planta umbelífera, semelhante à cenoura — 21. Lago da Escócia — 23. Armação de madeira das imagens dos santos — 25. Espécie de conchas bivalves — 26. Que gira — 28. Prudente.

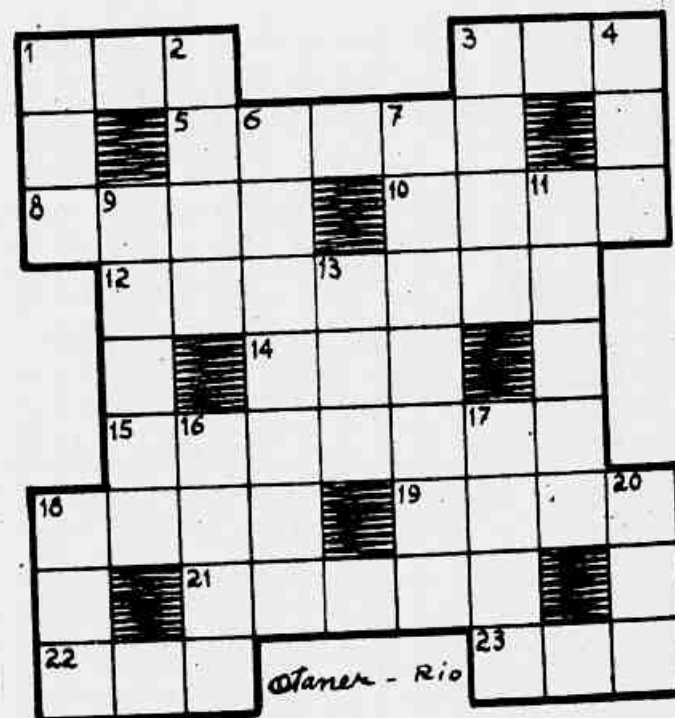
VERTICAIS: — 1. Escarnece-dores — 2. Nome de uma milícia turca — 3. Nome da 17ª letra do alfabeto celta — 4. Causa — 5. Adaptação — 6. Panela de barro — 7. Rio da Suíça — 8. Pôr-se em paralelo — 10. Onomatopéia do toque do tambor — 12. Padre — 15. Senhor tártaro — 16. Atação — 20. Motivo — 22. Insulso — 24. Insígnia militar de S. Miguel — 25. Rêde dos índios do Brasil — 27. Prefixo que denota oposição, separação.



PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Moléstia — 3. Casal — 5. Tolo, pateta — 8. Capital da Itália — 10. Rezas — 12. Corporação legislativa (pl.) — 14. Nome de homem — 15. Afastar; remover para trás — 18. Fazei uso — 19. Lavar — 21. Frouxo — 22. Quer bem — 23. Conheço.

VERTICAIS: — 1. Maior — 2. Lódo — 3. Estado do Brasil — 4. Chefe etíope — 6. Ramagem — 7. Orvalhadas — 9. O mesmo que ocre — 11. Guarnecer de asas — 13. Unidade das medidas agrárias — 16. Pouco espessa — 17. Argolas — 18. Cachaça — 20. Soberano.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 89

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: axá — ato — registas — remoi — oral — caco — amasisa — Poe — casados — pari — apos — Saadi — acescente — Ris — aaz.

VERTICAIS: armo — xé — agram — atías — ta — osso — relapsias — im — sociedade — rasca — causo — soa — arses — opina — piar — soez — ac — CI — ta.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: mor — iam — aram — tara — ua — ama — ir — rataria — catar — pararia — Ra — ira — um — arma — mêta — sai — sol.

VERTICAIS: mau — orar — rã — ia — ária — mar — mataria — tararam — matar — aca — iri — Pará — auto — ras — mal — mi — és.

CRÔNICA.

A PROPÓSITO DE DISCURSOS...

● A figura do conferencista e do discursador está completamente desprestigiada nos dias que correm. Já tiveram sua época os discursadores e conferencistas. Hoje, o discurso deve ser incisivo e conciso, para ser aplaudido sinceramente pelos auditórios. Foi-se o tempo dos oradores prolixos, que no meio do discurso puxava o lenço e bebia o clássico gole d'água, enxugando, em seguida, a comissura úmida dos lábios... Na era atômica, tudo tem que ser sucinto e ligeiro... É a época do avião a jato... Essa a razão, certamente, por que há dias, ouvimos, no Instituto Histórico, num grupo em que se conversava após uma conferência, o escritor Américo Lacombe tecer o seguinte comentário, de origem evidentemente anedótica: — «Existem quatro categorias de discursos», — dizia o interlocutor — «a saber: o «bom-bom», que é, em síntese, o discurso bem feito e lacônico, merecedor de todos os aplausos; o «bom-mau» que é o discurso bem escrito, porém, longo; o «mau-bom», que é o mal pronunciado, porém curto; e o «mau-mau», que é o que não tem apelação, nem por onde se pegar, pois que além de ruim é extenso, e portanto, detestável.

Conta-se que uma notável conferencista de outros tempos, no Rio Grande do Norte, depois de cacetear

os resignados ouvintes por mais de quatro horas seguidas, lá por volta de 1 hora da madrugada, quando o salão já se encontrava semi-vazio, esclareceu: «Fim do prólogo. Primeira parte.» Excusado será dizer que, quando a oradora levantou os olhos do papel, já não viu mais ninguém na plateia...

Um outro orador, para assustar os seus ouvintes, certa vez, subindo à tribuna, envergava umas cinquenta laudas de papel. Os circunstantes, brancos de emoção, já se preparavam para uma saída estratégica, quando, na segunda lauda, o orador dava por encerrado o seu discurso, para alívio e decepção às avessas, dos seus admiradores, que passaram nesse dia, a admirá-lo ainda mais...

Um professor da Faculdade de Direito costuma dizer em aula que temos todos o dever de não «chatear a humanidade», quando nos é facultada a palavra em qualquer emergência ou circunstância.

Mas se tivermos alguma vez de fazer um discurso, procuremos, de preferência, fazer o da categoria «bom-bom» e jamais o da classe daqueles africanos de Quênia, que tanto tem dado que falar ao noticiário telegráfico dos jornais, deixando assim de uma vez por todas, os «mau-maus», para bem longe de nós...

NOTICIÁRIO

No saguão da entrada do Instituto de Educação, está se realizando a exposição **Lux Latina**, de que foi organizador, o professor Marques Leite e foram colaboradores as professoras Atalá Marques Pôrto e Santos, Helena Rabelo e os profs. Álvaro Costa, Junito Souza Brandão e Paulo Ronai (orientador da Maratona). A exposição de trabalhos sobre cultura greco-latina, impressiona agradavelmente, sendo que anotamos como principais, os seguintes trabalhos de alunos que concorreram à exposição: Templo de Júpiter Capitolino; seis medalhões da Lux Latina; maquete da Roma antiga; cubo com seis painéis greco-romanos; corte do Teatro Romano; as armas romanas e cabeça de Apolo. Merece ser visitado o Instituto de Educação que está de parabéns por mais este magnífico certame.

★

A Associação Cultural Italo-Brasileira de Santos, Estado de São Paulo, no intuito de intensificar o intercâmbio cultural entre as duas grandes nações latinas, promove o concurso de poesia «Prêmio Cultura Italiana 1955». O concurso será estendido a todos os poetas brasileiros ou residentes no Brasil, pelo menos há

cinco anos, que hajam ou não publicado obras literárias. Cada concorrente deverá apresentar as seguintes composições: a) ODE — cujo título será dado pelo autor e que deverá constar de 30 versos, no mínimo e 60 no máximo; o tema poético poderá versar sobre: 1º: figuras de destaque da história italiana; sua contribuição na civilização mundial e em particular no Brasil; 2º: figuras que se destacaram nas Artes italianas e sua contribuição à cultura humanística; 3º: figuras de destaque na Ciência italiana e sua contribuição à civilização e progresso dos povos; b) COMPOSIÇÃO LIVRE — de exaltação ao trabalho dos italianos no mundo, particularmente à sua contribuição ao progresso do Brasil; c) COMPOSIÇÃO LIVRE — sobre os laços de amizade que unem a Itália ao Brasil, recordando os fatos e causas que consagraram e consagram esse vínculo. As poesias serão redigidas em português, obedecendo as regras ortográficas da última reforma. A métrica é de livre escolha do autor. Os originais deverão ser nitidamente dactilografados, em um só lado da folha e endereçados, em três vias, à Associação Cultural Italo-Brasileira — «Prêmio Cultura Italiana 1955» — Rua Alagoas, 56 — Santos — Estado de São Paulo. Nas inscrições

POESIA

Puladinho

O Saci Pererê pula e saltita,
Bolinha renga de borracha
As folhas secas vêm valsar em torno dele.
Remoinho...

Pula o Saci como um diabinho,
Vira e gira, remexendo o puladinho.

Mas num puladinho mui cherêta,
O tico-tico repinica:
Vou contar tudo pra titia, contar tudo pra [titia]

E o João de Barro goza e berra uma gaitada:
Quá quá quá quá!

AUGUSTO MEYER.
De «Poemas de Bilu».

ENTREVISTA RELÂMPAGO

(Com Itala Graça, autora de «Poemas» e colaboradora assídua de jornais e revistas.)



1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual lhe parece o maior?

Resposta: — Esse genial, ainda desconhecido.

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Os que têm comigo afinidade poética.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Poesia e Poesia.

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria fôsse da Academia?

R.: — Rosalina Coelho Lisboa.

5ª: — Atualmente onde desejaria morar?

R.: — No recanto idealizado, onde more.

6ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Morrer? Nunca mais ouvir as ondas, os pássaros, Tristão e Isolda? Oh! não!

7ª: — Acredita nos discos voadores?

R.: — Acredito em ouvir estrelas.

8ª: — Qual a sua maior ambição literária? Tem novo livro a publicar?

R.: — Desconheço ambição literária. Adoro escrever para minha gaveta. Novo livro a publicar? Se a citada gaveta — crítico implacável — permitisse...

deverão constar o nome, sobrenome e endereço do concorrente, cujo sigilo será mantido sob a responsabilidade da Secretaria da Associação organizadora. O último prazo para a entrega dos trabalhos será às 24 horas de 30 de outubro de 1955. Serão excluídos do concurso os trabalhos cujo timbre postal constar data posterior a 30-10-1955.

★

Manuel Segalá, organizador da revista de poesia «A Sereia», e da editora Philobiblion, recebeu os originais do novo livro de versos de Cristóvão de Camargo, «Poèmes de la Nuit», que será brevemente lançado ao público. São 21 poemas modernos, escritos em francês, que serão apresentados em edição de luxo, com aquele refinamento que caracteriza as edições Philobiblion.

CALEIDOSCÓPIO

«OS AMIGOS DE JESUS» de Sabino de Campos, reúne toda a história da vida dos santos, em versos (quadradas, estrofes, sextilhas) prestando com esse belo livro, uma homenagem ao 36º Congresso Eucarístico Internacional. O livro, muito bem apresentado graficamente, por Pongetti, traz um bem escrito «Pórtico», assinado por Astério de Campos, irmão do poeta.

«POESIAS COMPLETAS» de Maria Eugênia Celso, editadas pela livraria José Olympio, reúnem os versos de seus livros «Em pleno sonho», «Fantasias e matutadas» e «Alma vária». A inspiração delicada e sutil de Maria Eugênia, está toda aí, distilada em poemas que encantam ao mais refinado e exigente leitor.

«HISTÓRIAS DE VOVÔ» de Antenor Santos de Oliveira, para crianças de 9 a 90 anos, como está dito na capa do livro, encerra diálogos sugestivos sobre fatos gerais, ensinando à crian-

çada em prosa fluente e agradável, coisas de nossa história, fatos da vida e noções de história natural. Um livro útil, de leitura recomendável a todo mundo. Ensina, distraindo:

O QUE ELES DIZEM

INCERTEZA — «A mulher que se pergunta se ainda ama a um homem, há muito que não o quer mais». — Hugo Ojetti.

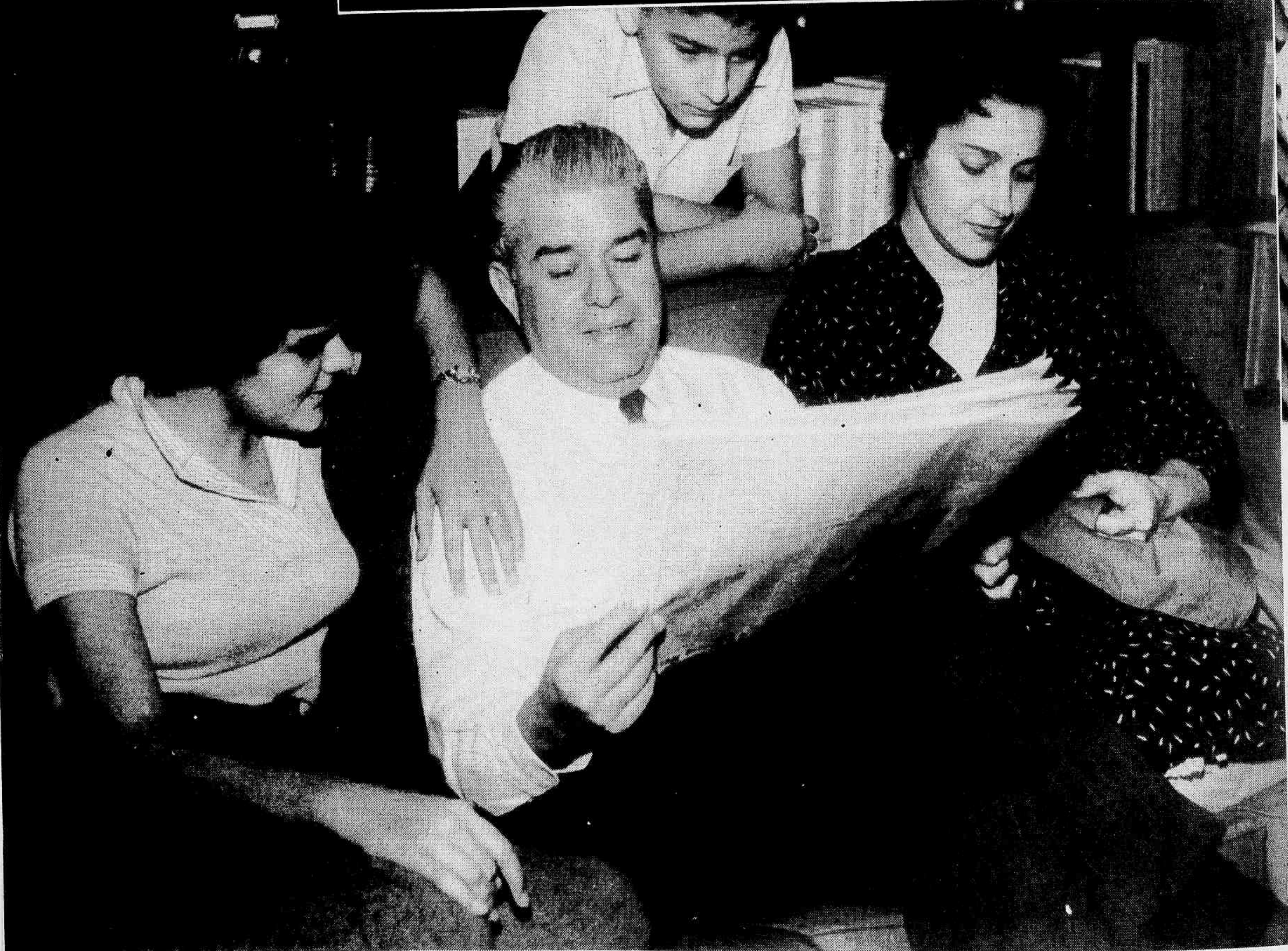
EXPRESSÃO — «Ama muito pouco quem pode exprimir com palavras a extensão de seu amor». — Plutarco.

OCUPAÇÃO — «É melhor que a tua mulher saiba depenar uma galinha, do que cantar uma «romanza». — Berilo Neves.

PRAZER — «O prazer é tão inconsistente como uma gota de orvalho: enquanto brilha, morre». — Tagore.

TRÊS ASPECTOS
DISTINTOS
E UM SÓ
BALEEIRO:

O POLÍTICO, O CHEFE DE FAMÍLIA E O PROFESSOR



Em companhia de sua esposa, dona Darly, e dos filhos, Aliomar e Marisa, o parlamentar baiano toma pulso da situação internacional. Nem sempre ele e Marisa concordam em questões políticas...

O HOMEM QUE DERRUBOU UM MINISTRO (QUERIAM INCENDIAR O BRASIL!) EXPLICA PORQUE FOI CONTRA A PROJETADA MODIFICAÇÃO DO SISTEMA CAMBIAL ★ DOIS MINISTROS VISTOS PELO LÍDER DA BANCADA UDENISTA: GUDIN E WHITAKER ★ UM ADVERSÁRIO POLÍTICO, FERNANDO FERRARI, DISCÍPULO DE BALEEIRO NA FACULDADE DE DIREITO ★ EM CASA, INTERESSADO PELO AEROMODELO DE SEU FILHO E ÀS VÉZES DIVERGINDO DAS IDÉIAS DE UMA FILHA ★ O HOMEM QUE JOGOU BOLA DE "GUDE" E FOI CAPOEIRA, NÃO QUER SER MINISTRO DA FAZENDA MAS EXPLICA COMO RESOLVERIA OS NOSSOS TORMENTOSOS PROBLEMAS FINANCEIROS, SE ACASO O FÔSSE

Reportagem de MENEZES JÚNIOR
REVISTA DA SEMANA — 40

Fotos de ALBERTO FERREIRA

É o próprio deputado quem conta:

— Fui menino como todos. Joguei bola de «gude», briguei capoeira, pulei muros, quebrei cabeças e tive a cabeça quebrada. No começo, até aos 12 anos, estudei num colégio de meninas, o «8 de Dezembro», lá em Salvador. Foi o meu grande complexo, na ocasião. Jornalista, mais tarde, percorri todas as escalas da profissão, desde repórter policial até diretor de jornal. Trabalhei com Simões Filho e Homero Pires. Hoje, para não perder o hábito e relembrar os velhos tempos, colaboro com o «Diário de Notícias», aqui no Rio.

Aliomar Baleeiro, baiano de quatro costados, bacharel em Direito pela Faculdade de sua terra, contemporâneo de Aluísio de Castro, Gilberto Valente, Nestor Duarte, Luís Viana, de procuradores da República e altas patentes do Exército, guarda gratas recordações daquela moçada que graduou-se em 1925. Jovens idealistas — como ele afirma — de grande valor.

Fomos encontrá-lo na sala «Tobias Barreto» da Faculdade de Direito onde é professor de Ciência das Finanças. Quase no final da aula ao 2º ano, dissertava sobre o tema «Classificação das Dívidas».

Fato curioso: entre seus alunos, na primeira banca, dispensando toda a atenção possível ao mestre, um dos seus grandes adversários políticos, o líder da bancada petebista na Câmara Federal, Fernando Ferrari. O jovem deputado de verbo inflamado era apenas um acadêmico, interessado nas palavras do mestre. Ali, naquele instante, a política morrera. Provavelmente algumas horas após degladiar-se-iam na batalha parlamentar!

O MENINO QUE DERRUBOU UM MINISTRO!

Hoje, o menino que jogou bola de «gude» e brigou capoeira nas terras de São Salvador, é deputado federal e líder de bancada. UDN é o seu partido. Continuou, entretanto, fazendo estrepolias. Há pouco, por exemplo, derrubou um Ministro de Estado e tem, na política nacional, evidência comparável à de um ator cinematográfico para as mocinhas de Copacabana. Opondo-se frontalmente à planejada reforma cambial do Ministro Whitaker (Fazenda), conseguiu fazer com que a mesma não fôsse; sem maiores discussões, transformada em lei pelo Executivo. O titular da pasta, em consequência, demitiu-se. Explica por que:

IDEAL SERIA NÃO HAVER OBRIGAÇÕES!

— Para o autor do projeto (ex-Ministro Whitaker), constitui uma iniquidade que quem venda um artigo exportável seja obrigado a entregar à União cada dólar a 32 cruzeiros quando, no mercado livre, obterá 70. Não contesto que é extremamente penoso para eles, que antes da Instrução 70 de Osvaldo Aranha sofriam mais entregando o mesmo dólar por menos de 19 cruzeiros. Entre o fim de 53 e o fim de 54, os mesmos exportadores tiveram melhoria de 18,72 para 23 e 28 cruzeiros, logo elevada para 37. Cem por cento, portanto! Agora, a reforma Whitaker lhes daria quase cem por cento, novamente, sobre o total.

E pondera:

— Não há dúvida que o ideal seria ninguém ser obrigado a sacrificar no interesse nacional uma parcela mínima do fruto de seu trabalho. — Nós todos, que vivemos em sociedade, pagamos as vantagens daí decorrentes, submetendo-



ALIOMAR BALEEIRO EM "CLOSE-UP"

● Fomos encontrá-lo na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; no Catete. Finda a aula, no moderno «Chevrolet» que nos conduzia ao apartamento de Copacabana (onde d. Darly nos receberia com um cafêzinho fumegante) pudemos observá-lo mais detidamente. Entreteinha-se com o volante, quase não falava. Vez por outra, uma pergunta. Não chegou a ser uma palestra.

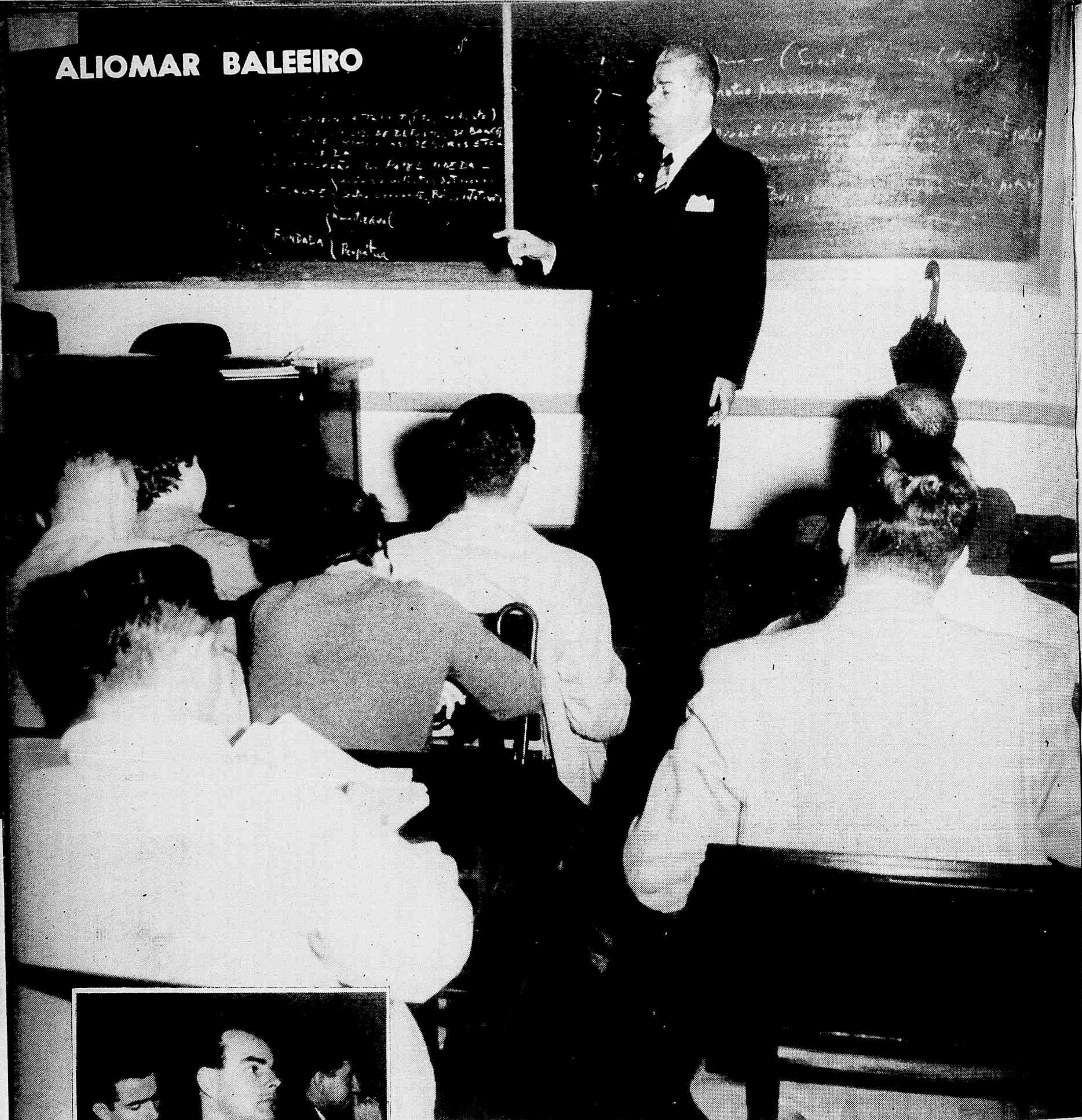
Ainda era aquele gigante das tribunas parlamentares, nos discursos fogosos nas campanhas titânicas. Alto, de compleição robusta, cabelos prateados, impressionava pela firmeza dos gestos e das palavras. Absolutamente preciso nos menores detalhes, mas de uma simplicidade des-norteante ao início que logo deixa o interlocutor completamente à vontade. Ligeiro sotaque nordestino, quase imperceptível.

Seu dia de trabalho tem início às 8 horas, com a primeira aula, e prolonga-se por mais 15, dividido milagrosamente entre reuniões políticas, sessões da Câmara, entrevistas com os correligionários e amigos e ainda encontra tempo para dedicar a família, que Aliomar Baleeiro e, antes e acima de tudo, um homem do lar. Às vezes é visitado por pessoas que jamais viu. Geralmente são sertanejos baianos, «paus de arara», que vêm conhecê-lo pessoalmente e pedir-lhe algum auxílio. — «São bons e simples — afirma com um sorriso franco — e não deixo de ajudá-los, sempre que posso...»

Durante a entrevista, tirando bafaradas de bom fumo inglês do cachimbo carinhosamente preparado por sua filha Marisa, repentinamente, parou de falar. Algo prendia-lhe a atenção. Seguindo seu olhar descobrimos: era o «Ali» (Aliomar), filho caçula, que estava atrapalhado na construção de um aero-módulo. O líder da bancada udenista levantou-se e foi ajudá-lo, com sua «engenharia» aeronáutica. Terminada a obra difícil de colocação de uma asa, pai e filho regozijaram-se, provavelmente estariam pensando a mesma coisa: experimentar o engenho! A tudo dona Darcy assistia com um sorriso de compreensão e bondade, contando-nos, depois, que ainda havia outro filho, Ajax, esse formado e residindo na Bahia. Também o homem que advertiu Café Filho de que «queriam incendiar o Brasil» quis saber detalhes sobre o funcionamento do «flash» eletrônico utilizado por Alberto, perguntando, ao final das explicações: — «Por que será que eles não utilizam o mesmo sistema de bateria nos automóveis?» E passou a contar os problemas da bateria de seu carro...

E' assim o parlamentar, o professor e o chefe de família ALIOMAR BALEEIRO, o homem que vem de derrubar um Ministro de Estado.

ALIOMAR BALEEIRO



O mestre e o aluno, ambos deputados, ambos líderes de bancada. Neste instante não existe política. Provavelmente algumas horas mais tarde, voltarão a se degladiar na tribuna da Câmara!

nos a diversos ônus, como o serviço militar e os impostos.

Após o cafézinho de praxe, bem forte e quente, servido por dona Darly, sua esposa, o deputado prosseguiu, citando exemplos:

CONSOLEM-SE OS EXPORTADORES

— Para ter o direito de fumar cigarros de 3 cruzeiros e 50 centavos, um fumante paga 6 cruzeiros e 50 de Imposto de Consumo, isto é, quase duzentos por cento! Os proprietários de imóveis, por lei, recebem aluguéis de 15 anos passados, quando poderiam obter de 5 a 10 vezes mais. E todos os assalariados, desde os operários, os funcionários públicos e os militares pagam pela inflação um imposto esmagador. Logo, os exportadores podem consolar-se

porque não estão sós no sacrifício indispensável numa época anormal.

MAJORAÇÕES ATÉ 100 POR CENTO!

— O que contesto ao Ministro Whitaker é a sua afirmativa de que a projetada e malograda reforma não agravaria imediata e continuamente os preços. Ora, ninguém precisa conhecer sequer rudimentos de economia para saber que a procura eleva o custo se a oferta se mantém estável. Se os exportadores e produtores de artigos exportáveis — prosseguiu — queriam ganhar perto de 100 por cento a mais, claro que a procura das coisas e serviços no mercado iria receber um impacto violento enquanto não cresceria a quantidade de coisas e serviços disponíveis para atender a quantos os buscas-

sem no mercado. Haveria o aumento imediato, quer por essa intensificação da procura, quer por que se elevaria o custo da moeda estrangeira para as importações de coisas essenciais. E' claro que o Ministro Whitaker pretendia retardar e atenuar esses efeitos, elevando o dólar do café na cadência de 50 centavos cada mês, ou 12 centavos por semana, até atingir o total em 5 anos. Então, haveria uma alta progressiva e contínua do custo de vida, num compasso acelerado que haveria de desesperar todos os pais de família e donas de casa do país. O custo do pão receberia a majoração mensal de 5 por cento, a partir de janeiro próximo. Os combustíveis, idem.

Inquiridor, ao repórter:

— Como o eminente Ministro pode sustentar que o encarecimento imediato do pão e dos combustíveis, além do encarecimento dos produtos químicos e matérias primas em geral, máquinas, peças, etc., não teria efeito sobre os preços em geral, por uma lei de solidariedade destas?

— Se a alta do custo de vida receberia continuamente, cada mês, a pressão do maior poder aquisitivo distribuído aos exportadores e produtores, por um lado, e o encarecimento progressivo do trigo e outras mercadorias subsidiadas, por outro lado, quem poderia fazer o milagre de conter os preços em todos os setores do mercado?

MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA CONTER A INFLAÇÃO

As perguntas ficaram no ar. Não pudemos dar-lhes resposta. Prosseguiu então o entrevistado, depois de mostrar-nos um estudo gráfico de sua autoria sobre a impressionante onda inflacionária que avassala o Brasil, a partir da República Velha, num crescendo assustador:

— Admito que a inflação poderia ser reprimida com uma gradual reforma do câmbio e satisfação dos legítimos interesses dos fazendeiros e exportadores, se o governo adotasse medidas paralelas e eficazes como a tributação dos lucros excessivos, eliminação do Imposto de Renda pelas ações ao portador, o equilíbrio orçamentário, o controle e a seleção do crédito, etc.

CONTRÁRIO WHITAKER

Mas o próprio Ministro Whitaker — aduziu — expressou publicamente a sua repugnância a essa política de austeridade, declarando-se partidário de que «quem tudo arrisca tudo deve ganhar». Em resumo: a despeito dos muitos títulos e da maior experiência do Ministro Whitaker, a quem reitero minha admiração e apreço, mantenho, perante os leitores da «Revista da Semana», as críticas que lhe fiz.

SE EU FOSSE MINISTRO...

Perguntado pelo repórter sobre a forma como agiria se fosse obrigado a exercer o Ministério da Fazenda, o deputado udenista afirmou que começaria por dominar a inflação.

— Como? — E' simples: empregando uma fórmula de tributação dos lucros excessivos, etc., da forma que há pouco expus. Seria o caso de combater a causa fundamental para fazer cessar os efeitos.

GUDIN E WHITAKER VISTOS POR BALEEIRO

O sr. Aliomar Baleeiro não se recusou a traçar um paralelo entre as personalidades dos dois Ministros da Fazenda que, de certa forma agitaram a Nação, embora, segundo ele próprio, «pertença eu à mesma classe dos dois eminentes homens públicos...»

— São profundamente diversos na sua formação cultural e até nos respectivos temperamentos, iniciou. O professor Eugênio Gudín, enge-

neiro de ofício, facilmente se transformou num economista matemático e é no país, talvez, a maior autoridade em assuntos de moeda e crédito. E' um homem que age procurando saber, antes, o «como é» e o «por que é». Já o sr. José Maria Whitaker — afirmou — é um jurista e comercialista com grande experiência prática de negócios bancários, mas sem a disciplina que só a teoria fornece. Necessariamente há de ser um empírico.

— Gudín era um extrovertido que dava satisfação ao público relativamente a cada ato, como aliás devem agir todos dentro de uma democracia. Muitas vezes o fazia contundentemente. Eu próprio não escapei à sua veemência a propósito do câmbio para gasolina, lembra-se?

— Whitaker era um introvertido, cauteloso e caladão. Preparava o plano e não dava uma só palavra à Nação, e por isso mesmo não suscitava reações violentas como as que procuram ferir o Ministro Gudín.

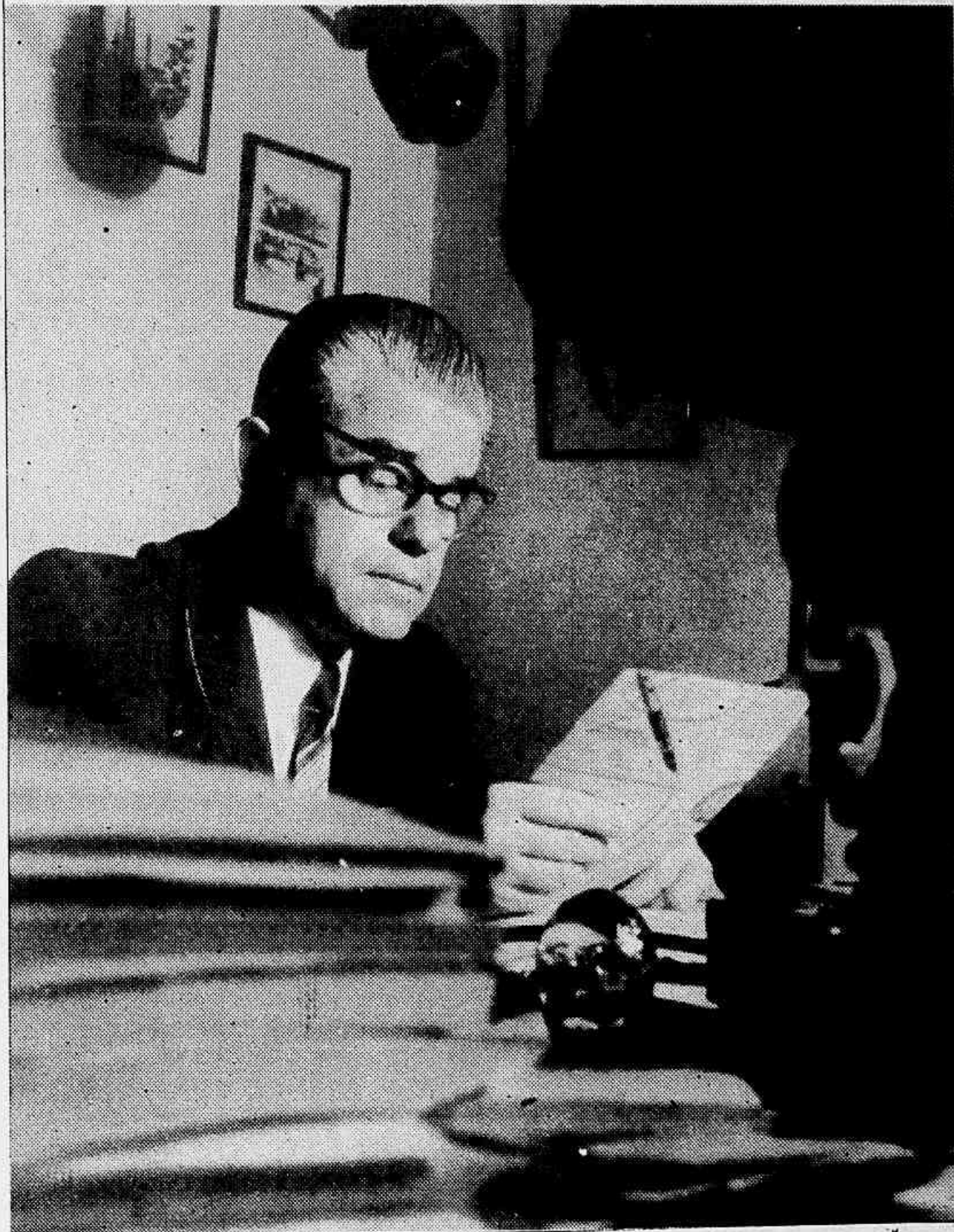
Confessando preferir os homens como este, francos, claros, positivos, que não passam a ação sem procurar compreender o «por que» das coisas, é de opinião que Gudín estava certo no seu modo de encarar os problemas, embora acredite que faltou-lhe uma base política para sustentáculo das medidas fiscais e de crédito para completar o programa de ação contra o processo inflacionário, reafirmando nem sempre ter concordado com Gudín, reconheceu, entretanto, que poucas vezes o Brasil tem sido tão ingrato e injusto quanto o foi para aquele a quem chama de «ilustre mestre e grande homem público».

Levantando-se finalizou, exclamando:

— Whitaker não. Se nós não abrissemos os olhos em tempo veríamos o Brasil incendiado!



— Whitaker é de opinião que «quem tudo arrisca tudo deve ganhar». Admiro-o e respeito-o, porém mantendo tôdas as críticas que lhe fiz!



— Devem consolar-se os exportadores: não estão sós no sacrifício indispensável numa época anormal. Todos pagamos caro pela inflação.

NACIONAIS

O Bonsucesso, que festejou 42 anos, comemorou a data às custas do Vasco, a quem infligiu uma dura derrota, por 1x0. Com isso, o Campeonato Carioca adquire novo interesse, com o Vasco, ainda em primeiro, apenas um ponto à frente do Flamengo e do próprio Bonsucesso.

★
Mário Câmara é o novo Ministro da Fazenda, enquanto Artur Santos assumiu o cargo de presidente do Banco do Brasil.

★
Foi inaugurada, sem brilho, sem alardes, a XIV Feira Internacional de Amostras, com discursseiras e muito pouca afluência.

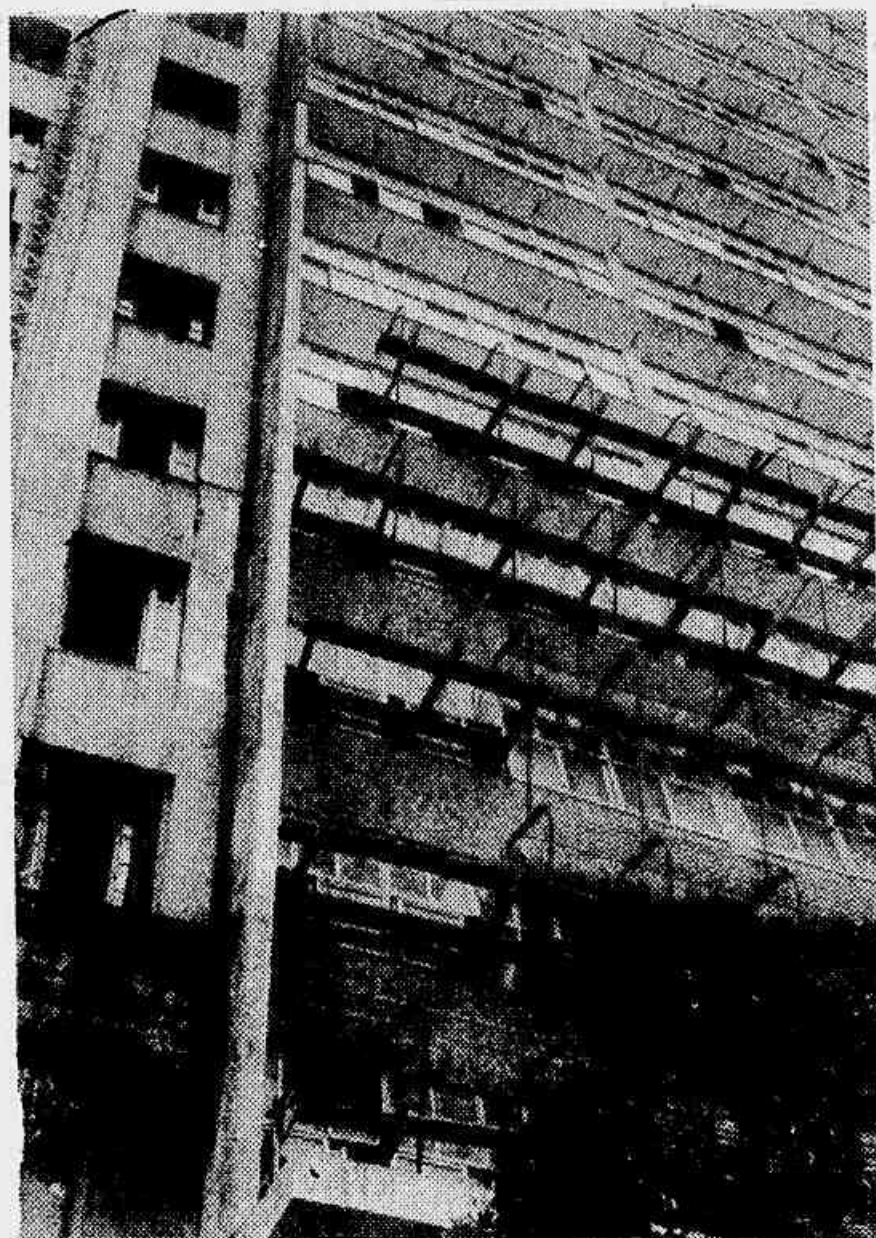
★
Juscelino Kubitschek, praticamente eleito, dirigiu-se pelo Rádio a seus eleitores. E a Carta Brandi mesmo falsa continua a ser muito lida.

★
Chegou ao Rio, conservada em formol, a baleia Moby Dick, cujo peso equivale ao de quinze elefantes. Sua língua pesa dois mil quilos, o coração, quinhentos, o fígado, seis mil. O cérebro, sim, o cérebro pesa apenas sete quilos. P'ra que tanto. A baleia será exposta ao público, como já aconteceu em França, Espanha, Itália e Algéria.

★
E no Rio, um entêrro foi atropelado. Em consequência, três pessoas morreram, bem como o cãozinho da morta, que acompanhava o féretro.

★
Em Jaboatão, Pernambuco, um bode que gosa de imenso prestígio entre a população local, "Cheiroso", teve nada menos de 500 votos nas eleições ali efetuadas para vereador, colocando-se à frente dos demais concorrentes. Se tomar posse, será o primeiro bode de quatro pernas a entrar para uma Câmara, no Brasil.

★
A morte de Agostinho Pereira de Sousa emocionou a cidade. A cidade a quem ele chamava Rio Amigo e a quem dedicava em cada mês de maio, as suas loucuras.



ATROPELAMENTO INÉDITO

Um entêrro foi atropelado, num subúrbio carioca. Seguiu o féretro a pé, como é costume entre as populações pobres, quando um caminhão, ao tentar desviar-se de uma criança, embarafustou pelo meio dos acompanhantes. Três deles morreram, em consequência, o caixão foi atirado longe, e o cãozinho da ocupante, que seguia o entêrro da dona sob o esquife desta, viu-se esmagado pelas rodas do pesado veículo. Só mesmo no Rio de Janeiro.

TEM NÊGO BEBO AI

Centenas de curiosos andam estacionando em frente ao edifício onde outrora ficava o famoso Palace Hotel, na Avenida Rio Branco. Motivo: os operários andavam instalando uma geringonça de alumínio muito esquisita, que mais parecia uma escada de incêndio. Procurando saber o que havia de fato, apuramos que aquilo é simplesmente um quebra-sol, e, embora numa emergência tipo «Vogue» possa dar bons resultados, sua principal finalidade é enfraquecer a luz solar. Acontece porém que a «coisa» vai apenas até ao 4º andar. O arranha-céu é mesmo um bocado esquisito, e devido às suas curvas e sinuosidades, que lhe emprestam uma aparência algo oscilante, o carioca já o batizou de «Tem Nêgo bebo aí».

INTERNACIONAIS

● Morreu Bernard Mac Fadden, conhecido professor de cultura física. Homem que em vida desprezou toda sorte de perigos (tendo comemorado o 85º aniversário com um salto de pára-quedas sobre o Sena), Bernard desaparece aos 86. Vítima do fígado, sim senhor.

● James Adams, de Londres, é um cavalheiro discreto. Ao ser-lhe perguntado, na Delegacia, porque não impedira o suicídio de um homem, ao seu lado, limitou-se a dizer: — «Não me envolvo em assuntos alheios».

● Na Sicília, a camponesa Angela Macuso, acusada pela vizinhança de ser por demais linguaruda, munuiu-se de uma faca e arrancou fora a causa das acusações.

● Foram revelados os nomes de dois dos maiores pintores da atualidade: DIEGO Maria Concepcion Juan Nepomuceno Estanislao de la RIVERA e Barrientos Acosta y Rodríguez, e PABLO Diego José Fran-

cisco de Paula Juan Nepomuceno Crispiniano de la Santissima Trinidad Ruiz y PICASSO.

● Irrompeu um incêndio no interior da Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, ao lado mesmo do túmulo de Cristo. Motivo: a negligência de um padre ao acender uma vela. A primeira negligência depois de quase dois mil anos.

● Um ladrão de apenas dezesseis anos, em La Spezia, após furtar dez mil liras de uma residência, nela deixou seu cartão de visitas, com nome e endereço completos... Principiante.

● Avila Camacho, ex-Presidente do México (1940-46), faleceu aos 58 anos, após breve crise cardíaca.

● Eisenhower, já fora de perigo, celebrou seu 65º aniversário, em meio às manifestações de apreço dos norte-americanos.



AO ACEITAR, ao sair do «show» a «carona» que três rapazes conhecidos lhe ofereciam em seu carro, nem de leve poderia imaginar Glória May que dentro de alguns instantes seria brutalmente espancada, e atirada, sem sentidos, fora do automóvel. Agora, no hospital, a atriz de «Piu, piu pra vocês», ainda de rosto inchado, pensa com vagar na inconveniência de aceitar passeios de madrugada, mesmo quando se tratar de conhecidos.

● Em Nova Orleans, foram suspensos os serviços religiosos na capela de Santa Cecília. Motivo: os fiéis locais recusaram-se a assistir missa celebrada por um sacerdote negro.

● Janet Leigh, após filmar no Kenya, voltou doente a Londres. Não consegue dormir ou alimentá-la.

● Morreu Alice Joyce, famosa artista de cinema durante o cinema mudo. Seu nome teve tanto prestígio quanto o de Lollobrigida hoje.

● Também morreu o barítono Riccardo Stracciari, aos 80 anos de idade. Após ter conquistado imensa fortuna com sua voz, encarregou-se de dissipá-la até ao último vintém, graças ao jôgo, de que foi grande entusiasta.



AGOSTINHO P. DE SOUZA

Foi no dia 13 de outubro e a rua da Assembléia achava-se apinhada: seis veículos repletos de flores, filas duplas de gente e um inspetor de trânsito que apitava inútilmente.

As casas comerciais das redondezas estavam fechadas. No centro da aglomeração — uma loja comercial — algumas pessoas choravam, e dentro, um fato inédito: uma câmara ardente, entre blusões, calças, camisas e bugigangas.

E o repórter entrou com dificuldade. Lá estava aquele que em vida se chamara Agostinho Pereira de Souza, de 65 anos de idade, dos quais 55 passados no Brasil. Falecera na véspera, dia 12, justamente um ano após o falecimento de sua esposa, d. Deolinda Veloso Pereira de Souza, mãe de seus filhos Natalino, Dalila, Manuel, Clarisse e Jorge, todos maiores e sócios da Casa, fato que ocorre também com os 14 empregados mais antigos da loja, que ali começaram a vida como simples varredores.

Agostinho era um homem bom. Fundou instituições de caridade, dentre as quais destacamos a Fundação Obreiros do Bem, que possui um hospital com 200



leitos, além de maternidade. Tudo com o seu dinheiro. Além disso, dava mensalmente dinheiro a várias instituições de caridade, sobretudo a tendas espíritas. Era excelente orador e gostava também de poesia, pois costumava escrever versos às vészes. Atribuía seu sucesso a sua maneira liberal de negociar. Costumava criar «slogans» que os seus familiares denominavam de «violentos» porque, apesar de ser um homem muito pacato, tudo o que escrevia começava mais ou menos assim: «Violenta Remarcação»; «Um Vendaval de Retalhos a Preços Arrasadores»...

A FEIRA DE AMOSTRAS

Sem o brilho das vészes anteriores, foi inaugurada a 14ª Feira Internacional de Amostras, com o concurso de alguns poucos países estrangeiros. Acha-se aberta diariamente das 15 às 19 horas, em edifício especialmente construído em frente ao Ministério da Fazenda. Eis a fachada do prédio, com as bandeiras dos países representados hasteadas.

DE 7 EM 7



A Princesa Margaret

● A Princesa e o Plebeu continuaram a dar assunto telegráfico. Exatamente como no filme que foi feito na Itália. Margaret disposta a casar-se com o capitão Townsend, o capitão ainda mais disposto, o «Times» a sair dos seus silêncios e austeridades para aconselhar Margaret a renunciar para ela e seus descendentes aos direitos de sucessão, a Igreja Anglicana a dar os contras, a rainha-mãe Isabel, como todas as mães, disposta a sacrificar tudo pela felicidade da filha, e a rainha Elizabeth olhando tudo isso, com muito toque oficial do alto do seu trono. Mas quem está servindo de exemplo a princesa, é o tio, muito lampeiro e feliz, sem coroa, porém levando a vida que pediu a Deus. E que Deus lhe proporcionou, em troca da renúncia.

● Elizabeth não tem muito tempo para essas questões de família, porque seus deveres de governo são o que nós sabemos. Ou que não sabemos, porque nunca fomos governo. Agora, é a visita do Presidente Craveiro Lopes, com a esposa, visita de velhos amigos que serve também para situar a aliança secular reafirmada perante o mundo.

● O mundo que não tem tempo para se emocionar, tantas e tão sucessivas são as coisas que dentro dele acontecem. Nosso amigo Perón internado em Villa Rica, a mil quilômetros de Buenos Aires, mas a cento e poucos da fronteira argentina, indo em outra direção. Perón (e o seu «brôto») não vão ficar por muito tempo nesse Departamento de Villa Rica, pois de Milão mandam dizer que o ex-ditador estava comprando uma luxuosa vila no distrito do Lago Maggiore. Uma vila com vinte habitações, a fim de hospedar os antigos e leais servidores argentinos. Enquanto o povo, também argentino, vai deixando cair o queixo quando em visita aos tesouros que o ditador não teve tempo de levar, ao sair um tanto apressadamente da Casa Rosada. Salas cheias de riquezas acumuladas, jóias, barras de ouro, tudo valorizado em milhões de dólares. O «brôto» de Perón é que deve achar ruim. O povo argentino, não.

● A chancelaria francesa apresentou protesto ao embaixador espanhol repelindo acusações do seu país sobre o caso de Marrocos que está dando água pela barba. Dos franceses. As inundações nos EE.UU. deram para baixar, mas o balanço das mortes aumentou. As chuvas no Vale do Paraíba sempre atenuaram, em parte, a crise de energia. «Rio 40 graus» continuou proibido, mas «Sementes de Violência» não, e também é negativo. O Botafogo continuou a dar sofrimento aos seus adeptos. Dulcine marcou o seu primeiro grande triunfo com «Poeiras de Estrélas» — e o povo continuou de ouvido alerta, cansado de ouvir falar em golpe e na expectativa dos acontecimentos.



(Continuação da página 18)

se comprometam a tratá-los bem, os gatos ou cães de sua residência. Quando simpatizaram com «Jerry» e o levaram para a cidade de Caxias, «Mimosa» logo desapareceu, ressurgindo 15 dias mais tarde, com «Jerry» a seu lado.

Caso interessante e raro é o do periquito que vive entre a bicharada de d. Palmira. Quase todos os gatos o respeitam. A excessão é de apenas um gato rajado, do qual o periquitinho tem medo em virtude dos olhares pouco amistosos que o felino lhe lança. Os demais, porém, chegam a brincar com ele, que anda pela casa empoleirado no lombo dos mesmos.

OS «QUATRO GRANDES»

Os «Quatro Grandes» da casa de d. Palmira Gobbi são as mais importantes figuras daquele mundo diferente. A espécie canina tem dois representantes, a cadela «Dengosa» e o cão «Branquinho». Os outros dois são o periquito «José» e o gato «Pompílio». Dizem os vizinhos que os «Quatro Grandes» são os mais inteligentes, e é o que parece, porque estão sempre juntos, conforme se pode ver pela foto, em «conferências» sucessivas. Quando «Dengosa» e «Branquinho» rosnam, a turma sai de perto, humilde, da mesma maneira que «Pompílio» tem as preferências das gatinhas mais bonitas, sendo o pai da maioria dos bebês que nascem por ali...

Sujeito independente é o periquito, tanto mais que é protegido pelos dois mais fortes: o cão e a cadela, na hora de dormir! Diz d. Palmira que, por causa das dúvidas, ele se empoleira entre «Dengosa» e «Branquinho», porque «à noite todos os gatos são pardos»...

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº.

NOME..... Nº.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

A «REVISTA» HÁ 50 ANOS

29 de Outubro de 1905

Teatro

Quando ha tempos esteve por aqui de passagem para as margens do Prata a grande artista franceza Sarah Bernhardt, a sua personalidade foi o alvo de todas as vistas dos que tendo ainda um pouco da chamma artistica em seu cerebro pretenderam saudar a afamada artista e ficaram desde logo scientes se a cidade do Rio de Janeiro teria a ventura de tel-a como hospede alguns dias. O desespero, porem, foi geral, porque a caprichosa mulher revelou-se deixando d'esta feita encerrada em um camarote de transatlantico a artista famosa. Ella não se dignou apparecer nem responder de longe ás saudações que lhe faziam os representantes de um paiz onde ha annos teve occasião de receber a maior talvez das apoteoses de sua carreira artistica. E os nossos patricios voltaram de bordo cabisbaixos, sem terem tido a ventura de poder apreciar de perto um angelico sorriso ou mesmo um gargalhar dramatico da commediante a quem foram saudar. O vapor partiu levando no seu tombadilho a mulher que assim zombava dos anhelos dos habitantes de uma cidade e tudo isto porque n'esta mesma cidade segundo a sua opinião á esperava tão somente a morte horrenda pela epidemia que aqui... não grassava. A cousa foi divulgada e commentada e houve ainda quem por um espirito louvavel de santo zelo pela veital da arte tivesse vozes em seu peito para defender a pouca cortezia da mulher só porque ella encarnava a representação de uma epocha artistica, de uma escola classica de declamação, porque era a guardadora dos mais secretos mysterios da scena. Sempre somos muito generosos! Passaram-se os dias. O esquecimento da affronta veio pouco a pouco e ninguem mais fallou em mme. Sarah Bernhardt. Senão quando a empresa que havia contratado aquella atriz para Buenos Ayres julgou que quatro representações dadas no Rio de Janeiro augmentariam consideravelmente a sua verba de receita e por conseguinte julgou de bom alvitre commercial annunciar aos quatro ventos que a troupe organizada por Mme. Sarah Bernhardt viria, antes do seu regresso á Europa, antes do seu regresso á França, dar umas tantas representações n'esta cidade. E assim foi feito, não se enganando a empresa no resultado almejado, pois as assignaturas que conseguiu obter foram sufficientes para garantir as cinco representações que aqui deveriam ser

dadas. Mme. Sarah Bernhardt, veio, o Theatro Lyrico suspendeu as suas representações e os annuncios noticiavam com preços fabulosos as peças que deviam ser representadas. Nada, pois, desmentiu as esperanças do empresario. Ainda bem, para credito de nossa fidalguia e da nossa boa educação. Vejamos porem o que representou Mme. Sarah e sua troupe, na scena do Rio de Janeiro, e como foi ella d'esta vez julgada pela nossa platea. As peças apresentadas á apreciação do publico foram La Sorcière, Angelo, Adrienne Lecouvreur, La Dame Aux Camélias, e Hamlet. Em La Sorcière, o trabalho da grande commediante apenas se exhibiu com vantagem em dous actos sendo o trabalho dos seus companheiros, por muito numerosos, pouco destacado. Em seguida foi representada a Adrienne Lecouvreur, da lavra da propria atriz, e onde ella teve, como alias era natural, o principal trabalho. A peça é um pouco monotona no começo, tendo porém no seguimento dos actos um enredo mais movimentado e um fim de accordo com as necessidades da scena. A terceira peça foi Angelo, de Victor Hugo, muito conhecida. Em matinée, com o titulo de espectáculo popular, foi representada La Dame aux Camélias, uma das mais bellas e primorosas creações da grande artista. O Hamlet foi o ultimo espectáculo. E nelle, a nosso ver, Sarah foi infelicissima. Demais comprehende-se facilmente. O papel de Hamlet foi talhado para ser interpretado por um homem e por mais brilho e realce que lhe possa dar a artista franceza, nunca poderá chegar á altura da interpretação maravilhosa que lhe deram Novelli e Emmanuel. O proprio trajar do personagem, figurino creado pela imaginação caprichosa da artista, estava em completo desaccordo com o que sempre temos visto, usado pelos principaes interpretes de Shakespeare. A nossa platea bem comprehendeu essa differença, o que parece não agradou muito a Mme. Sarah Bernhardt, que segundo cremos está já tão habituada a não ser nem criticada e a não encontrar em seu caminho senão os incensos dos turiferarios, que chegou até a externar não houveramos comprehendido a sua lingua e o seu trabalho. Como porem o seu desagrado, dando a entender que não ha rosas sem espinhos, Mme. Sarah Bernhardt, colhendo as inumeras rosas dos applausos recebidos por esta mesma platea, que segundo ella, não a comprehendeu, teve tambem de levemente ferir-se num pequenino espinho que se encobria por entre as petalas cheirosas das flores que formavam seu ramalhete de victorias.

EN PASSANT

● Chega-nos a triste noticia da morte de Rivière, o admiravel mestre de xadrez que durante 50 annos frequentou assiduamente o celebre Café de la Regence, de Paris, onde se bateu inumeras vezes com o grande Paul Morphy, de quem foi contemporaneo. Louis Arnous de Rivière, tendo abandonado as luctas dos torneios, pois desde muitos annos deixou de concorrer aos mesmos, para dirigil-os, visto que, devido á sua alta competencia e ao respeito que todos os mestres do jogo de xadrez lhe votavam, era sempre escolhido para a organização destes certamens, annotando sempre com muita sabedoria, as partidas que publicava em sua secção do Illustracion.

POÇOS DE CALDAS



Situada numa região privilegiada, suas belezas naturais são uma festa para os olhos dos visitantes. As águas miraculosas, tornaram-na a primeira estação da America do Sul.

O Expresso Brasileiro, seguindo a sua tradição de bem servir, mantém magnifica linha, ligando S. Paulo a Poços de Caldas com diversos horários diários intercalados de hora em hora.

Escalas em:
Campinas - Mogi-Mirim
Mogi-Guaçu - S. João da Boa Vista - Ag. da Prata



Pontualidade nos horários

AGENCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

POÇOS DE CALDAS

Rua Rio de Janeiro, 63 - Fone 831-M

CAMPINAS

Pça. Floriano Peixoto, 292 - Fone 5948



EXPRESSO
BRASILEIRO
VIAÇÃO UN

SCIENCIA

● Frillat apresentou á Academia de Sciencias de França uma nota em que assignala as propriedades do assucar queimado. O aldeido formico que d'elle se desenvolve pode ser utilizado com muita efficacia na desinfecção dos aposentos, dado o seu poder anti-septico. Assim se justifica o velho costume, muito em practica no Brasil, de queimar assucar para purificar o ar das habitações.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alcaides

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME.....

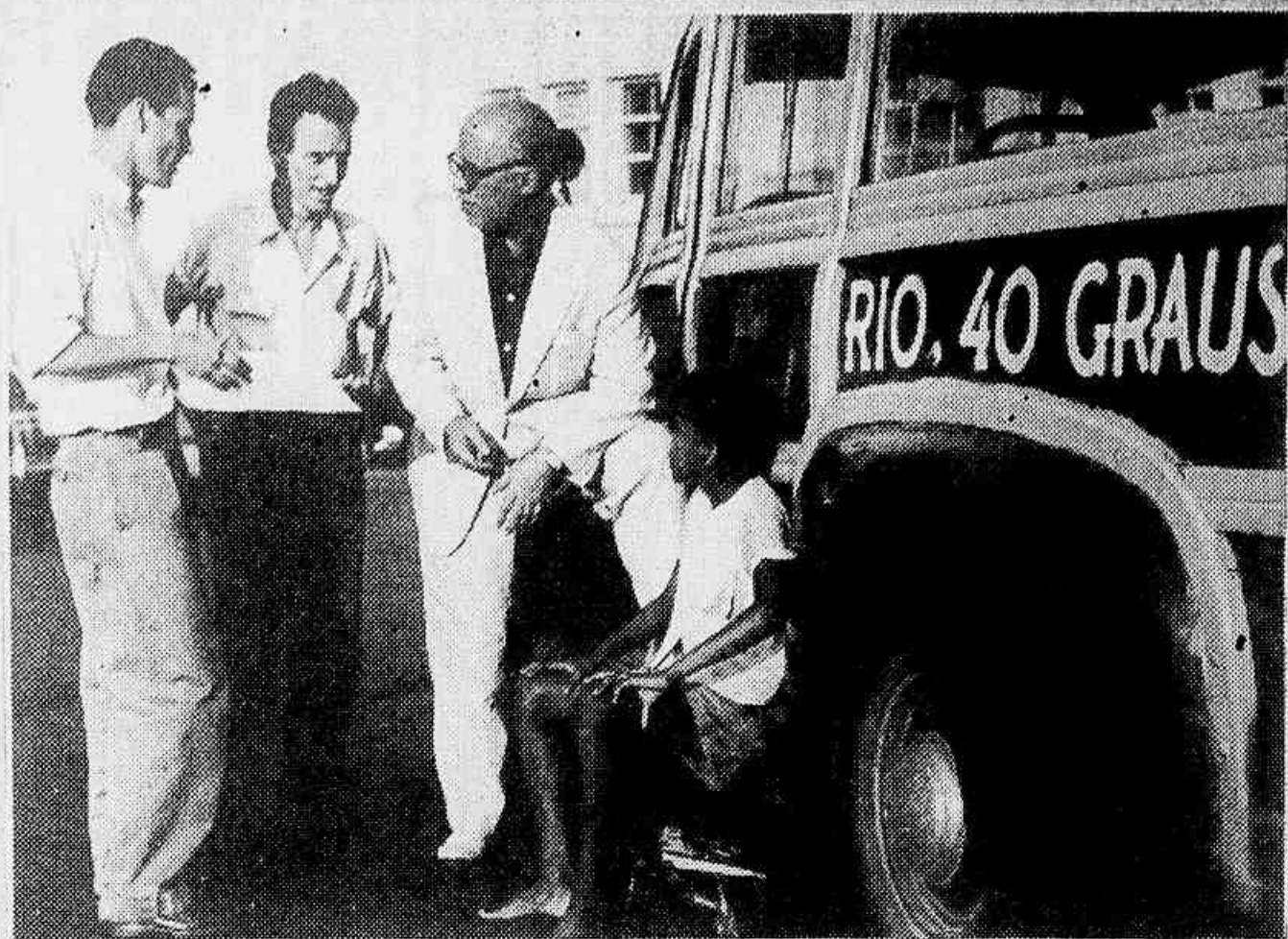
RUA.....

CIDADE.....

Nº.....

ESTADO.....

TEMPO QUENTE NO RIO (NÃO É POLÍTICA)



QUARENTA GRAUS À SOMBRA



QUANDO PERGUNTARAM AO CHEFE DE POLÍCIA QUEM HAVIA FEITO A DENÚNCIA — QUE ATÉ ENTÃO SE CONSIDERAVA ANÔNIMA — S. S^o NEGOU-SE E RESPONDEU: «OS SENHORES COMPREENDEM... QUESTÃO DE ÉTICA!» ★ POR SUA VEZ, NELSON PEREIRA DOS SANTOS (O DIRETOR) ESQUIVA-SE A COMENTAR A PROIBIÇÃO E FALA, EM TESE, SOBRE O CINEMA BRASILEIRO ★ VIRÁ A LIBERAÇÃO DENTRO DE UM MÊS, COMO SE SUPÕE?

Reportagem de
HYNENNY GOMES FERREIRA

QUANDO esta reportagem estiver impressa e os leitores da *Revista da Semana* dela tomarem conhecimento, mais de um mês terá decorrido desde o dia em que o cel. Chefe de Polícia, senhor Geraldo Menezes Côrtes, superpondo-se à liberação anteriormente concedida (pelo Serviço de Censura do Departamento que dirige) ao filme brasileiro «Rio, 40 Graus», proibiu sua exibição em todo o território nacional (a fita já estava com lançamento programado para São Paulo e Porto Alegre), sob a alegação de que, no filme, «tudo é falso, a princípio pelo título», assim como porquê, no seu enredo, eram «usadas expressões impróprias à boa

Roberto Batalin e Glauce Rocha são o casal romântico do filme. Ambos, nesta película, têm a melhor atuação de sua carreira, superando em muito as das produções anteriores em que tomaram parte. No detalhe ao alto, o diretor Nelson Pereira dos Santos troca idéias com Hélio Silva, diretor de fotografia, assistidos pelo veterano ator Sadi Cabral e pelo garoto Haroldinho.

RIO QUARENTA GRAUS



«Esta simpática família, igualmente, não gostou o sr. cel. No seu entender, ela é o protótipo da degradação humana, e como tal não deve aparecer aos olhos do povo. Os jovens da esquerda, no filme, vêm a se casar. Na vida real, lá pelo morro, a história talvez seja bem diferente...

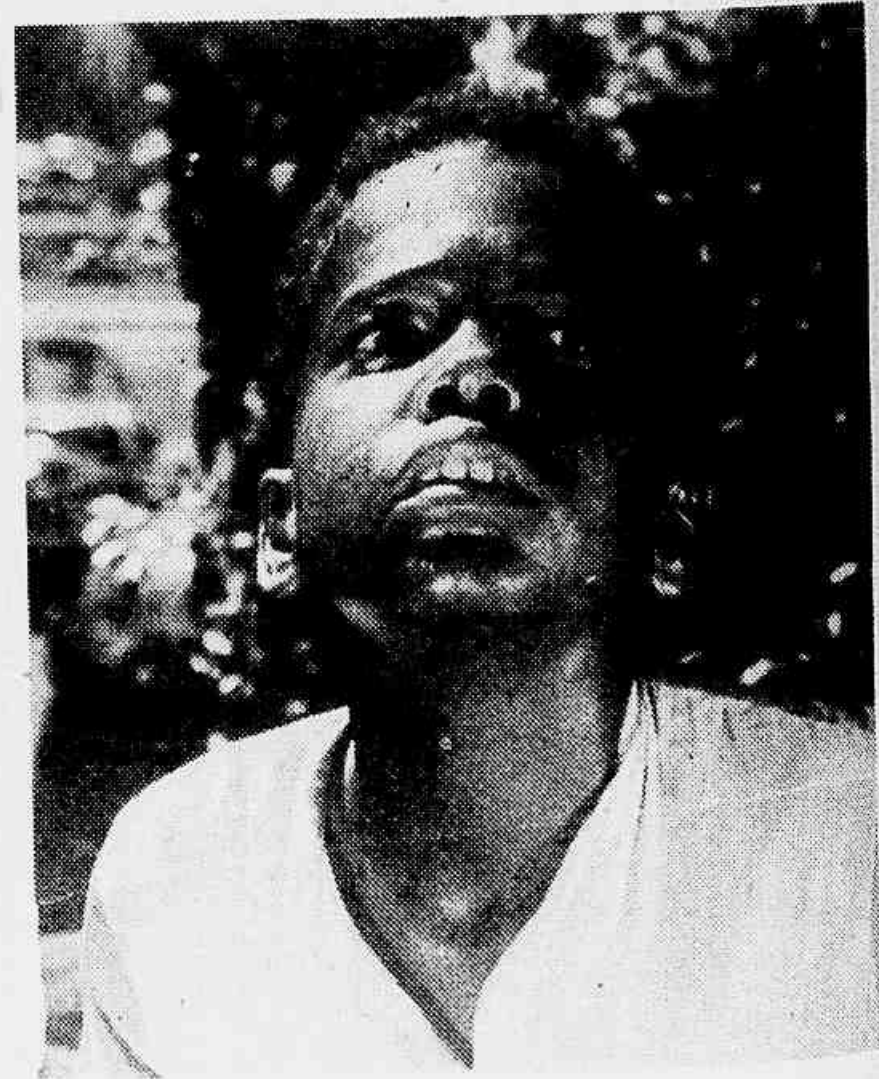
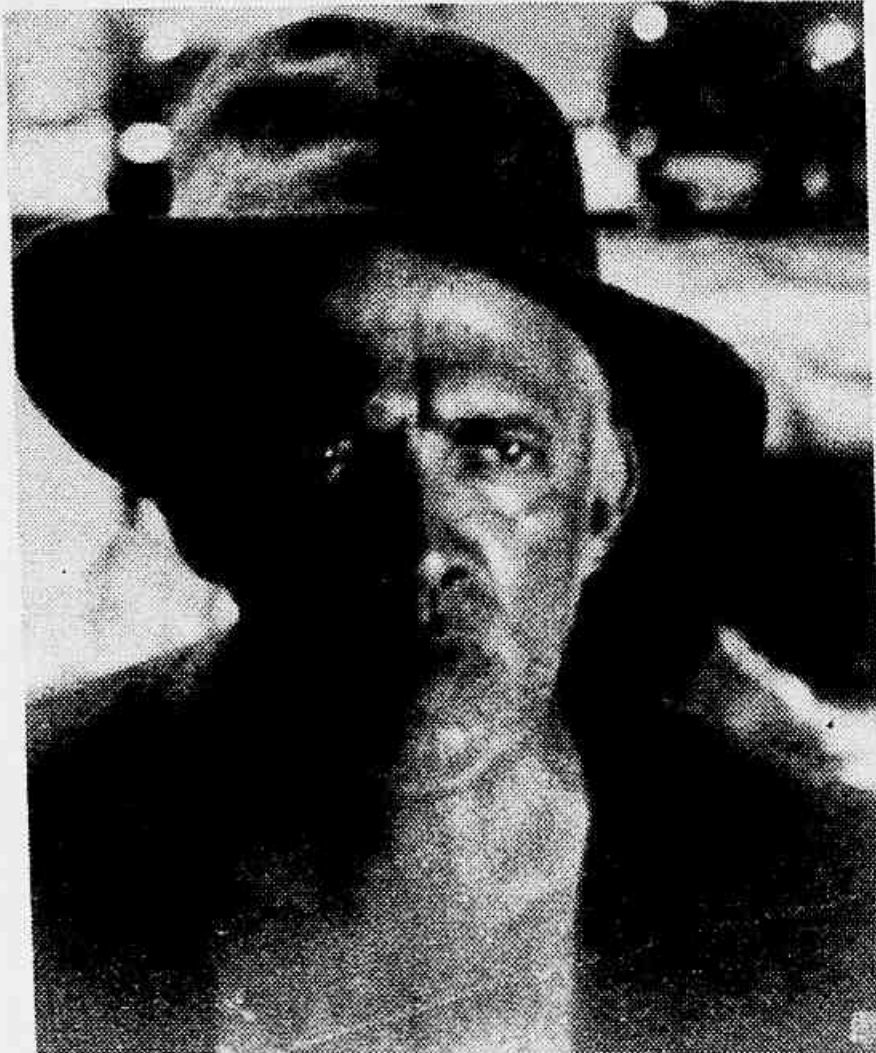
educação do povo» e ainda porque «tudo no filme tem o intuito destrutivo».

● O FILME DO CORONEL

Na entrevista coletiva concedida à imprensa, no dia 29 de setembro último, demonstrou o sr. cel. o porquê da sua atitude.

— Tudo no filme é falso — começou por dizer então S.S.^o — a principiar pelo título: «Rio, 40 Graus». Se conseguimos alcançar esta temperatura, foi por exceção. É uma sucessão de aspectos da miséria do Rio de Janeiro. Só apresenta pontos negativos, sem um aspecto positivo. Não é realista. É, sobretudo, organizado

com a técnica comunista, onde só aparece o lado mau da vida nos países não comunistas. O malandro é uma figura torcida da realidade e endeusado; o pai de família é um cachaceiro; os guris que vendem amendoim são vítimas da extorsão dos malandros. Os contrastes existem no mundo, porém foram todos apresenta-



Jece Valadão, o terrível Miro do Filme, encarna o papel do malandro mais respeitado do morro, o mais disposto e o mais brigão. O Chefe de Polícia não gostou muito do tipo que ele representa, apenas porque Miro, num «revertero» havido no morro, deu um grande abraço no seu desafeto...

Expressões como esta, dignas da melhor escola neo-realista mundial fazem de «Rio, 40 Graus» uma película que enobrece o cinema nacional, agora em franco progresso. Nas fotos, Sadi Cabral e o garoto Haroldinho.

TEM A PALAVRA O DIRETOR

dos com intenção de produzir choque emocional. Os quadros, sem seqüência, são todos passados num domingo, porém o filme não explica isso, dando a falsa impressão de que no Rio não se trabalha. A técnica do filme, no sentido de destruir, é tão perfeita, que o único menino que realmente merece a compaixão de todos, que é correto e vive afastado da malandragem, morre atropelado por um carro! A proibição não tem aspecto político. O filme foi feito com o intuito de destruir, de solapar a sociedade. Se eu fôsse Chefe de Polícia da Itália, proibiria a exibição dessas películas em cujos padrões e técnica se inspirou «Rio, 40 Graus», principalmente os que foram rodados no após guerra, onde a influência comunista era absoluta. Hoje, esses filmes são proibidos (!).

● O FILME EM SI

O argumento de «Rio, 40 Graus», contrastando com as declarações do sr. cel. Chefe de Polícia, é a história de um domingo no Rio de Janeiro. As pessoas, as figuras e as coisas surgem no decorrer do filme por um simples motivo de casualidade. Se prendem a atenção do espectador, isto acontece porque são parte integrante da cidade, expressões passageiras da vida exuberante do Rio de Janeiro. Assim, depois de mostrar a cidade no seu conjunto, a história narra diversos acontecimentos de um domingo carioca, através das peripécias de cinco pequenos vendedores de amendoim. Eles se dividem pelos diversos pontos característicos do Rio, à procura do melhor mercado para o seu produto. Em cada um desses locais, emerge um episódio típico da vida da população carioca. Além dos garotos que vendem amendoim, há no filme, como fator de ligação das histórias, a marcação do sufocante calor de nossa cidade. Um calor de dezembro, daqueles que enlouquecem pela sua constância, que esparramam alegria pela luminosidade de que os acompanha.

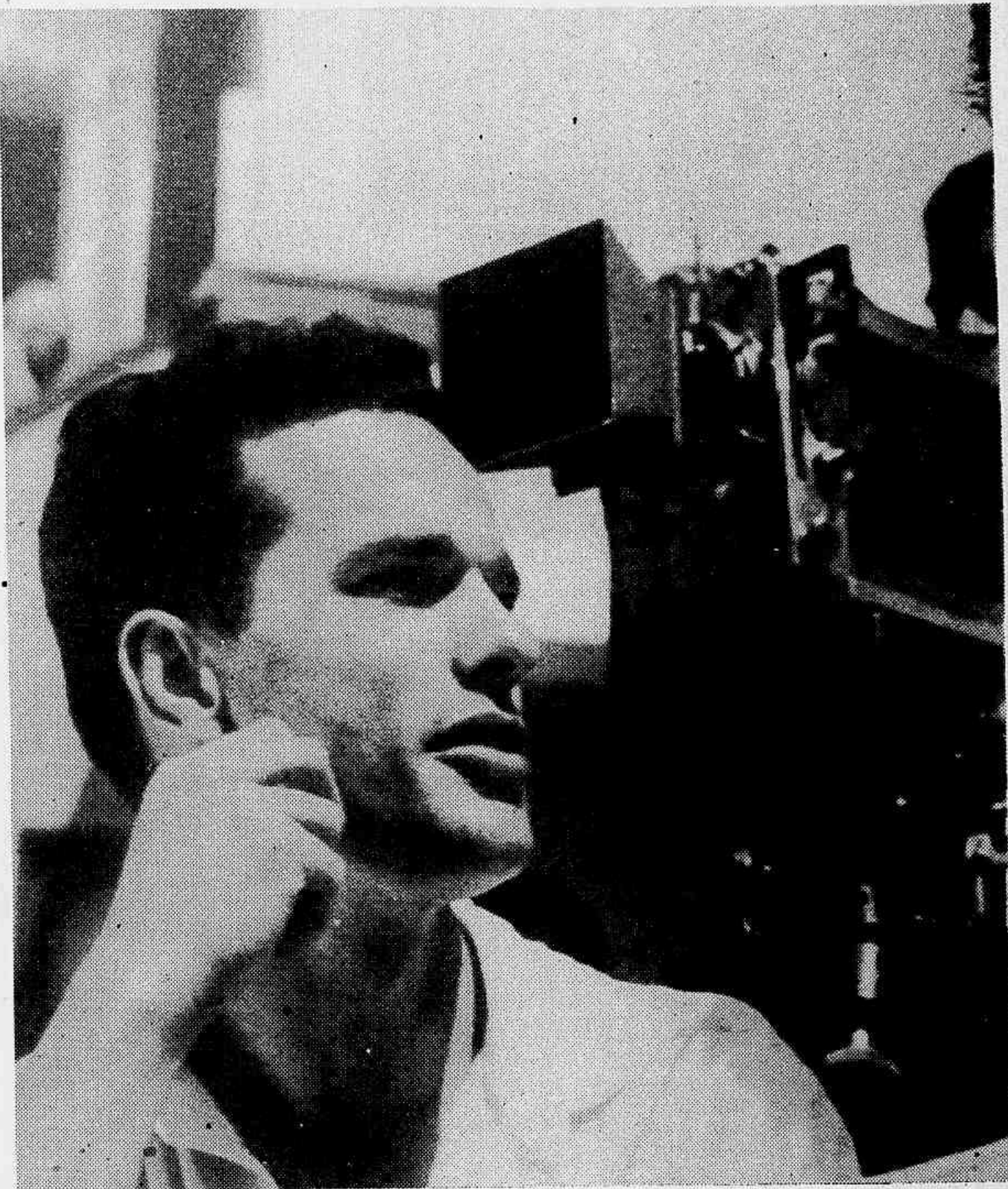
«Rio, 40 Graus» é, em suma, uma história de um domingo carioca, agitado, calorento, cheio de vida e de colorido humano.

● UMA PROIBIÇÃO ORIGINAL

O Chefe de Polícia, antes mesmo de ver o filme, proibiu-o taxativamente de ser exibido, atendendo a uma denúncia anônima(!) que lhe foi feita, circunstância essa que, dias depois, quando da exibição privada do filme «Sementes de Violência», no Metro-Copacabana, confessaria para os jornalistas ali presentes. Instado a revelar o autor da denúncia — que no entender do repórter jamais poderia ser anônima (afinal de contas, senhores, o sr. Chefe de Polícia... é o Chefe de Polícia e não um ingênuo qualquer) — S.S.^a esquivou-se de citá-lo, dizendo:

— Os senhores compreendem: questão de ética!

É bem verdade que o cel. Côrtes, pressionado por uma situação de fato, inequívoca, e como que buscando elementos que justificassem a atitude, até certo ponto antipática, anteriormente tomada contra a exibição do filme, procurou assisti-lo depois, o que realmente suce-



Tendo em vista o ocorrido ao filme «Rio, 40 graus», que como sabem os leitores, teve sua exibição proibida «a posteriori» pelo sr. Chefe de Polícia, Cel. Menezes Côrtes, REVISTA DA SEMANA pôs suas páginas à disposição do jovem diretor Nelson Pereira dos Santos, a fim de que o mesmo se defendesse das acusações que lhe foram feitas por aquela autoridade policial, na estruturação geral do filme em questão. Afirmando que o assunto já era do domínio público — seu maior defensor em tais circunstâncias, segundo declarou à reportagem — mesmo assim agradecia à gentileza da REVISTA DA SEMANA e aproveitava a oportunidade para manifestar sua opinião sobre o Cinema Nacional, que no seu entender se encontra sob constante perigo de colapso, sendo o caso de «Rio, 40 graus» o melhor exemplo.

Eis como a respeito se pronunciou o jovem diretor :

— Considero que a defesa do mercado interno através da taxaço dos filmes estrangeiros e o financiamento estatal à indústria cinematográfica constituem as duas medidas preliminares e simultâneas que exige o progresso do cinema brasileiro.

Os homens de cinema, em sucessivas reuniões e congressos têm apontado estas soluções e conseguiram, mesmo, que elas fossem consignadas no projeto de lei que cria o Instituto Nacional de Cinema. E' preciso, agora, mais luta e decisão de todos os produtores, técnicos e artistas para que este Instituto torne-se uma realidade, para que se transforme de papeladas e pareceres parlamentares em organismo vivo e atuante no sentido do desenvolvimento da cinematografia brasileira.

Mas, a par dos Institutos e das leis protecionistas, cabe aos cineastas, aos argumentistas e diretores, a responsabilidade, a elevada e digna responsabilidade da identificação do mesmo cinema com a cultura nacional. Fazer crescer a indústria, consolidá-la, não é tarefa apenas de políticos e dos produtores de filmes. E' preciso a participação ativa dos criadores de filmes, que podem imprimir o conteúdo humano e universal ao cinema, e retratar em suas obras a vida e as tradições de nosso povo. O cinema eminentemente nacional é condição de seu sucesso artístico e comercial para as indústrias cinematográficas nascentes.

O dever dos criadores do filme é, pois, colocar o cinema brasileiro no caminho, no amplo e novo caminho, do aproveitamento dos temas da nossa cultura, da nossa história e da vida exuberante de nosso povo.

RIO QUARENTA GRAUS

deu; nem por isso, contudo, S.S.^a se deixou demover. Pelo contrário, até: convenceu-se, ainda mais, de que o filme era altamente pernicioso à formação moral de nossa gente, e que a denúncia anônima (!) fôra por demais benévola para com a película, visto como esta continha (e contém) algo que melhor enquadraria a situação dentro dos dispositivos da lei de segurança nacional: o filme se prestava aos objetivos do extinto Partido Comunista do Brasil.

● TESTEMUNHOS DIVERSOS

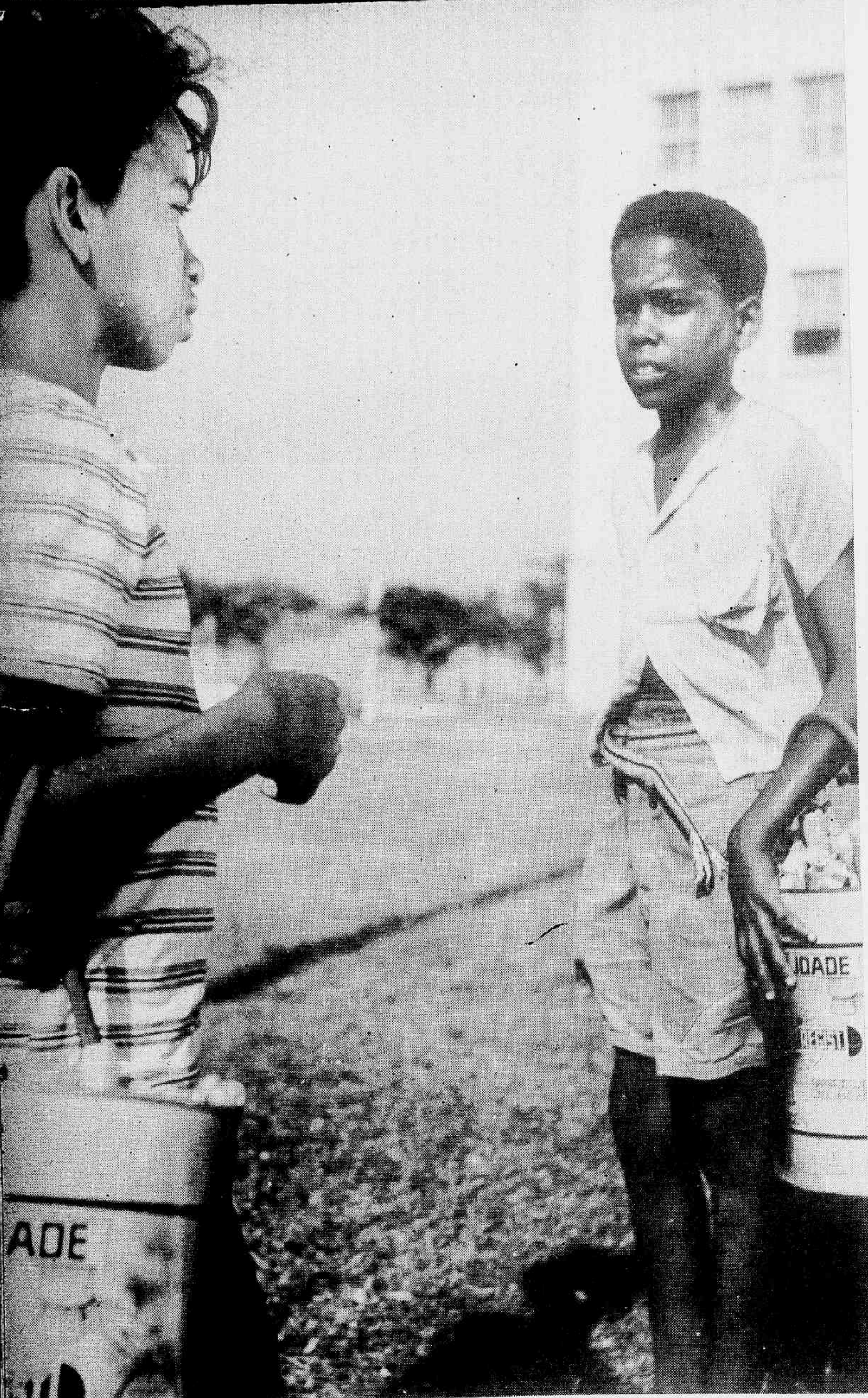
Todos aqueles — jornalistas, críticos, magistrados, intelectuais, professores, etc. — que viram o filme em questão, são unânicos em afirmar que nada de excepcional (no sentido negativo, bem entendido) existe no mesmo, senão, que, dada as suas altas qualidades, deveria ser exibido nas escolas, visto tratar-se de um filme educativo, e por ser autêntico e humano, feito com bom-gosto e ternura.

Tênicamente, é um filme maravilhoso. Nunca se fez coisa igual no Brasil, em matéria de cinema, parecendo-nos que dificilmente será o mesmo superado, a não ser que o jovem Nelson Pereira dos Santos, seu realizador, a tanto se proponha. E por falar nisso, que tal se o Nelson filmasse «A morte do porta-estandarte», de Aníbal Machado?

● PROXIMA LIBERAÇÃO

Tudo indica que dentro de um mês, isto é, até meados de novembro próximo, «Rio, 40 Graus» será liberado por decisão da justiça comum. Os advogados Evandro Lins e Silva e Vítor Nunes Leal impetraram mandado de segurança contra o ato do Chefe de Polícia, estando o caso correndo em julgado na 5ª Câmara Cível, figurando como relator o sr. Gastão Álvares Macedo, que dispõe de cinco dias para encaminhar o pedido de contestação à autoridade coatora, ou seja, ao cel. Côrtes.

Os garotos que vendem amendoim, autênticos garotos da Favela do Cabuçu, são os verdadeiros heróis do filme. Seu desempenho supera ao dos profissionais que no celulóide tomam parte.



REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 44 — Rio de Janeiro — 29-10-55

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-9647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

QUEM SERÁ A RAINHA DA BELEZA LUSO-BRASILEIRA?



SENHORITA DORA LIBERATO, da União Oliveira Salazar, do Rio.

COMO NÃO PODIA DEIXAR DE SER, continua despertando imenso entusiasmo no seio das inúmeras Associações Portugêsas sediadas no Brasil, a notícia de um sensacional concurso destinado a selecionar a Rainha das Associações Portugêsas do Brasil, representante máxima da beleza luso-brasileira. Em colaboração com a «Voz de Portugal», transmitido pela Rádio Globo, em boa hora, realmente, REVISTA DA SEMANA idealizou esse certame,

que — nunca é demais insistir — visa tão somente o estreitamento da tradicional amizade que tem unido os dois povos através de tantos séculos, sem qualquer finalidade comercial ou de alguma outra espécie. Já sobe a algumas dezenas o número de Associações que, por cartas ou telegramas, já emprestaram todo o seu apoio à nossa iniciativa, à qual não pouparam elogios e palavras de estímulo.



NOVAS FOTOGRAFIAS — Assim é que já hoje podemos publicar em nossas páginas, tal como havíamos prometido, o retrato de mais duas candidatas, as senhoritas Dora Liberato, da União Oliveira Salazar do Rio de Janeiro, e Laerce Frederighi, do Centro Tramontano de São Paulo. Será que uma delas há de ser a escolhida para Rainha das Associações Portugêsas do Brasil? Pelo menos, qualidades não lhes faltam. Os leitores que o digam, pelas fotos.



MANDEM FOTOGRAFIAS — Tornemos a dizer que os flagrantes fotográficos de todas as candidatas que nos forem enviados serão publicados e divulgados, através da REVISTA, em todo o país. Queiram

pois remetê-los às interessadas, e com urgência, para a nossa Redação, à rua Maranguape, número 15, no Rio de Janeiro. As fotos devem ser de tamanho nunca inferior a 13 x 18 centímetros. Todos os domingos, às 19,05 horas, no programa «Revista de Portugal», Celestino Silveira, através da Rádio Globo, divulga as instruções do certame. Também a «Voz de Portugal», semanalmente, orienta seus leitores e os interessados, em geral, com farto noticiário a respeito.



SENHORITA LAERCE FREDERIGHI, que concorrerá representando o Centro Tramontano de São Paulo.

AS BASES

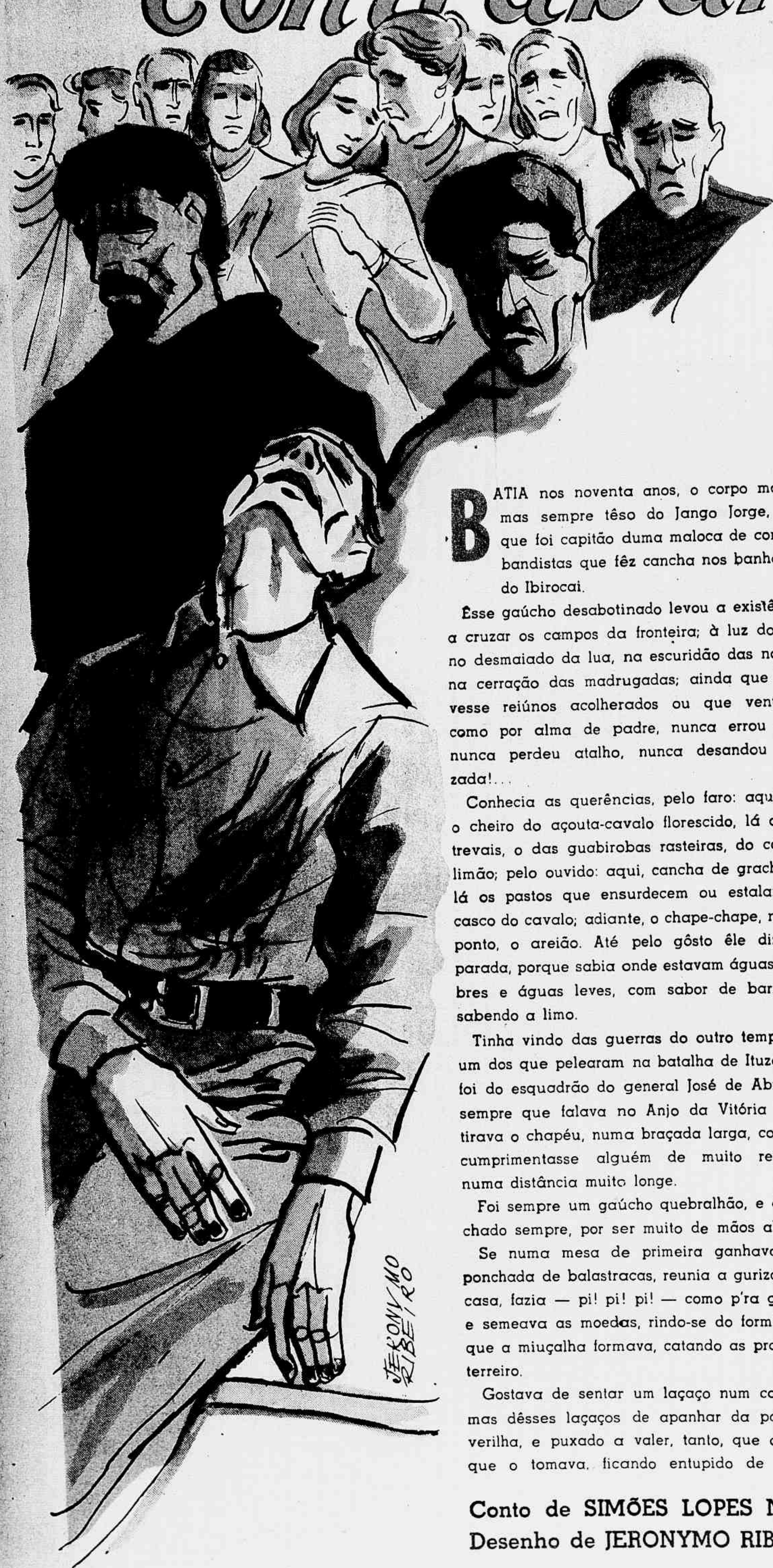
● **NO DIA 31 DE DEZEMBRO**, no transcorrer do tradicional «Reveillon», as diversas Associações Portugêsas do Rio de Janeiro e dos vários Estados apresentarão cada qual sua candidata ao cobiçado título de Rainha das Associações Portugêsas do Brasil. A 22 de janeiro, uma Comissão Julgadora composta de ilustres personalidades brasileiras e portuguesas efetuará uma prova eliminatória com as várias candidatas, selecionando aquelas que lhes parecerem as mais belas. No dia 29 de janeiro, afinal, será dado à publicidade o resultado final do concurso, com a proclamação da Rainha das Associações Portugêsas do Brasil.

● **OS PRÊMIOS** — Como já é do conhecimento de todos, o principal prêmio do grandioso concurso é uma viagem a Portu-

gal, com passagem de ida e volta para a Rainha e uma acompanhante, e mais a estada, por um mês, no luxuoso Hotel Trivoli, um dos melhores de Lisboa, cuja situação, no próprio coração da cidade, na Avenida Liberdade, atraem para seu seio o quase total do número das celebridades de passagem por Lisboa.

Outros prêmios, porém, em jóias, em dinheiro, em vestuários, foram já ofertados, e outros mais certamente surgirão. Todas essas recompensas fazem desse Concurso um dos mais atraentes jamais realizados no Brasil, e justificam a imensa acolhida que vem tendo em todos os recantos de nossa terra, onde exista pelo menos uma bela descendente de lusitanos. Cumpre acrescentar que a partida para Lisboa dar-se-á nos princípios da primavera do próximo ano de 1956.

Contrabandista



BATIA nos noventa anos, o corpo magro mas sempre teso do Jango Jorge, um que foi capitão duma maloca de contrabandistas que fêz cancha nos banhados do Ibirocaí.

Esse gaúcho desabotinado levou a existência a cruzar os campos da fronteira; à luz do sol, no desmaiado da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas; ainda que chovesse reúnos acolherados ou que ventasse como por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada!...

Conhecia as querências, pelo faro: aqui era o cheiro do açouta-cavalo florescido, lá o dos trevais, o das guabirobas rasteiras, do capim-limão; pelo ouvido: aqui, cancha de grachains, lá os pastos que ensurdecem ou estalam no casco do cavalo; adiante, o chape-chape, noutro ponto, o areião. Até pelo gosto ele dizia a parada, porque sabia onde estavam águas salobres e águas leves, com sabor de barro ou sabendo a limo.

Tinha vindo das guerras do outro tempo; foi um dos que pelearam na batalha de Ituzaingo; foi do esquadrão do general José de Abreu. E sempre que falava no Anjo da Vitória ainda tirava o chapéu, numa braçada larga, como se cumprimentasse alguém de muito respeito, numa distância muito longe.

Foi sempre um gaúcho quebralhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas.

Se numa mesa de primeira ganhava uma pontada de balastracas, reunia a gurizada de casa, fazia — pi! pi! pi! — como p'ra galinha e semeava as moedas, rindo-se do formigueiro que a miuçalha formava, catando as pratas no terreiro.

Gostava de sentar um laçoço num cachorro, mas dêsses laçoços de apanhar da paleta à verilha, e puxado a valer, tanto, que o bicho que o tomava, ficando entupido de dor, e

lombeando-se, depois de disparar um pouco o que gritava, num — caim! caim! caim! — de desespero. Outras vêzes dava-lhe para armar uma jantarola, e sôbre o fim da festa, quando já estava tudo meio entepigaitado, puxava por uma ponta da toalha e lá vinha de tirão seco, tôda a traquitana dos pratos e copos e garrafas e restos de comidas e caldas de doces!...

Depois garganteava a chuspa e largava as onças p'ras unhas do bolicheiro, que aproveitava o vento e ele achaba cuentas de gran capitán!...

Era um pagodista!

Aqui há poucos anos — coitado! — pousei no arranchamento dêle. Casado ou doutro jeito estava afamiliado. Não nos víamos desde muito tempo.

A dona da casa era uma mulher mocetona ainda, bem parecida e mui prazenteira; de filhos, uns três matalotes já emplumados e uma mocinha — prô caso, uma moça — que era o Santo Antoninho onde te porei! — daquela gente tôda.

E era mesmo uma formosura; e prendada, mui habilidosa; tinha andado na escola e sabia botar os vestidos esquisitos das cidadãs da vila.

E noiva, casadeira, já era.

E deu o caso, que quando eu pousei, foi justo pelas vésperas do casamento; estava esperando o noivo e o resto do enxoval dela.

O noivo chegou no outro dia; grande alegria; começaram os aprontamentos, e como me convidaram com gosto, fiquei p'ra festa.

O Jango Jorge saiu na madrugada seguinte, para ir buscar o tal enxoval da filha.

Aonde, não sei; parecia-me que aquilo devia ser feito em casa, à moda antiga, mas como cada um manda no que é seu...

Fiquei verdeando, à espera, e fui dando um ajutório na matança dos leitões e no tiramento dos assados com couro.

Nesta terra do Rio Grande sempre se contrabandeou, desde em antes da tomada das Missões. Naqueles tempos o que se fazia era sem malfícia, e mais por divertir e apoquinar as guardas do inimigo: uma partida de guascas montava a cavalo, entrava na Banda Oriental e arrebanhava uma ponta grande de eguarisos; abanava o poncho e vinha à meia-rêdea; apartava-se a potrada e largava-se o resto; os de lá faziam conosco a mesma coisa; depois era com gados, que se tocava a trote e galope, abandonando os assoleados.

Isto se fazia por despique dos espanhóis e eles se pagavam desquitando-se do mesmo jeito. Só se cuidava de negocear as guardas do Sérro Largo, em Santa-Tecla, do Haedo... O mais, era várgea!

Depois veio a guerra das Missões; o govêrno começou a dar sesmarias e uns quantíssimos pesados foram-se arranchando por essas campanhas desertas. E cada um tinha que ser um rei pequeno... e agüentar-se com as balas, as lunares e os chilarotes que tinha em casa!...

Conto de SIMÕES LOPES NETO
Desenho de JERONYMO RIBEIRO

Foi o tempo do manda quem pode!... E foi o tempo que o gaúcho, o seu cavalo e o seu facão, sòzinhos, conquistaram e defenderam-se destes pagos!...

Quem governava aqui o continente era um chefe que se chamava o capitão-general; êle dava as sesmarias mas não garantia o pelego dos sesmeiros...

Vancê tome tenência e vá vendo como as coisas, por si mesma, se explicam.

Naquela era, a pólvora era do el-rei nosso senhor e só por sua licença é que algum particular graúdo podia ter em casa um polvarim...

Também só na vila de Pôrto Alegre é que havia baralhos de jogar, que eram feitos só na fábrica do rei nosso senhor, e havia fiscal, sim senhor, das cartas de jogar, e ninguém podia comprar senão dessas!

Por êsses tempos antigos também o tal rei nosso senhor mandou botar p'ra fora os ourives da vila do Rio Grande e acabar com os lavrantes e prendistas dos outros lugares desta terra, só p'ra dar flux aos reinóis...

Agora imagine vancê si a gente lá de dentro podia andar com tantas etiquêtas e pedindo louvado p'ra se defender p'ra se divertir e p'ra luxar!... O tal rei nosso senhor não se enxergava, mesmo!...

E logo com quem!... Com a gauchada!...

Vai então, os estancieiros iam em pessoa ou mandavam ao outro lado, nos espanhóis buscar pólvora e balas, p'ras pederneiras, cartas de jôgo e prendas de ouro p'ras mulheres e preparos de prata p'ros arreios...; e ninguém pagava dízimos dessas coisas.

As vêzes, lá voava pelos ares um cargueiro, com cangalhas e tudo, numa explosão de pólvora; doutras, uma partida de milicianos saía de atravessado e tomava conta de tudo, a coice d'arma; isso foi ensinando a escaramuçar com as golas de couro.

Nesse serviço foram-se alicionando alguns gaúchos; recebiam as encomendas e p'ra aproveitar a monção e não ir com os cargueiros debalde, levavam baeta, que vinha do reino, o fumo em corda, que vinha da Bahia, e algum porção de canha. E faziam trocas, de elas por elas, quase.

Os paisanos das duas terras brigavam, mas os mercadores sempre se entendiam.

Isto veio mais ou menos assim até a guerra dos Farrapos; depois vieram as califórrias do Chico Pedro; depois a guerra do Rosas.

Aí inundou-se a fronteira da província de espanhóis e gringos emigrados.

A causa não mudou de figura. A estrangeirada era mitrada, na regra, e foi quem ensinou

a gente de cá a mergulhar e ficar de cabeça enxuta...; entrou nos homens a sedução de ganhar barato; bastava ser campeiro e destorcido. Depois, andava-se empandilhado, bem armado; podia-se às vêzes dar um varejo nos milicos, ajustar contas com algum devedor de desaforos, aporrêar algum sub-delegado abelhudo...

Não se lidava com papéis nem contas de coisas; era só levantar os volumes, encangalhar, tocar e entregar!...

Quanta gauchagem leviana aparecia, encostava-se.

Rompeu a guerra do Paraguai.

O dinheiro do Brasil ficou muito caro: uma onça de ouro, que corria por trinta e dois, chegou a valer quarenta e seis mil réis!... Imagine o que a estrangeirada bolou nas contas!...

Começou-se a cargueirar de um tudo: panos, águas de cheiro, armas, minigâncias, remédios, o diabo a quatro!... Era só pedir por bôca!

Apareceram também as mascates da campanha com baús escangalhados e canastras, que passavam p'ra lá vazios e voltavam cheios, desovar aqui...

Polícia pouca, fronteira aberta, direitos de levar couro e cabelo e nas coletorias umas papeladas cheias de benzeduras e rabiscos...

Ora... ora... Passar bem, paisano!... A semente greiou e está a árvore ramalhuda, que vancê sabe, do contrabando de hoje.

O Jango Jorge foi maioral nesses estrupícios. Desde moço até a hora da morte. Eu vi.

Como disse, na madrugada, vesp'ra do casamento, o Jango Jorge saiu para buscar o enxoval da filha.

Passou o dia; passou a noite.

No outro dia, que era o do casamento, até de tarde, nada.

Havia na casa uma gentama convidada; da vila, vizinhos, os padrinhos, autoridades, moçada. Havia de se dançar três dias!... Corria o amargo e copinhos de licor de butiá.

Roncavam cordeonas no fogão, violas na ramada, uma caixa de música na sala.

Quase ao entrar do sol a mesa estava posta, vergando ao pêso dos pratos enfeitados.

A dona da casa, por certo traquejada nessas bolandinas do marido, estava sossegada, ao menos ao parecer.

As vêzes mandava um dos filhos ver se o pai aparecia na volta da estrada, encoberta por uma restinga fechada de arvoredos.

Surgiu dum quarto o noivo, todo no trinquê, de colarinho duro e casaco de rabo. Houve caçadas, ditérios, elogios.

Só faltava a noiva; mas essa não podia aparecer, por falta do seu vestido branco, dos

seus sapatos brancos, do seu véu branco, das suas flores de laranjeiras, o que o pai fôra buscar e ainda não trouxera.

As moças riam-se; as senhoras velhas cochichavam.

Entardeceu.

Nisto correu voz que a noiva estava chorando: fizemos uma algazarra e ela — tão boazinha! — veio à porta do quarto, bem penteada, ainda num vestidinho de chita de andar em casa, e pôs-se a rir p'ra nós, p'ra mostrar que estava contente.

A rir, sim rindo na bôca, mas também a chorar lágrimas grandes, que rolavam devagar dos olhos pestanudos...

E rindo e chorando estava, sem saber por que... sem saber por que, rindo e chorando, quando alguém gritou do terreiro:

— Aí vem o Jango Jorge, com mais gente!...

Foi um vozeiro geral, a moça porém ficou, como estava, na porta do quarto, rindo e chorando, cada vez menos sem saber por que... seu vestido branco, o seu véu, as suas flores de noiva...

Era já lusco-fusco. Pegaram a acender as luzes.

E nesse mesmo tempo parava no terreiro a comitiva, mas num silêncio, tudo.

E o mesmo silêncio foi fechando tôdas as bôcas e abrindo todos os olhos.

Então vimos os da comitiva descerem de um cavalo o corpo entregue de um homem, ainda de pala enfiada...

Ninguém perguntou nada, ninguém informou nada; todos entenderam tudo...: que a festa estava acabada e a tristeza começada...

Levou-se o corpo p'ra sala da mesa, para o solá enfeitado, que ia ser o trono dos noivos. Então um dos chegados disse:

— A guarda nos deu em cima... tomou os cargueiros... E mataram o capitão, porque êle avançou sòzinho p'ra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto... e ainda o amarrou no corpo. Aí foi que o crivaram de balas... parado... Os ordinários!... Tivemos que brigar, p'ra tomar o corpo!

A sia dona mãe da noiva levantou o balan-drau e desamarrou o embrulho; e abriu-o:

Era o vestido branco da filha, os sapatos brancos, e seu véu branco, as flores de laranjeira...

Tudo numa plastada de sangue... tudo manchado de vermelho, tôda a alvura daquelas coisas bonitas como que bordada de colorido, num padrão esquisito, de feitios estrambólicos como flores de cardo solferim esmagadas a casco de bagual!...

Então rompeu o chôro na casa tôda.



FORTUNA (de frente) APRESENTA

FLAGRANTE



O FUNDO DO



SEM FUNDO



FLAGRANTE



Dormir

BEM ★★



É MUITA COISA

COLCHÃO DE MOLAS

Selo **DE**
OURO



RUA VARELA DE JENARO, 282 — Tel. 43-1787

RUA LUCÍDIO LAGO, 96-B (Meier) Tel. 29-7708